

Leda Maria Flaborea

AS CINCO



Leda Maria Flaborea

AS CINCO

AS CINCO
Leda Maria Flaborea

Data da publicação: 30/07/2020

CAPA: Maria Líria Cortegoso

REVISÃO: Cínthia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Flaborea, Leda Maria.

F568c As cinco / Leda Maria Flaborea; revisão Cínthia Cortegoso; capa
Maria Líria Cortegoso. - Londrina, PR : EVOC, 2020.
162 p.

1. Literatura Brasileira-crônicas. I. Cortegoso, Cínthia. II.
Cortegoso, Maria Líria. III. Título.

CDD B869.4
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	6
NOMES, VERDADES E FANTASIAS.....	8
AMANDA.....	14
Um.....	14
Dois.....	18
Três.....	20
Quatro.....	23
Cinco.....	27
A Carta.....	30
Seis.....	36
Sete.....	38
CAMILLE.....	44
Um.....	44
Dois.....	49
Três.....	52
Quatro.....	55
Cinco.....	58
Seis.....	62
Sete.....	67
Oito.....	79
MIRIAM.....	81
Um.....	81
Dois.....	85

Três	90
Quatro	94
Cinco.....	96
Seis	99
Sete	102
MARINA.....	104
Um	104
Dois.....	108
Três	114
Quatro	118
Cinco.....	120
Seis	124
Sete	129
Oito.....	135
CLARISSE.....	136
ACORDEI.....	147
A NOVA TAREFA	150
O CONTO	156
RESSONÂNCIAS AFETIVAS	156

DEDICATÓRIA

Esta obra é um ato de amor que ofereço a todos aqueles que, nos dois planos da existência, me ampararam conduzindo-me com segurança até que a terminasse.

Aos amigos espirituais que, incansavelmente, me inspiraram, ajudando-me a refletir – muitas vezes em desdobramentos noturnos – sobre conceitos doutrinários que me deveriam ser passados; que, amorosamente, advertiam-me para a correção de muitos trechos para que minhas palavras não ferissem suscetibilidades; que, equilibradamente bloqueavam minha mente a fim de que as ideias que eu desejava passar fossem devidamente amadurecidas, pensadas, para que não se perdesse a oportunidade do esclarecimento; e que, acima de tudo, e em momento algum, não impediram que minha imaginação florescesse, deixando-me livre para escrever o que vinha do meu coração.

Aos amigos encarnados que abriram as portas da Doutrina dos Espíritos para que eu pudesse entrar e, tendo entrado, ajudaram-me a caminhar com segurança e disciplina; que me transmitiram seus conhecimentos e experiências, ensinando-me até onde podemos chegar quando conduzimos nossos estudos e nossas tarefas com seriedade e responsabilidade; que me mostraram quanto é importante o conhecimento doutrinário, mas que sem o uso desse conhecimento em benefício de muitos, nada valerá a pena.

“Na vida, a amizade é o sorriso dos espíritos em harmonia.”

(Cíntia Cortegoso)

NOMES, VERDADES E FANTASIAS

Meu nome é Clarisse.

A história que vou contar não é a da minha vida, mas, sim, a de pessoas que poderiam ser qualquer um de nós.

O fato de a minha história estar misturada com as dessas vidas é porque cada uma delas passou por mim e deixou sua marca. Por essa razão, essa história não tem capítulos, tem nomes.

Nomes comuns como todos nós os temos. Simples ou compostos, nomes de santos, de amigos, alguns trazidos dos outros cantos do mundo. Nomes inventados, estranhíssimos, metade do pai, metade da mãe.

Muitos são Júnior, outros, Filho. Podem ser Antônio, Cecília, Maria e até mesmo Maria José ou José Maria.

O que vale é ter uma identidade para que não nos percamos no meio dessa multidão de outros nomes, tão anônimos quanto nós próprios.

Somos, sim, anônimos porque o que realmente conta na vida planetária que experimentamos é o que fizemos ontem, fazemos hoje e pretendemos realizar amanhã, com base no que já aprendemos.

Meus personagens são, hoje, Camille, Miriam, Amanda e Marina. Ontem, quem foram, não se lembram e o amanhã, certamente, ignoram. Mas cada uma delas tem uma história que nada tem a ver com seus nomes, mas, sim, com seu modo de pensar e agir no mundo no qual estão presentemente inseridas. Cada uma dessas mulheres tem uma vida interior que se reflete ao seu redor, envolvendo a todos com os quais se relaciona, dando a elas a oportunidade de questionarem suas existências, suas escolhas, suas dificuldades, permitindo desabrocharem para o despertar como seres imortais.

Caminho inevitável de todo ser humano para avançar na senda do progresso espiritual.

Suas escolhas foram feitas, inclusive as minhas, e o desdobramento disso está presente nas suas histórias. Em alguns momentos teremos a sensação de conhecê-las intimamente, de havermos experimentado ou estarmos experimentando as mesmas emoções. E isso nos enriquecerá, por certo.

Os fatos que lerão permeiam a realidade, uma vez que as histórias fictícias das vidas das personagens, em muitos momentos, se confundem com aquelas vividas por elas mesmas. Considerando-se isso, não teremos então só fantasias, mas meias verdades. Todavia, não importa muito se é ou não verídico o que aconteceu, mas, sim, a presença delas na minha vida. Deixaram marcas e me tornaram uma pessoa melhor. Um pouco mais doce, um pouco mais alegre e, absolutamente, agradecida a Deus por terem cruzado meu caminho um dia.

Miriam foi sempre, sem sombra de dúvida, a amiga mais antiga. Acompanhei sua luta ao lado do companheiro difícil, enquanto ele esbanjava saúde e, depois, tão dependente da bondade da mulher, para sobreviver à doença que o castigava. Foi o maior exemplo de renúncia e de sacrifícios pessoais que conheci, com quem convivi, em nome de um amor que procurava salvar do desespero uma mente e um coração atormentados pelo remorso por ter lhe causado tanto sofrimento.

Doçura e humildade, de um lado, lutavam contra o orgulho e o egoísmo, de outro. E essa luta foi o cenário onde pude presenciar a força do amor contra o mal, do equilíbrio contra o desajuste. Por tudo isso, foi o personagem mais difícil de ser composto, justamente pela riqueza de informações que eu possuía e pelo escrúpulo em não tocar em feridas que sabia existirem, porque as presenciei. Entretanto essa mesma riqueza de vida possibilitou-me tratá-la com maior intimidade. Enquanto a proximidade física existiu, usufruí de todos os exemplos que Miriam dava por meio da sua luta. Nunca precisou dizer – até porque não era dada a

qualquer tipo de autopromoção – o que fazia. Ela simplesmente executava o que era preciso ser executado, pois, independente e segura dos seus propósitos, caminhava real e literalmente em linha reta.

Minha ligação com Marina é algo inusitado. Sempre que falo nela ou dela, lembro-me de um filme no qual os personagens só se conheciam pelas cartas que escreviam, um para o outro e, simplesmente, se amavam. Foi assim que nos conhecemos, por meio de cartas, às vezes longas, às vezes curtas, profundas ou superficiais, tristes ou alegres, mas sempre verdadeiras e amorosas. Sabíamos tudo uma da outra, como irmãs morando em países distantes e sem nenhuma chance de se encontrarem. Todavia, isso nunca alterou nossa disposição de nos ajudarmos mutuamente. Durante muitos anos – e quantos – só nos falamos ao telefone, consolando-nos mutuamente ou compartilhando alegrias.

Conheci-a por meio de seu filho. Um dia, esse jovem afastou-se de mim feito ave migratória em busca de outras terras, deixando-me sua mãe como uma herança de amizade. Depois, decidi escrever a ela em busca de notícias. Foi a partir desse dia que iniciamos uma correspondência que durou anos e que nos trouxe muito conforto, alegria e sustentação em momentos difíceis que vivenciamos. Por gostarmos de escrever cartas, estabeleceu-se entre nós um amor fraterno que talvez não encontrasse correspondência se houvesse consanguinidade entre nós.

Só nos conheceríamos pessoalmente alguns anos depois e sem que houvesse necessidade de qualquer palavra. Foi como se não nos víssemos há apenas uma semana. Coisas de almas afins, almas antigas que escapam à compreensão dos simples mortais, como somos todos nós, ainda que tivéssemos crenças diferentes, objetivos pouco semelhantes, mas com o ingrediente mais importante para uma relação verdadeira: respeitávamo-nos.

Se todos nós pensássemos de forma idêntica, de que maneira poderíamos rever nossas atitudes, nossos princípios? Como crescer se não existe a comparação, o confronto?

Camille representa, até hoje, para mim, o ar benfazejo que Deus sopra sobre Seus filhos para que nos traga alívio, mostrando que vale a pena ter fé e esperança. Ele usa o próprio homem para ajudar os outros homens. Se alguém disser a vocês que conheceu outro alguém por acaso, não acreditem. É tolice, ingenuidade ou orgulho imaginar que o acaso exista. Tudo faz parte de um plano geral que nos coloca em circunstâncias nas quais teremos a possibilidade de encontrar pessoas que, de algum modo – ainda que ignoremos tal fato –, estejam ligadas a nós para que de alguma forma – ainda que não saibamos como – possam interferir ou não em nossas escolhas. Vai depender de nós. E Camille foi, com toda certeza que tenho, dentro das inúmeras incertezas que permeiam minha vida, um encontro programado no mundo espiritual, para me beneficiar na terra. O “anjo bom” – como se fosse possível existir anjo mau, e então não seria anjo – da nossa infância.

Encontramo-nos pela primeira vez em um curso que teria a duração de três anos. Não a vi no início das aulas. Estava eu mais preocupada em aprender que fazer amizades, se bem que algumas sejam inevitáveis pela proximidade dos lugares em que nos sentamos em uma sala. Sempre discreta e silenciosa, absolutamente diferente de mim, só pude perceber a sua presença algum tempo depois. Alguma coisa nos atraiu e não parecia ser as nossas semelhanças, ao menos pensava assim, mas algo maior, além da amizade superficial que muitas vezes norteia as relações nos cursos que fazemos, quaisquer que sejam eles.

Somente com a convivência no decorrer dos dias que se seguiram, é que nos demos conta de que tínhamos as mesmas necessidades, os mesmos anseios do Espírito: trabalhar em benefício do próximo, cada uma a sua maneira e com suas limitações.

Camille é espírita e com frequência falava-me de como essa doutrina nos traz consolo e sustentação, esclarecendo-nos e fazendo-nos refletir a respeito do porquê das nossas existências. Entretanto, independentemente de convicções religiosas, um elo

amoroso nos une, permitindo que nos ajudemos mutuamente, na busca por sermos pessoas melhores a cada dia. Ela mais do que eu, com certeza, e com mais facilidade. Camille é uma bênção em minha vida e na vida de todos aqueles que transitam com ela pelos caminhos do bem.

Com Amanda a identificação foi diferente. Apesar de nos havermos conhecido na mesma classe em que Camille e eu estudávamos, ela só veio ter conosco no ano seguinte. Por problemas pessoais – e como ela os tinha –, transferiu-se de sala, dia e horário. Ainda bem, pois rapidamente nos unimos e passamos a ser chamadas “os três mosqueteiros”. Por geralmente estarmos juntas, éramos motivos de brincadeiras dos companheiros de classe. Todos adultos, com vidas estruturadas, responsáveis, mas alunos e, portanto, agindo como era de se esperar. Mas, ao invés de nos aborrecermos, divertíamos-nos. Era muito bom lembrar dos bancos escolares, da nossa época de estudante e das algazarras que promovíamos levando nossos superiores à loucura.

A minha sintonia com Amanda estava no fato de ela ser muito mais ansiosa que eu e, olhando para ela, ficava imaginando que se não me cuidasse também acabaria ficando naquele estado de aflição permanente. Tudo que em mim era em demasia, nela surgia exacerbado, pois só reconhecemos o que conhecemos. Vê-la, era ver-me e isso me assustava. Minha vontade de ajudá-la da forma que fosse possível propiciou a nossa aproximação.

Entretanto ao lado dessa ansiedade, havia um desejo indisfarçável de querer ser diferente, mais tranquila, menos expectadora da sua vida e mais autora dela. Isso a incomodava, mas as circunstâncias que envolviam seu dia a dia não lhe davam espaço para outra forma de ser. Ambas sabíamos, todavia, que mais dia menos dia a reviravolta aconteceria. Se Espírito estava cansado. Era questão de tempo, de esperar, de perseverar.

Nada está parado no Universo e como suas leis são iguais para toda a criação, era só confiar enquanto fazíamos a nossa parte. Queiramos ou não, somos cooperadores do equilíbrio cósmico

ou do seu transitório desequilíbrio. A escolha é sempre nossa e as consequências dessa escolha também. Amanda, Camille e eu tínhamos convicção disso. Para as duas isso era inexorável, mas para mim, apesar dessa certeza, havia muitos pontos nebulosos, muitas perguntas à espera de respostas.

Miriam, Marina, Camille e Amanda, amigas e irmãs queridas que me emprestaram suas histórias, seus sonhos – possíveis ou não – para que eu pudesse, inspirada nelas e, em alguns momentos, lançando mão delas, realizar essa obra. Obrigada a vocês, onde estiverem nesse momento.

AMANDA

Um

○ porteiro do edifício onde morava avisou-me que Amanda estava subindo. Ao abrir a porta, deparei-me com uma fisionomia abatida que mal lembrava a mulher alegre que conhecia.

– Clarisse, minha amiga, tive uma recaída – diz pesarosa.

Convido-a a entrar e pergunto com alguma preocupação o que estava acontecendo.

– Voltei a fazer as mesmas coisas que fazia antes e que jurei a mim e a Deus nunca mais fazer. Jurei e não consegui cumprir – falava com profundo desalento.

– O que aconteceu para você ficar neste estado?

– Cheguei à conclusão de que não tenho mais conserto, pois todas as vezes que pretendo mudar meu jeito de agir, não consigo. Tento e não consigo.

– E quantas vezes já tentou, verdadeiramente?

– Algumas, e nunca dá certo. Depois, fico neste estado.

– Amanda, minha amiga, não seria hora de procurar a ajuda de um profissional, de um terapeuta para orientá-la nessa busca?

– Prefiro você – diz enfática.

– Mas não tenho condição de ajudá-la como precisa e merece. Sou apenas sua amiga...

– É por isso mesmo. Quem mais teria paciência em me ouvir? Além do mais, aqui é mais gostoso e mais barato.

– Amanda, eu não estou brincando. Você precisa de alguém treinado...

– Você está só um pouquinho certa a respeito disso, Clarisse, mas como vou falar com ele ou ela, seja lá quem for, que além dos meus problemas pessoais e familiares, também falo com

Espíritos, recebo comunicações deles, escrevo mensagens, que vejo o mundo espiritual... Mandarão internar-me e me colocarão em camisa de força e cela isolada.

– E por que não procura um profissional que tenha a mesma crença que você? Eles existem, sabia?

– Sabia, sim, mas também sei que o meu problema está em mim, porque não sei administrar a minha relação com a família. Tenho consciência do que precisa e deve ser feito – eu já tentei outras vezes, lembra-se? Mas dura tão pouco tempo...

– Minha amiga, você é interessante – disse com certo tom de ironia – É perfeccionista em tudo que faz e, o que é pior, espera também que os outros o sejam e, no entanto, não persevera, não insiste nessas mudanças de atitudes que só trarão benefício a você e a quem está ao seu lado. Tenta uma, duas vezes e para. Só se chega à perfeição depois de milhares de tentativas e muito treinamento para corrigir os erros. Não sou da área de saúde mental nem espírita como você e Camille, mas a vida ensinou-me que se não tentarmos uma, duas, mil vezes, se for preciso, não alcançaremos vitória alguma.

– São tantas as dificuldades que preciso enfrentar por causa dessas mudanças, que desanimo e volto à acomodação – lamuria-se minha amiga.

– Bem, isso é uma escolha sua. Ou permanece no velho ou busca o novo, para arejar a vida, é opção que temos de fazer todos os dias. Se prestar atenção no seu dia a dia poderá ver quantas vezes – e penso que centenas de vezes – fazemos escolhas. A mudança que você deseja é mais uma delas. Evidentemente, um pouco mais complexa que decidir, simplesmente, com que roupa ir a uma festa... mas o processo é o mesmo.

– O que me desanima, minha amiga, é que tenho as ferramentas para realizar essas mudanças, mas não quero sofrer pelas adversidades que as acompanham.

– Você e toda a humanidade, não é? Já viu alguma mudança não trazer transtornos? Até quando mudamos de casa o caos se

instala, o que dirá em nossa maneira de pensar, falar e agir! Só que, após certo tempo, as coisas se acomodam, a vida toma novos rumos, sob outros parâmetros, nos preparando para outras mudanças mais adiante.

– Mas parece que você não sofre quando acontece isso – observou Amanda.

– Engano seu, minha querida. O processo é o mesmo para todos nós. O que ocorre é que alguns aceitam a lentidão com que isso acontece. Alterar o jeito de ser, por meio de novas atitudes mentais, não é fácil e requer tempo e paciência. Quando falo nisso, sabe o que me vem à mente? Imagino Deus representado por imenso relógio de pêndulo e esse pêndulo significando as leis divinas.

– Que ideia, Clarisse!

– Não é tão difícil assim acompanhar meu raciocínio. Pense comigo: o relógio à nossa frente e nós, olhando para ele. Estamos falando apenas do homem, do ser humano, certo? O que vemos, então?

– O que vemos? – repete Amanda sorrindo.

– Vemos um ir e vir imutáveis, como um moto contínuo e isto significa que nada altera esse movimento porque ele é eterno, infinito. Partindo dessa imagem, percebemos que nosso relógio, com o respectivo pêndulo – nós também temos um, não vamos nos esquecer – não se movimenta no mesmo ritmo do relógio de Deus, como também nenhum relógio de um homem se movimenta igual ao outro. Podemos entender, assim, que cada um tem um ritmo próprio, mas não sincronizado com o relógio-guia.

– Então, se eu entendi – intervém Amanda –, isto quer dizer que cada ser humano desse Universo tem seu próprio tempo, diferente dos demais, mas ainda não iguais ao de Deus. É isso?

– É isso. Entretanto o mais importante é compreendermos que necessitamos estar na mesma sintonia do grande relógio, vamos chamar assim, por falta de termo melhor, movimentando nossa existência, na mesma cadência dele. Quando conseguirmos

isso, estaremos todos vibrando em uníssono com o Universo. Tenho para mim que o homem é o único ser destoante dessa grande sinfonia, mas também acredito que todos nós chegaremos lá.

– Acho que meu problema está aí. Gostaria de deitar-me, hoje, para dormir, e acordar amanhã pensando diferente, agindo de outra forma e que todas as pessoas com quem convivo aceitassem esse fato.

– Minha doce amiga, vou lhe contar um segredo: milagres não existem.

– E sonhar, posso?

– Deve. Os sonhos mantêm a esperança viva dentro de nós.

– Acho que um dia eu consigo essa façanha.

– Não é façanha porque não há nada de heroico nisso. É apenas o caminhar de todos nós. Lento para uns, mais acelerado para outros, mas um caminhar progressivo e com você não seria diferente. Sente-se mais tranquila com essa possibilidade?

– Com você só não se anima quem não quer. Mas, mudando de assunto, tem notícias recentes de Miriam? Faz tempo que não falo com ela.

– Ela está viajando, mas deve voltar em uma semana. Ligou-me dizendo que ia visitar a mãe e, assim que chegasse, começaria os preparativos para nossa viagem.

– Que bom se pudéssemos estar juntas mais vezes, como fazíamos antes de ela mudar-se para o Sul. Marina também, morando tão distante...

– Logo, logo estaremos juntas, as cinco.

– Isso vai ser muito divertido. Vamos telefonar para Camille e convidá-la para vir agora para cá?

– Perfeito! Faça isso e enquanto esperamos, vamos tomar chá com bolo?

– Você só pensa em comer?

– Não, penso também em outras coisas. Mas comer é tão bom, não é?

Dois

Uma hora da manhã. O telefone toca e sonolenta atendo.

– Alô!

– Lindinha, sou eu, Amanda.

Ela sempre me chama de lindinha quando telefona fora de hora.

– Que horas são?

– Uma!

– E isso é hora de telefonar?!

– A noite é ainda uma criança – diz Amanda soltando uma gargalhada – Estava trabalhando no filme que a agência me mandou esta tarde. É um tema médico e você sabe quanto gosto de trabalhar com assuntos ligados à Medicina. Mas não telefonei para isso. Marina ligou e ficamos até há poucos minutos conversando. Ela quer que todas nós passemos com ela quinze dias. Disse que irá viajar, uma viagem longa, e quer estar conosco esse tempo. Disse que vai ligar para todas.

– Como assim, viajar?

– Viajando, ora! Se não tem filhos para cuidar ou marido que a impeça, qual o problema?

– É verdade. Às vezes me esqueço que ela ficou viúva e que tem todo direito de divertir-se.

– Pois não é o que digo?

– Quando ela marcou?

– Em dois meses. Não é ótimo? Vai dar tempo de nos organizarmos.

– Excelente ideia essa da Marina. Então mudamos nossos planos de viajar, certo? Estaremos juntas por vários dias e isso será maravilhoso.

– Volte a dormir, lindinha. Amanhã nos falamos. Só queria mesmo dar a notícia. Um beijo e boa noite.

– Para você também.

Até parece que se consegue dormir depois de falar com Amanda. Que entusiasmo a uma hora da manhã.

– Boa noite, Amanda! – resmungo.

Três

Amanda, paulista e guerreira, não necessariamente um completando o outro, sendo que para bem defini-la, bastaria o segundo. Fortaleza moral construída nas lutas diárias. Vida vivida de grandes perdas e grandes ganhos que a maturidade vem se encarregando de equilibrar.

Doce olhar em sorriso amplo que lutava, há pouco tempo, hoje nem tanto, para superar uma ansiedade sempre presente na busca de querer fazer tudo perfeito para agradar aos outros. Mas está vencendo bravamente a si própria. Amanda sabe que um dia chegaremos à perfeição, mas parece às vezes se esquecer da lei divina que nos obriga sempre a caminhar para frente de maneira lenta, sem saltos, queiramos ou não.

Mulher tão inteligente e tão tola como somos, na verdade, todos nós que procuramos correr contra o tempo na busca de mais bens materiais, não importa quais sejam eles. Buscamos mais amores, não amor; mais beleza externa, não equilíbrio e paz interiores, correndo atrás de maior destaque mais pelo ter do que pelo ser. E, assim, vamos caminhando, inadvertidamente, passeando pela vida como se fora um imenso parque de diversões, sem objetivos viáveis, sem sonhos possíveis, como crianças sem pressa de crescer. É que o crescer traz consigo responsabilidades e suas naturais consequências que certamente não queremos. Não agora.

Mãe de três filhos – todos no masculino – vive rodeada deles por todos os lados e, sem nos esquecermos do marido, a solicitarem dela, tarefas diárias e cansativas. Que dona de casa com três filhos homens e um marido já tentou deixar de lavar, por um dia que fosse, as roupas que sujam diariamente? Por causa disso, como tantas mulheres, abdicou do sonho profissional, das poesias que

poderia criar, da sensibilidade intelectual que possui e que não pode extravasar. Não há tempo para si e isso a sufoca.

De descendência italiana por parte do pai e portuguesa por parte da mãe, passou infância feliz apesar de algumas dificuldades financeiras. Nunca faltaram na sua casa o bom vinho, o bom queijo e uma mãe que não a entendia. Dificuldade de relacionamento que somente muito mais tarde pôde compreender para perdoar.

Um dia, falando com ela ao telefone, foi possível perceber certa calma ou talvez um abrandamento da ansiedade que lhe era tão peculiar. Foram poucos minutos em que conseguiu silenciar para que eu pudesse falar, ou melhor dizendo, em que conseguiu escutar-me, aprendizado que mais tarde iria ajudá-la a encontrar-se. Sua atitude naquele dia surpreendeu-me. Fui, sou e serei os ouvidos de que Amanda necessita para aliviar seu coração e, como todo ouvido, é nosso dever ouvir e não perguntar.

A experiência que vimos vivendo ao longo da vida, nos permite, muitas vezes, compreender aquele que busca desabafar. Necessita ele, quase sempre, e simplesmente, exteriorizar por meio de palavras dos gestos, das lágrimas, o que não tolera mais guardar dentro de si. Como cachoeira, esse extravasamento tem a força benéfica de carregar consigo tudo aquilo que obsta a respiração.

Enquanto não deságua em queda livre, a água não gera eletricidade, trazendo benefícios para tantos; represada, entretanto, contamina-se, envenena e mata o que está dentro e fora. Quando a respiração fica livre de obstáculos, feito água canalizada, a calma é restabelecida. O peito ainda dói um pouco, mais pela vergonha da fragilidade do que pelo esforço físico despendido, mas o alívio se instala.

Benditos sejam, pois, esses corações sensíveis que, simplesmente, capazes de ouvir, selam os lábios materiais a conselhos inúteis que, muitas vezes, nos fazem mal, agravando um estado já tão desesperador. Benditos sejam os lábios que permanecem fechados a exemplos que nada têm com nossas

histórias pessoais, pois que a vida de cada um é totalmente diferente, sem paralelos, sem comparações.

Como é gratificante ter alguém que nos escuta sem dizer “se eu fosse você”, pois decididamente não somos. Porque cada um é único na sua história, nos seus sentimentos, nas suas expectativas, nos seus sucessos e fracassos. Que possamos todos entender, um dia, que a vida do outro é do outro e que não nos cabe interferir.

Essa mudança tão perceptível para mim, que a conheço bem, permitiu que a partir daquele momento fosse notando modificações gradativas, se bem que lentas, e ainda bem que são assim, na maneira de ser de Amanda: a vontade de perder o excesso de quilos que tomava conta do seu corpo, um cuidado maior com as roupas, os cabelos que voltaram a ser cuidados com esmero. Entretanto o mais importante nessas mudanças não foram os aspectos físicos, mas sua transformação interior. Primeiro a redução da ansiedade e agora, o brilho no olhar.

Alguém se lembra de quando esteve apaixonado? Pois é, os olhos parecem letreiros luminosos a dizerem a quem quiser ver: “eu amo”. Com certa apreensão guardava o desenrolar dos acontecimentos e a disponibilidade da minha amiga para contar-me o que estava acontecendo, se assim fosse seu desejo.

Quatro

Tarde da noite o telefone toca. A essa hora é sempre Amanda.

– Lindinha, precisamos conversar. Podemos nos encontrar amanhã? – perguntou ela.

A voz era grave e o assunto, certamente, bastante sério. Confirmamos o encontro.

No dia seguinte, na hora marcada, a campainha toca e uma Amanda sorridente e feliz surge diante de mim. Naquele momento não interessava saber as razões da alegria e, sim, verificar que outra mulher estava ali, parada na soleira da porta. Alegria incontida em encontros fraternos, leva-nos a abraços calorosos e doces palavras de carinho recíproco. E a pergunta inevitável surge:

– O que está acontecendo? – perguntei algo aflita.

– Espere um pouco! Nada de ansiedades porque estou muito bem!

– Até agora não está dizendo nenhuma novidade... Basta olhar para você!

Enquanto falava, retirava da bolsa um pequeno gravador, colocando-o sobre a mesa. Em seguida foi à geladeira e trouxe para a sala, provável local de uma reunião que pareceria acontecer, a jarra de água e os copos. Tudo indicava que a conversa seria demorada.

– Agora que estamos acomodadas, vou dizer o que vim fazer.

– Por favor, falei com certa aflição.

– Quero uma transcrição de tudo que eu disser, a partir do momento em que eu ligar esse gravador.

– Como assim? – indaguei intrigada.

– Para eu recorrer quando estiver insegura, em dúvida ou com medo. Lembra-se da minha amiga escritora que mora na Suíça

e que tem me mandado seus artigos para que eu os corrija e traduza para o inglês?

– Você falou sobre isso e também que ela estava pagando pelo serviço, o que me parece bastante justo. Trabalho e pagamento são um binômio bastante interessante, não concorda?

Sem comentar a observação um pouco irônica, da qual já me havia arrependido, pois falava de alguém que estava ajudando minha amiga, Amanda ligou o gravador e, sem mais nada dizer, fiquei aguardando o desenrolar da conversa.

– Sim, mas não é disso que estou falando. Mensalmente, enviou-me esses trabalhos e, a cada mês, o conteúdo deles dizia respeito a mim, às minhas incertezas, aos meus medos, às verdades transitórias e mentiras perenes nas quais sempre acreditei, e que estão sendo lentamente diluídas nesse processo de revisão e recondução da minha vida. O que está importando, neste momento, é a retomada da minha autoestima e a certeza de que ninguém é culpado pelos meus fracassos e pela minha paralisação diante da vida porque sempre achei que precisava de alguém para decidir por mim.

– Mas você sempre decidiu tudo dentro de casa...

– Não me refiro a problemas mezinhas do dia a dia, mas de decisões que envolvem os meus sentimentos, as minhas escolhas. Deixar que outros escolham por nós é transferir para o outro a responsabilidade pela escolha, isso no caso de fracassos, pois, se existe sucesso, nós é que somos os responsáveis. Refleti muito sobre tudo isso e percebi que o simples fato de deixarmos outras pessoas decidirem por nós, o que nos compete fazer, já nos responsabiliza, diante da vida, pelas consequências advindas dessa escolha.

– Pode explicar isso?

– É simples! Quando deixo alguém escolher por mim, estou na verdade escolhendo não fazer o que deveria ser feito por mim mesma. E se o outro fracassa na sua escolha, eu me torno responsável por isso também.

– Responsável duas vezes, é isso?

– É isso!

Amanda, mulher inteligente e sensível, foi despertada para o crescimento interior por meio de um trabalho que tinha, no seu início, o objetivo de ajudá-la financeiramente e que acabou por desencadear uma cachoeira de sentimentos que só trouxe benefícios a ela e a todos que estavam ao seu redor. É bem verdade, que não saberia dizer, até aquele momento, de que forma os familiares estavam reagindo a essas mudanças.

Aparentemente, nossa conversa estava apenas no início e tudo indicava que iria demorar. Olhava minha amiga com real amizade e me pus a pensar que, em outros tempos, certamente ela não conseguiria permanecer calma sabendo que os filhos e o marido estariam esperando por ela, para fazer aquilo que toda dona de casa sempre faz, sem que alguém, alguma vez, se lembrasse de que talvez, apenas talvez, ela gostasse de não ter que fazê-lo.

– Estou apaixonada! – disse de uma só vez, sem vacilar.

Aquela afirmação, direta e espontânea, foi um verdadeiro soco no estômago. Meus olhos abertos e a respiração suspensa, resultado do susto, fizeram com que Amanda soltasse sonora gargalhada.

– De que você está falando, criatura?! Ou melhor, de quem você está falando? Que história é essa de estar apaixonada? Você enlouqueceu? E o Rubens, e as crianças?

– Vamos por partes – disse calmamente. Primeiro, estou apaixonada, sim, e todos lá em casa já sabem. Não gostaram muito no início, mas já estão aprendendo a conviver com essa nova realidade.

– É isso, Amanda, você enlouqueceu e enlouqueceu toda a sua família!

– Lindinha, sossegue. Eu explico. Nunca fui mãe exemplar, pois devia ter tomado algumas atitudes há alguns anos, e não tomei. Também, nunca fui esposa modelo, apesar de achar que cumpria muito bem meus dois papéis. Hoje sei que não fui nem

uma coisa nem outra, pois descobri que não podia amá-los sem que eu me amasse primeiro. Por isso estou lhe dizendo que estou apaixonada. Apaixonada por mim, entendeu?

Essa revelação surtiu o efeito de um balde de água fria em pensamento que, inadvertidamente, viaja em vida alheia, criando personagens e circunstâncias que, na verdade, nada têm de reais. Resquílios de sentimentos mesquinhos com os quais ainda lutamos para arrancar de dentro de nós e que, imaginando não mais existirem, afloram de repente em nossos corações, nos pregando peças e nos advertindo de que temos ainda muito a caminhar, para sermos despojados para sempre das tendências inferiores que ainda teimam em nos assombrar.

Cinco

Com o gravador ligado, Amanda continuava a falar. A ansiedade antiga estava amenizada, apesar de algumas vezes poder notar vestígios dela na respiração e nas mãos. Porém era reconfortante observar nossa amiga e perceber que sua luta não estava sendo em vão.

E ela prosseguia contando os fatos que foram os causadores de seu despertar como individualidade, que pertencia a uma família, mas não era a família. É preciso ressaltar que Amanda já estava em um terreno fértil para receber esse novo despertar.

– Durante vários meses ininterruptos, recebi um envelope e, dentro dele, o texto que deveria trabalhar, além de um bilhete. Na primeira vez que me mandou o trabalho, minha amiga enviou-me uma carta agradecendo o que eu estava fazendo por ela. A princípio não entendi, uma vez que vivendo na Europa e falando fluentemente várias línguas, deveria, se não tivesse tempo para isso, encaminhar os textos a alguém que morasse por lá. Evitaria gastos e a lentidão do ir e vir do material. Fazia questão de que nosso contato fosse através dos serviços de correio e não por outros recursos mais modernos e mais rápidos consequentemente. Dizia que todo charme e toda alegria de receber algo escrito pessoalmente por alguém se perde na rapidez e na impessoalidade dos novos meios de comunicação. Depois de ler a carta fiquei mais tranquila, pois afirmava que, apesar de falar a língua em questão, não conseguia pensar e escrever ao mesmo tempo com tanta fluidez como na nossa língua. E que só a mim confiaria aqueles textos. Razões pessoais que só mais tarde vim compreender. Os conteúdos das matérias que me enviava pareciam atender às necessidades íntimas que me afligiam naquele momento e, quando finalizava o trabalho, algo se modificava dentro de mim. Não saberia

dizer, naquele tempo, o que era, mas agora sei. Percebo hoje que eram para mim.

– E o bilhete que você disse estar junto com a carta e o texto, o que dizia?

– Não desista, era o que estava escrito, e cada envelope que chegava trazia um bilhete anexado, sempre com frases ou simples palavras.

– Como assim?

– Vinham frases como: É difícil, mas persista ou Sempre vale a pena, ou ainda, Cresça! Uma vez chegou um com a frase, Ame-se. Fiquei intrigada com aquilo e o guardei como fiz com os outros. Mas aquele, não sei por quê, dizia-me de algo muito íntimo, muito pessoal. Cada um desses bilhetes continha, na sua essência, uma mensagem da qual estava precisando, naquele momento. Muitas vezes sorria ao recebê-los, tentando imaginar como poderia ela saber o que se passava comigo, se nem nos falávamos. Como se eu não soubesse que a distância geográfica não separa Espíritos afins. Estão todos aqui comigo.

– Coisas de corações amigos, não é? – comentei. – Conosco acontece a mesma coisa. Quantas vezes nós cinco nos falávamos, exatamente quando uma de nós estava necessitada de amparo. Cada uma de nós sempre vai estar ligada às outras pelos laços do coração. É questão de sintonia mental, querida!

Amanda prosseguia contando o fato, agora, talvez, um pouco mais tristonha.

– Há cerca de três meses, mais ou menos, recebi um pequeno pacote enviado pela filha dela. Dentro dele estavam um livro, de autoria da minha amiga, e duas cartas: uma da filha e outra dela. Ao abrir o pacote, notei a carta da filha, logo em cima e no envelope escrito em vermelho: “Para ler primeiro”. Mesmo achando estranho, atendi ao pedido. Em carta amorosa, a filha comunicava o falecimento da mãe havia exatos dois anos.

– O que você está dizendo?!

– Isso mesmo que você ouviu. Falecida há dois anos! E mesmo sob o impacto do choque, continuei a ler a carta na busca de uma explicação. Dizia que, atendendo a um pedido da mãe, e no tempo devido, começou a enviar-me os envelopes já lacrados que ela havia deixado na ordem de remessa. E, cumprindo o desejo materno. Enviava, também, no prazo estipulado, o livro e a carta dela. Minha amiga fazia ainda um último pedido: para que eu lesse primeiro a carta que ela me endereçava e depois o livro, sobretudo a dedicatória.

– E como você ficou diante disso? Por que não conversou com alguma de nós sobre o fato?

– Amo vocês, mas aquele momento era só meu e o nó que deu na minha cabeça, só eu poderia desatá-lo. Peço perdão por não as ter procurado, mas as coisas deveriam acontecer como aconteceram. E, graças a Deus, não me arrependo!

– E o que aconteceu depois desse choque?

– Não consegui ler a carta de imediato. Precisava entender e organizar minha cabeça. Parecia coisa de doido. Li depois. Trouxe-a comigo para que também fique registrada na gravação.

– Tem certeza disso? É o que realmente deseja?

Insistiu que era importante esse registro, pois gostaria de compartilhar com todas nós esse momento. Somos cinco amigas inseparáveis no coração porque nem sempre havia a possibilidade de encontros físicos. Os afazeres de cada uma e a distância geográfica, muitas vezes, nos impediam de estar juntas com mais frequência. Amanda desejava que soubéssemos da sua luta e inicia a leitura, querendo deixar registrado algo que lhe era tão íntimo.

A Carta

“Querida e distante amiga,

Ontem, certamente, você não conseguiria compreender tudo o que se passou; todavia, hoje, mais amadurecida e vendo a vida com outros olhos, fica mais fácil para mim fazer-me entender.

Desde a doença grave de seu filho mais velho, a vida, para você, não teve outro objetivo a não ser revoltar-se e maldizer todo sofrimento pelo qual passou. Você era muito jovem. Pouco lhe importava o fato de o menino estar vivo, saudável e lindo. Sequelas ficaram, mas que experiência vivida por nós não as deixa? Quantos corações permanecem trancados ao amor, porque, em determinada época de suas existências, foram vítimas do desencanto das ilusões e das mágoas doídas? Quem de nós, em sã consciência, pode dizer que sofreu e nunca restou nenhuma chaga? Quantos de nós viveram de esperanças de um dia ser feliz de determinada maneira – e só poderia ser daquela – e, até hoje, perdidos na loucura, ainda esperam?...

Ah!... minha doce Amanda, quantas vezes esperamos ser privilegiados por Deus quando, na verdade, deveríamos agradecer essas dificuldades que chegam a nós como alavancas a nos impulsionar para frente!

Você, entretanto, nunca viu suas aflições como alavancas, e eu sabia que precisava acordar para a realidade. Perdoe-me por nunca ter contado a você o que estava acontecendo, mas era imprescindível que não soubesse, para que tudo desse certo. Não faltei com a verdade e nem fui desleal; precisava apenas que acreditasse ser capaz de vencer seu maior inimigo e fazer desabrochar em você esse amor imenso: amor pela

vida, amor pela Natureza. Enfim... somente amor. O amor mais simples e o mais puro: o amor por você mesma, como quem sente a vida pulsar dentro de si, como ser único em todo Universo, como parte da Natureza, por ser criatura de Deus.

Para isso eu precisava de tempo. E eu não tinha esse tempo. Ia morrer. Mas, sempre que nos propomos a fazer o bem verdadeiro, amigos outros nos surgem e nos dão toda sustentação moral e matéria para que esse bem se realize. Assim foi quando procurei meu editor e contei-lhe tudo o que estava acontecendo comigo e, principalmente, meu projeto em relação a você.

Que coração imenso podemos encontrar em pessoas que nem de longe imaginamos se preocupem com o próximo... Disse que me apoiaria, que preparasse o livro, que hoje chega às suas mãos, e que quando minha filha o avisasse que você havia devolvido o último envelope, ele o publicaria. Estão contidos nele os textos que você traduziu e, no final de cada um, um comentário, em que poderá perceber, de forma velada, todo o processo de modificação dos seus próprios sentimentos. Era como se eu me antecipasse aos seus pensamentos. Tudo ficava muito claro em minha mente quando terminava de escrever o texto. Sua imagem chegava até mim de uma maneira espantosa que não consigo explicar. Sabia, por antecedência, o que escrever para atingir seu coração. Inspiração divina, certamente! E como sou grata por qualquer bem que possa ter feito a você, mas principalmente, pela possibilidade de tê-lo feito.

Esse livro é em sua homenagem, e em homenagem a todas as pessoas que, pela sua real vontade, desejaram e desejam verdadeiramente ser felizes. Não felizes porque conquistaram tudo o que almejavam de bens materiais, mas felizes porque encontraram a paz, porque foram à

luta para conquistá-la e acabaram por descobrir que ela nunca esteve em outro lugar a não ser dentro de si mesmas.

Pouco tempo me resta, muito menos do que os médicos previram. Ah! minha amiga, se os médicos soubessem que não são deuses, apesar de se julgarem donos da vida e da morte... Que sabem eles dos desígnios de Deus em relação à nossa permanência neste corpo? Mas, deixo esse momento da minha vida em paz. Fiz tudo que me foi possível fazer, dentro das minhas limitadas possibilidades. Se não fiz mais e melhor é porque não sabia ou não podia. Entretanto a vida ensinou-me que o tempo é nosso aliado e um dia todos aprenderemos também, queiramos ou não!

Estaremos sempre ligadas pela imensa amizade que nos uniu. Cumplicidade gostosa de quem sabe que pode confiar uma na outra.

Muita paz e até um dia!"

Na minha mente um vazio imperava. Estava sendo difícil entender o que havia se passado. Parecia que Amanda compreendia o que estava acontecendo comigo naquele momento, pois serenamente disse:

– Existem coisas às quais não temos acesso, pois nosso entendimento é muito pequeno, ainda para compreender. Isso que me aconteceu serviu para que eu abrisse definitivamente meus olhos à outra realidade. Pude perceber quanto de mesquinhez temos dentro de nós e como nossa visão é estreita, pequena para as coisas que nos acontecem. Como somos egoístas e pretensiosos ao imaginar que deveríamos ter privilégios na vida, e não luta que gera esforço da nossa parte, a fim de sermos merecedores do que recebemos de benesses. Hoje, sei que não sei nada. Hoje, percebo que mesmo sabendo muito e tendo muito conhecimento, dos quais

sempre me enaideci, sempre existe e existirá alguém que sabe mais do que eu. Agora, entendo que somos todos, na verdade, eternos aprendizes da Vida.

– Por que está me dizendo isso?

– Ao reler essa carta, lembrei-me de algo que aconteceu na minha infância e de que nem me lembrava mais. Quando tinha quatro anos, mais ou menos, meu avô paterno morreu. Por causa da pouca idade, mal convivi com ele, mas, algum tempo depois, passei a sonhar com ele inúmeras vezes. Eu mal o conhecia e quando dizia às pessoas que havia sonhado com ele, diziam que era impressão minha. Entretanto, eu tinha certeza de que era ele. Vinha, sentava-se na minha cama e ficava conversando comigo.

– Conversando o quê?

– Naquela época não fazia muito sentido o que ele me dizia. Contudo o tempo foi passando e até por volta dos nove anos, mais ou menos, isso continuou a acontecer. Depois cessou e nunca amais sonhei. Conversávamos sobre a vida, nossas responsabilidades... Mas como poderia entender com tão pouca idade?

– E mesmo adulta, nunca mais sonhou com ele?

– Não! Mas a última vez que apareceu para mim, não ficamos no meu quarto. Fomos a uma praia. E como era bonito aquele lugar! Nós nos sentamos, sei que conversamos, mas não me lembrei de nada quando acordei. A única coisa interessante de tudo foi que, algum tempo depois, meus pais e meus tios resolveram levar as crianças da família para conhecerem o mar – eu morava no interior – e o lugar era o mesmo do meu sonho.

– E o que aconteceu?

– Bem... fiquei parada olhando, reconhecendo o lugar, e quando meu pai me perguntou se estava gostando, disse-lhe que tinha estado lá e ele respondeu que eu tinha muita imaginação, e que quando crescesse ia ser escritora de histórias. Falou aquilo com tanta convicção e repetiu tantas vezes que era imaginação que eu acreditei.

– Alguma coisa mudou, isso é evidente. Você sabe o que a fez lembrar-se desse fato agora?

– Não sei... não tenho certeza, mas alguma coisa me diz que essa carta, tudo o que aconteceu e como aconteceu, são fatos ligados à minha lembrança. Nunca mais havia pensado nisso! Por que agora?

– Vai fazer o quê daqui para frente?

– A primeira coisa é voltar a trabalhar. E já entrei em contato com minha antiga agência para que eu retome as traduções dos filmes. Estou um pouco enferrujada, mas em pouco tempo...

– E a segunda?

– Esta também já iniciei. Comecei a organizar minha casa. Não aceito mais o papel de empregada, motorista de filho, de secretárias e outras coisinhas mais. Não vou mais levantar-me, quando estiver descansando, depois de um dia maluco de trabalho em casa, para fazer sanduíches para os filhos que chegam lindos e formosos do futebol.

– Tem certeza de que é isso que deseja, mesmo?!

– Desejo, não. Estou fazendo! Todos têm direito ao descanso, depois de um dia de trabalho. Por que a mulher que labuta em casa, cuidando de tudo, para que todos possam usufruir do seu trabalho, não pode descansar? Por quê? Pois eu respondo: porque o trabalho de casa não tem valor algum. Não é trabalho, é obrigação menor. E isso não é justo. Experimente deixar a casa sem arrumar um único dia. Eles chegam e dizem: "O que aconteceu aqui?", e quando está arrumada, nem percebem. Para mim, chega! Por essa razão disse a você que estava apaixonada por mim.

– Isso é motim doméstico, minha amiga!

– É sim. E viva o motim da Amanda!

– Brincadeiras à parte, como eles têm reagido?

– Rubens disse que parece que acordei, por fim... Mas os meninos não estão muito satisfeitos. Sempre os papariquei, pois acreditava mesmo ser esse meu papel. Cansei, minha amiga. Não quero mais representá-lo. Não vou deixar de dar assistência a eles,

mas não vou priorizar os problemas deles, e que eles mesmos precisam resolver, em detrimento das minhas obrigações para comigo. Rompi o casulo e a borboleta está nascendo. Que Deus me ajude nessa metamorfose.

– Já se deu conta de que está renascendo? Um reinício é sempre complicado. Você acredita que será capaz de ficar observando seus filhos e marido tomarem decisões, mesmo que não concorde com elas, e resistir a vontade de se intrometer, resolvendo, você mesma, esses problemas? Vai ter disciplina para isso?

– Sei que o caminho é longo, que muitas vezes vou fraquejar e, por isso mesmo, conto com vocês para me ajudarem.

– E sabe que pode contar, sim. Não acha que podemos parar por hoje?

– Tem razão – disse-me já mostrando algum cansaço. – Preciso reorganizar minha cabeça depois dessas lembranças. Preciso de respostas e, até encontrá-las, não terei condição de prosseguir com meu projeto.

– Vamos tomar um chá? Aceita? – perguntei amorosamente.

Seis

Excetuando-se Miriam, que mora no sul do país, nós três, Camille, Amanda e eu, nos encontramos para programar nossa ida à casa de Marina. Era necessário que tivéssemos as mesmas disponibilidades para fazermos a viagem, pois sairia mais barato para todas.

Nossa amiga sulina já nos havia mandado suas opções para a viagem. Viria a São Paulo e daqui sairíamos juntas. Com uma duração de mais ou menos oito horas de estrada até nosso destino, a ideia era fazer pernoite em alguma cidade interessante, no meio do caminho e, com isso, aproveitarmos para descansar. Das quatro, só duas dirigiam, e mesmo assim, seria muito cansativo. Nosso espírito aventureiro não ia além de quatro horas em uma estrada. A partir, daí, quereríamos descansar, tomar um bom banho e comer alguma coisa gostosa. Pudemos assim, nesse dia, resolver todos os problemas e marcar, definitivamente, nossa ida.

Nessa mesma semana, Amanda pôde retomar seu projeto de deixar uma espécie de inventário ou relatório de tudo que havia se passado com ela. Não era, certamente, uma autobiografia, pois queria apenas deixar registrado os fatos que mudaram seu enfoque em relação à vida. Ambas sabíamos que nada se faz nesse sentido de forma abrupta. Estávamos trabalhando o segmento mais delicado que o ser humano possui: sua alma. Amanda estava procurando restaurar seu espírito e, se minha ajuda pudesse de alguma maneira ser-lhe útil, estaria com ela todo tempo, dando-lhe a sustentação moral de que precisasse.

Havíamos suspenso a primeira parte da gravação quando Amanda falava da necessidade de entender o que havia acontecido: a morte da amiga, as cartas, o livro, o trabalho, as lembranças do avô. Procurando ajudá-la a se organizar, pedi que continuasse a falar sobre o livro, pois faltava a dedicatória.

Com bastante cuidado, abriu-o e, para minha surpresa, leu:

À minha amiga Amanda, que saiu vitoriosa na maior batalha que o ser humano trava com um adversário. À minha amiga guerreira e vencedora, que derrotou seu maior inimigo porque venceu a si própria.

Minha saudade e meu amor perene.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. A guerreira sabia agora que a luta que travamos não é com o que nos cerca, mas com aquilo que trazemos arraigados no nosso íntimo. A mulher guerreira e vencedora não está saindo dessa guerra apenas fortalecida, segura de si e sabedora das suas reais capacidades, essa mulher está saindo, sobretudo, para ser uma pessoa melhor. A amiga distante deu-lhe o norte de que ela tanto precisava.

Sete

Mesmo com algum tempo disponível, Amanda não se mostrava disposta a continuar com as gravações. Alguma coisa estava errada e eu pressentia. De tanto insistir, acabou por me dizer que gostaria de contar sua relação com a mãe, mas que precisava resolver antes algumas coisas íntimas para depois, com honestidade, falar sobre isso.

No momento em que se sentiu pronta, veio ter comigo. Entre o início da sua decisão de falar sobre a mãe e o início desse trabalho, um bom tempo passou. Esse tempo foi fundamental para Amanda. Feridas precisaram ser fechadas, definitivamente, e o entendimento e o perdão se faziam necessários para a conquista da paz interior, que ela tanto almejava – como todos nós, pois somente quando a harmonia se estabelece em nós é que temos condição de dar testemunhos de antigas lutas.

Em alguns dias iríamos encontrar Marina e por essa razão fiquei surpresa quando Amanda me procurou e disse que estava pronta para falar sobre sua relação com a mãe.

A forma como Amanda se expressava não deixava dúvidas, ao menos para mim, que necessitava ouvir a própria voz para poder entender tudo que se passou com ela. Entender suas próprias escolhas e as consequências delas advindas, aceitar-se como ser imperfeito e, portanto, passível de muitos erros, com capacidade para amar e sentir muita raiva, ainda, mas, também e, sobretudo, com esperanças de que pelo esforço pessoal e da perseverança, ser capaz de compreender, aceitar o outro como ele é e de perdoar.

Naquele momento ela havia vencido a grande barreira que o egoísmo coloca entre nós e o próximo, entre o próximo e Deus. Percebeu que a partir do momento em que começou a amar, eliminando de dentro de si o sentimento de culpa, aproximou-se do seu semelhante, no caso sua mãe e, acercando-se dele, pode

chegar a Deus. Cumpria-se, assim, o maior mandamento que Jesus deixou: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”.

A jornada se reiniciara de forma segura e harmoniosa. Nada mais poderia detê-la, a menos que assim desejasse. A luta continuaria, mas ela estava mais forte, agora, para ultrapassar os obstáculos na luta terrena.

Sabendo exatamente o que iria fazer e, por mais doloroso que se tornasse em alguns momentos, tinha plena consciência da necessidade de expurgar de dentro de si tudo o que ainda pudesse restar de dúvida em relação ao que deveria ser feito. Perguntei-lhe amorosamente se desejava que eu saísse da sala e ela disse que não. Muito pelo contrário, gostaria que eu ficasse para ouvir o que iria contar. Liga o gravador e lentamente inicia sua história.

– A mágoa que alimentei durante anos pela mulher que me deu a oportunidade de renascer, somente agora foi eliminada do meu coração. Durante anos não entendi porque não aceitava, o que imaginava ser falta de amor de minha mãe para comigo. Mesmo na condição de mãe, que hoje sou, nunca consegui colocar-me no seu lugar e buscar compreender que o que eu pensava não ser afeição era, na verdade, apenas o que tinha para dar. Em nenhum momento percebi que não amamos os filhos de maneira igual, pois que cada um é diferente, por si só, do outro. Com alguns, temos mais afinidades e, portanto, uma relação diferente. Aquele outro, que mais nos preocupa, amamos de outra forma. Hoje entendo que não podemos amar de maneira igual a pessoas diferentes, mesmo sendo nossos filhos. O que podemos dizer é que nos preocupamos igualmente com todos, com seu bem-estar, sua segurança, sua saúde, sua educação e, quando possível, com a formação de valores enobrecidos, pois, afinal, é esse o papel que assumimos quando os recebemos em nossas vidas. E não é somente um papel das mães, mas que envolve, sim, o casal. Mantemos, muitas vezes, sentimentos conflitantes em relação aos filhos; todavia, na maioria das vezes, acaba prevalecendo o dever que temos com eles. Acredito mesmo que o que nos atrapalha para entender esses

sentimentos que transitam em nossas mentes é a possessividade. Julgamo-nos donos de nossos filhos e, portanto, com direitos sobre eles. Esquecemo-nos que são, antes de qualquer coisa, filhos de Deus e que nos foram confiados para fazê-los crescerem, evoluírem e se tornarem criaturas melhores a cada dia. Apresentamo-los à luz e muitas vezes os jogamos nas trevas. Não os enxergamos como individualidades e por isso queremos que sejam aquilo que não pudemos ser, ou aquilo que nos fará ser destaque entre os amigos, vizinhos, parentes e sabe-se lá quem mais... Gostamos de exhibir nossos filhos como obras nossas, idealizadas e executadas por nós e por isso sofremos. Hoje compreendo que foi por causa desse sentimento de posse, que minha mãe tinha por meu irmão que não conheci, pois morreu alguns anos antes do meu nascimento, que ela sofreu e me fez sofrer. A gravidez dele foi uma bênção para ela e a minha, um pesadelo.

O que Amanda estava contando tocava-me no mais fundo do ser e notando sua emoção perguntei se desejava, realmente, continuar com aquilo. Disse-me que precisava e não insisti mais naquele momento. Não sei, até hoje, se teria algum dia a coragem de dar esse testemunho. Que orgulho sentia daquela querida amiga naquele momento! E que privilégio poder privar da sua amizade! Amanda continuou a descrever tudo o que se passou com a mãe e que somente agora podia compreender e perdoar.

– O desespero da dor pela perda do filho, aos três anos de idade – continuou – pede uma couraça de proteção contra o sofrimento e, por causa disso, fez com que sua vida se transformasse em uma paisagem inalterada, onde nada podia ser mudado: “Não vou mais sofrer”. Ela não permitia, dessa forma, que o inesperado viesse perturbar o que se encontrava sob suposto controle. Não consentia que o diferente, o inusitado, por ser novo, quebrasse a ilusória harmonia daquela situação que convinha permanecesse como estava. Na verdade, fazemos isso em qualquer circunstância que requeira de nós uma mudança de ponto de vista. Acostumamo-nos com o que é cômodo e não percebemos que isso

não nos deixa crescer. Durante algum tempo isso nos convém porque nos permite o controle total das circunstâncias, mas chega um momento em que nosso Espírito anseia por mais. Não sabemos o que fazer, pois temos medo de arriscar. É hora de sair do casulo que habilmente construímos e que julgávamos nos proteger, na verdade de nós mesmos, das nossas reais necessidades. Nesse exato momento, percebemos a presença de um vazio que toma conta da nossa existência e que procuramos preencher com coisas que, cada vez mais, não nos satisfazem. Temos medo de mudar e a vida nos convida à mudança. Temos medo de amar para não sofrer e a solidão toma conta de nosso caminho, solidão que resseca nossos sentimentos, e não nos permite ver que tudo o que está ao nosso redor é vida em constante mutação. Às vezes acordamos para olhar, outras vezes, não. Fechamos os olhos da existência corpórea e da espiritual sem nos darmos conta desse movimento constante que nos obriga a caminhar para frente. A nova gravidez – continuou Amanda – tornou-se o inesperado, o elemento que vinha modificar a paisagem. Acostumada ao sofrimento pela perda, não esperava por esse sopro divino de alegria e isso a incomodava. Teria que recomeçar. Mas era tão mais fácil continuar a sofrer – já conhecia a situação e se sentia protegida dentro dela – do que reaprender a amar e perder novamente. Descobri, com minha mãe, que as pessoas não querem amar, não por medo do sofrimento em si, mas pela possibilidade da perda. Perdendo, terão que sofrer e isso as assusta. Não compreendem que quem ama verdadeiramente, o que quer que seja, liberta o objeto do amor. Quando entendemos isso, e eu estou compreendendo a duras penas, fica menos complicado amarmos o outro e a nós próprios. Pensava que ela me olhava como se fosse culpada pela morte do meu irmão quando, na verdade, me culpava por mostrar a ela que estava viva! E sentindo-se viva, teria de enterrar para sempre o filho que permanecia presente dentro dela, como se ainda estivesse junto dela, fisicamente. Imaginava, dentro do seu desequilíbrio, que

sentir apenas saudade da sua presença, faria com que sua imagem desaparecesse para sempre da sua memória.

– Amanda – interrompi – não quer mesmo deixar para outro dia essa gravação? Está me parecendo que faz tanto mal a você...

– Aquiete seu coração, minha amiga. A emoção é inevitável, pois falo de alguém que foi muito importante para mim, apesar de tudo. Não é fácil tudo isso. Também sofro, mas a ferida foi limpa e agora é esperar a cicatrização. O tempo é nosso aliado nesse processo. O que me competia fazer, eu fiz. Agora, é esperar, tocando a vida e cuidando para não mais cair nas armadilhas que o egoísmo cria para nós mesmos. E com relação a isso, minha amiga, estou ficando mais esperta. Assim, quando os melindres ameaçam se insinuar nos meus pensamentos, paro o que estou fazendo e procuro a causa desses pensamentos. Quando nos predispomos a lutar contra nós mesmos para não cairmos nessas tentações é necessário termos a honestidade de aceitar o que está acontecendo e não fazer de conta que aquilo que está ocorrendo, naquele momento, é uma tolice. Honestidade para aceitar e coragem para eliminá-los: essas são, hoje, as minhas prioridades na luta para meu crescimento espiritual. Sei que tenho amparo do Alto e eu só preciso fazer a minha parte e que descobri ser bem pequena em relação a que Deus realiza. Como somos preguiçosos... O distanciamento entre nós duas era natural, hoje sei disso, mas enquanto menina e adolescente, sentia-me abandonada por ela. Meu pai foi, nessa época, meu maior apoio, mas depois, com sua morte, tudo ficou mais difícil para nós duas. Teríamos que viver sob o mesmo tempo e com poucas chances de uma relação harmoniosa. Eu, cobrando dela o que ela não tinha para dar e ela, vindo em mim, a intrusa no seu mundo. Mas, apesar disso, nunca me desamparou em qualquer situação que necessitasse dos seus cuidados. Fico imaginando os conflitos em que vivia essa criatura e o sofrimento pelo qual atravessava, entre tentar ser indiferente e precisar cumprir o papel que todos esperavam fosse por ela cumprido. A aproximação só aconteceu – prosseguiu Amanda –

quando adoeceu gravemente. Muito doente, viu-se obrigada a depender de mim para tudo que precisasse. Só tinha a mim e de mim precisava. Foi diante dessa situação que eu precisei tomar a maior decisão da minha vida: interná-la em uma clínica ou cuidar dela. Graças a Deus e aos benfeitores espirituais, escolhi a segunda. Foi uma luta de dois anos entre a indiferença dela e a minha vontade de despertar nela o amor por mim. E o amor venceu. Lentamente, foi descobrindo e aprendendo a me aceitar, a me respeitar e, por fim, perceber que sempre me amou. Pediu-me perdão por tudo que me fez sofrer e, na ocasião, disse-lhe que a perdoava. Entretanto a palavra estava só nos lábios e não vinha acompanhada do verdadeiro sentimento de perdão. Somente agora, depois de tantos anos, quando não está mais junto de mim, posso sentir que a perdoei. Preferia ter dito a ela enquanto estávamos juntas, mas eu não podia. Deus sabe do meu arrependimento depois que ela se foi. Quantas vezes deixamos de fazer o que é preciso, junto às pessoas que compartilham conosco a jornada terrena e, quando nos damos conta, já não estão mais entre nós. Perdemos oportunidades infinitas de resolver questões que depois pesam demais em nossas consciências arrependidas. Por saber de tudo isso é que quis deixar meu testemunho nessa gravação. Foi muito difícil, mas valeu a pena, pois sinto uma paz muito grande.

- Você está bem?
- Estou. Só preciso repor as energias.
- Ir ao encontro de Marina ajudaria?
- Estava pensando nisso. Que bom podermos estar juntas nos próximos dias.

CAMILLE

Um

Gentil alma que busca, na simplicidade e na indulgência, descobrir – e geralmente encontra – o bem, mesmo nos desvios da vida. Sua alegria calma, acompanhada de doce sorriso é característica de quem, como poucos, vê o mundo como se fosse pela primeira vez: com deslumbramentos. Entra silenciosamente em qualquer lugar, inclusive em nossos corações, como quem tem medo de acordar o ser que dorme, inadvertidamente dentro de nós. Não faz alarde, mas deixa sua presença marcada pela imensa capacidade de compreender a todos.

Camille é miúda. Anda levemente. Entretanto, quando nos olha, seu olhar penetrante nos permite ver bondade e confiabilidade. E quantos de nós, sem nos darmos conta, abrimos nossas almas a essa gentil criatura que, com poucas palavras e muito bom senso, nos faz enxergar o que, na nossa perturbação, não conseguíamos perceber. Amiga leal de todos seus amigos – e são muitos –, nunca deixa de se interessar por todos eles. Inimigos, não os tem, ou se os tem, não os percebe como tais, pois é impossível não se afeiçoar a ela.

Não se casou e nunca perguntei o porquê. Motivos todos nós temos para deixar de fazer muitas coisas ou deixar de realizar muitos sonhos. Desejos e possibilidades, eis as grandes polaridades das inúmeras frustrações nas nossas vidas. Adequá-los seria o ideal, mas quem aceita isso? Acreditamos todos que temos o dever de perseguir sonhos, mesmo que sejam inviáveis. Preferimos sofrer por inteiro a sermos felizes pela metade. Mas será que alguém é feliz pela metade ou será que a felicidade é sempre parte do sonho e não o sonho inteiro?

Dúvidas assim todos nós temos, às quais podemos juntar, ainda, outras tantas absolutamente particulares. Camille também as tem. Mas o que se destaca nessa criatura tão especial é o fato de ela ser muito divertida. Apesar da responsabilidade com que encara a vida, torna-se impossível manter com ela, durante tempo longo, um assunto sério. Tenho sempre a impressão de que ela precisa quebrar a atmosfera densa que se forma no ambiente quando, demoradamente, insisto em temas que acabam por trazer desgastes psíquicos. Acredito, verdadeiramente, que temas sérios têm tempo de validade no coração dessa amiga. Poderão perguntar se se trata de pessoa preocupada com superficialidades – como perguntou certa vez nossa amiga Miriam. Certamente, diremos que não. Muito pelo contrário! Para ela, assuntos desse teor devem e podem ser tratados com leveza e com brandura a fim de não se perder o que eles têm de mais precioso: a capacidade de nos fazer pensar, crescer e de ensinar.

Enquanto não conheci Dona Lalá, sua mãe, não compreendia esse jeito de ser de Camille. Transitamos por muitos lugares, conhecendo sempre muitas pessoas. Algumas, sem expressão, passam pela nossa vida e não nos deixam sequer resquícios de que, algum dia, cruzaram nossos caminhos. Outras, entretanto, nos marcam profundamente o caminhar. Comentam as línguas alheias, em dito popular, que “tal pai, tal filho”; mas pergunto eu: “tal mãe, tal filha”, existe? Não conheço outros casos, mas, certamente, entre Dona Lalá e Camille, isso é um fato.

Tinha ela nessa época setenta anos. Idade razoavelmente avançada para a maioria das mulheres que, sem o vigor do corpo físico, apesar da lucidez espiritual, passam a depender, em quase tudo, de outras pessoas, pois, acreditando que já deram sua cota de contribuição ao mundo resolvem se aposentar. De tudo, inclusive da vida. Mas não Dona Lalá.

As primeiras vezes que nos falamos foram pelo telefone. Sua voz muito meiga e pequena sugeria um corpo frágil e totalmente

dependente dos que a cercavam. Havia enviuvado há alguns anos e era natural que eu assim pensasse, naquela época, diante do som daquela voz, ser essa a imagem que fazia dela. Entretanto, para minha surpresa, pude constatar, no dia em que a conheci, como a imagem deturpada que fazemos das pessoas pode correr solta quando, por um simples dado, construímos histórias, envolvendo personagens que só existem na nossa imaginação, fruto quase sempre de nossas fantasias ao presumirmos que conhecemos o outro apenas por uma informação que, no meu caso, era a voz.

Dona Lalá é de fato meiga ao falar e tem corpo pequeno. Mas sua presença sugere, indiscutivelmente, uma imensa fortaleza na qual, com certeza, muitos já se ampararam e continuam a fazê-lo. A alegria estampada em seu rosto e a força do seu olhar marcaram-me de uma forma que nunca consegui esquecer. Olhar doce e penetrante de quem busca no interlocutor o seu lado mais luminoso, apesar de muitas vezes estarmos envolvidos nas trevas, busca que quase sempre se concretiza porque ela acredita, ainda hoje, não obstante as grandes dificuldades pelas quais passou, na imensa capacidade que tem o ser humano de ser bom. Dinâmica, zelosa com sua família – incluindo-se todos os familiares – é trabalhadora incansável em assistência aos mais necessitados, transmitiu à filha todos os valores nos quais pautou sua existência, e que lhe servem de sustento moral até hoje. Coração aberto a todo entendimento fraterno, não poderia ter ao seu lado a não ser alguém como Camille que, sensível aos ensinamentos materno e paterno, desenvolveu virtudes de amor, compreensão e de uma imensa generosidade para com todos. Assim são essas duas criaturas que um dia cruzaram meu caminho e que trouxeram sensível modificação à minha maneira de enxergar as pessoas.

Mas, evidentemente, ela teve um pai. Seu Valdo, na verdade Nivaldo, era criatura ímpar. Não o conheci por já haver falecido quando, pela primeira vez, encontrei Camille. Entretanto o que soube dele por meio do seu irmão e da sua filha é digno de ficar registrado.

De descendência italiana, vivia com a pequena família, mulher e filha, em bairro distante na capital paulista. Homem inteligente, buscou sozinho o conhecimento que a escola não lhe deu, por não ter tido condição de frequentá-la. Autodidata, conquistou cultura sólida, procurando o conhecimento dos livros e em tudo que pudesse lhe saciar o desejo de saber cada vez mais. Esse interesse pelo estudo trouxe para ele a admiração e o respeito da filha e também dos amigos. Época de grandes dificuldades não o esmorecia, e conseguiu, apesar de tudo, ser pai presente na vida da única filha, o que trouxe a ela a força de caminhar sempre para frente. Camille sabia que se esmorecesse, Seu Valdo ali estaria para ampará-la e colocá-lo em pé. E ela aprendeu muito bem a lição, pois é assim que age com todos que a cercam.

Mas, a par de tudo isso, desse ambiente harmonioso e alegre que sempre reinou nessa família, ele sempre conseguia envolver-se em situações complicadas. Por conta das suas convicções políticas, a filha viu-se obrigada a morar até os sete anos de idade, aproximadamente, com os avós. Medo de represálias que poderiam colocar em risco a vida da menina, fez com que os pais se afastassem, por certo tempo, da casa onde moravam.

Dessa época, do que tomei conhecimento, um fato bastante divertido ocorreu, mas que precipitou a ida da filha para longe, envolvendo Seu Valdo. Antes de contarmos tal fato, é necessário colocarmos junto dele, seu irmão Geraldo. Bem mais jovem, vivia agarrado ao mais velho não só por amá-lo, mas, também, por saber que onde o pai de Camille fosse, haveria algum tipo de confusão. E para Geraldo, tumulto era sinônimo de diversão. Assim, aonde o mais velho ia, lá estava ele.

O partido do qual seu Valdo era filiado precisava se reunir e não havia local nem dinheiro para alugar um galpão que fosse. Eram todos pobres, inclusive o partido. A única solução encontrada foi o uso de um circo que naquele dia não teria função. A situação era bem precária que, necessitando de uma mesa, não pensou duas

vezes: foi para casa e pegou a mesa de Dona Lalá – sob seu protesto, evidentemente – ajudado pelo irmão e, pior que isso, carregou consigo a pequena Camille com apenas um ano de idade.

Partido clandestino, era inevitável uma batida policial. Gritos, correrias, violência e Seu Valdo não sabia o que salvar primeiro: a filha ou a mesa de Dona Lalá. Por um instante percebeu que se chegasse em casa sem uma das duas, seria um “homem morto!” foi apenas uma ideia infeliz que lhe passou pela cabeça, pois Geraldo surgiu carregando a mesa da cunhada. Sem olharem para trás, corriam desenfreadamente. Um, carregando a pequena Camille e, o outro, a mesa sobre a cabeça.

Dois

Tudo ou quase tudo de engraçado acontecia com Camille. Apaixonou-se uma vez, de maneira inusitada, por um homem, perdida e rapidamente e acabaram por fim tornando-se grandes amigos e parceiros em uma grande tarefa de ajuda ao próximo. O encontro dela com Franco foi indescritível. O palco, a Avenida Paulista, centro nervoso e financeiro desta metrópole que é São Paulo.

Sempre atenta ao caminhar pelas ruas, como quase todos nós o fazemos, naquele dia, sabe-se lá por que, parecia andar nas nuvens e, por causa disso, não se deu conta de que alguém vinha em sua direção. O rapaz que se aproximava, distraidamente, também, não pode evitar o encontro, o choque de dois corpos que não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Um minuto antes, ambos estavam em pé e, um segundo depois, estavam no chão. Estupefatos diante do ocorrido, não sabiam se permaneciam sentados ali rindo, com muitas pessoas ao redor, querendo ajudar, ou se levantavam com ares de que nada havia acontecido, desculpando-se e seguindo seus caminhos.

Acredito que ninguém, até hoje, tenha conseguido sair ileso moral e fisicamente de um tombo, principalmente quando o companheiro de queda, literalmente falando, é uma pessoa belíssima, segundo nossa querida amiga. Ao ver contra quem ela havia colidido ou que a derrubara, Camille não se importou com o vexame que estava dando. Se fosse em outra ocasião, ela nunca mais passaria naquele trecho de rua, mesmo sabendo que dificilmente cruzaria com as mesmas pessoas. Mas aquele homem diante de si só a fazia pensar que não se importaria de ir mais vezes ao chão se o motivo fosse aquele. Mal sabia ela o que viria em seguida.

Erguendo-se rapidamente, o rapaz estendeu-lhe as mãos dizendo:

– Scusi, Signora!

Camille ficou estática. Se há algo nessa vida que lhe provoca “frisson” são as línguas latinas, faladas na Europa. E foi esse interesse inexplicável que a levou ao curso de Letras e à especialização nesses idiomas. Falava fluentemente o italiano, o francês e o espanhol. Dizia a todos que lhe perguntassem sobre essa sua preferência que o italiano era a única língua com expressão romântica que tinha a força de convencer quem a ouvisse; que a língua espanhola possuía sensualidade e que o francês trazia, em cada palavra, uma musicalidade tal que levava o ouvinte a uma vontade irresistível de dançar. Devaneios pessoais de cada um, que estamos longe de entender, pois mal conseguimos compreender os nossos.

Apurou todos os sentidos e olhando firmemente para ele, mãos estendidas para ser erguida, respondeu:

– Signorina! Piacieri, Camille.

E sorrindo, gesto que iluminou seu rosto, o rapaz corrigiu:

– Scusi, Signorina Camille! Piacieri, Franco di Paula.

A senha para o sonho foi dada e Camille ergueu-se, percebendo que o homem de suas fantasias ali estava, diante dela, ao vivo em cores, como costumava dizer brincando, quando algo surpreendente lhe acontecia. Evidentemente, após esse momento de impacto, retomou seu equilíbrio. Não era dada a expansões emocionais, apesar de senti-las profundamente, mas não podia ali, naquele momento e, sobretudo diante de um desconhecido, ter reações que não faziam parte da sua natureza. Ou será que só eram contidas? Confessou-me mais tarde que pensou por alguns segundos em ousar. Mas, conteve-se, pois não saberia o que fazer em seguida.

Apresentações feitas, as desculpas renovadas e as pessoas ao redor querendo saber se tudo estava bem e se precisavam de auxílio. Minha querida amiga, naquele momento, só fazia repetir

para si mesma que tudo estava muito bem, no sentido mais amplo da palavra.

Encontros e desencontros sucedem-se nas nossas existências a cada momento, pois que a cada instante a vida se renova, surpreendendo-nos com novas experiências. Quando somos capazes de perceber essas nuances, crescemos nos transformando. Quando isso não acontece e deixamos passar oportunidades maravilhosas de renovação, permanecemos mais tempo imobilizados na mesmice que criamos para nós, e que tantas vezes impingimos aos que nos cercam. Não nos permitimos crescer e não permitimos aos outros essa realização.

Camille deixou com ele o número de seu telefone para que pudessem se falar, se ele o desejasse. Amizades consolidadas no céu para trabalharem juntas na Terra. Para isso essas duas almas se encontraram, ainda que não o soubessem.

Três

Minha casa tem sido, algumas vezes, um porto seguro para os amigos que, em hora de desalento e tristezas de cada um são ali depositadas; outras, surge apenas como um oásis no meio do turbilhão em que somos envolvidos por conta do dia a dia que vivemos. De qualquer forma, seja qual for a razão, é sempre muito bom ter os amigos por perto.

Justamente porque assim vivo, não me causou espanto quando a portaria do prédio onde moro avisou-me que Camille estava subindo. Normalmente ela não viria sem avisar, pois sempre foi ciosa em preservar a intimidade de seus amigos e, por essa razão, todas as vezes que estive em minha casa, avisou-me com antecedência.

Ao abrir a porta, não encontrei o sorriso doce e o olhar tranquilo que sempre a acompanhou. Um ar carregado e de profunda preocupação tomava conta de seu semblante.

– Podemos conversar? – perguntou um pouco aflita.

– Evidentemente que sim! O que está acontecendo?

– Algo não está bem e sinto claramente isso! – respondeu.

– Como assim? Do que você está falando?

– De Marina!

– O que tem Marina? – insisti.

– Há várias noites venho sonhando com ela. É o mesmo sonho e eu não consigo entender. Parece um quebra-cabeça, pois cada vez que ele acontece, um novo elemento é colocado.

– Por favor, explique isso melhor!

– Nem eu mesma sei dizer, mas precisava falar sobre isso com alguém que a conheça, caso contrário não vou aguentar. Tenho sempre os dois pés no chão e os sonhos premonitórios fazem parte da minha crença, você sabe disso. Mas essa repetição...

– Camille, minha amiga, todas nós sabemos da sua sensibilidade psíquica e não duvidamos do que você nos fala, mas se não disser o que está havendo...

– Desculpe-me, estou mesmo confusa. Há alguns dias sonhei com Marina. Estava linda, como nunca a vimos antes, e trazia ao seu redor uma espécie de brilho que a envolvia toda. Era uma ténue luminosidade, mas tão harmoniosa, como se houvesse luz suave sobre ela.

– E por que a preocupação se ela estava tão bem?

– Não deveria, não é verdade? Ocorre que, quando acordei, essa imagem ficou em minha memória a ponto de lembrar-me dela até hoje. No início fiquei feliz por sonhar com ela, por poder vê-la bem, mas cerca de uma semana o sonho vem se repetindo, e desta última vez ela não estava sozinha. Estávamos as cinco reunidas e, de todas nós, só ela parecia feliz.

– Será que não anda muito preocupada com problemas sérios e projeta essa preocupação nos sonhos? Sabemos que isso acontece, não é?

– Sei que isso acontece, mas também sei que muitas vezes nem sequer nos lembramos deles. E ainda bem que assim o é, caso contrário teríamos vergonha do que sonhamos. Mas isso é diferente. Eu só vim aqui, e sem avisar, porque ontem aconteceu novamente e estou preocupada. As imagens se sobrepõem umas às outras. Primeiro foi Marina sozinha, iluminada; depois, nós cinco reunidas e só ela feliz; e, agora, a lembrança de uma festa que não era festa, mas um velório. As duas imagens se sobrepujam como se fossem dois planos diferentes.

– Que sonho maluco! Já falou com Marina antes desses sonhos acontecerem?

– Não.

– Então vamos telefonar para ela e saber se tudo está bem. Conhecendo-a como a conhecemos, é difícil imaginar essa criatura feliz em um velório, não é?

– Ela é tão religiosa e esses momentos são sérios para ela. Não que sejam diferentes para nós, mas ela tem a Vicência evangélica. Praticamente, realmente, os ensinamentos de Jesus.

– E você não, minha amiga? Vamos telefonar, então.

Quantas vezes deixamos de dar ouvidos a essas vozes interiores que nos inspiram a seguirmos o melhor caminho, a fazermos as escolhas mais acertadas, a perseverarmos nos nossos objetivos de crescimento como seres humanos. Quantas vezes os caminhos mais curtos e mais fáceis nos tentam porque exigem de nós pouco esforço e às vezes nenhum trabalho, para mais adiante, arrependidos das escolhas feitas, precisarmos retornar e reiniciar a caminhada do ponto onde paramos. Quanto tempo perdido! Quanta energia gasta! Se soubéssemos ontem o que hoje sabemos... Dizemos tantas vezes...

Marina atende e amorosamente tranquiliza o coração de Camille. Breve a veríamos.

Quatro

Camille não é pessoa de tomar iniciativas, a menos que sejam fundamentais para o andamento ou mesmo para a realização de algo muito importante. Nas coisas mezinhas, simplesmente, deixa-se envolver prazerosamente, não se importando com lideranças, quaisquer que sejam elas, se houver sintonia de propósitos. Mas com Franco, armou-se de coragem e aceitou o convite para celebrarem o estranho encontro com um café. O rapaz só impôs uma condição: que se falasse apenas em português, pois era seu desejo aprender muito o idioma. Aquilo foi um balde de água fria no entusiasmo dela, uma vez que perderia a oportunidade de ouvi-lo falar na sua língua natal. Como via sempre coisas boas em situações aparentemente negativas, percebeu a chance de ficar mais tempo ao seu lado, como uma espécie de treinadora linguística. Franco conhecia muito o nosso idioma, e Camille percebeu e respeitou a vontade dele de continuar treinando.

O lugar aconchegante para onde se dirigiram serviria, a partir daquele momento, como um marco para que ela pudesse se recordar de todos os acontecimentos vividos. A xícara de café, os pequenos pães servidos e o tempo que não percebiam passar. Olhando-se, sentiam como se nunca tivessem se separado. Como se cada um tivesse encontrado uma pessoa amiga, de muitos anos, a quem não via há bastante tempo. Sensação de afeto antigo, de confiança e respeito mútuos ao longo de várias vidas vividas. Mas apesar do encantamento do momento, ambos não ignoravam que nada sabiam um do outro.

Desculpas renovadas e a pergunta inevitável:

– De onde você é, Franco? Onde você nasceu? – perguntou Camille.

– Sou italiano por nascimento e do mundo pelo coração – respondeu.

Camille sorriu com a observação dele, compreendendo o significado.

– Em que lugar da Itália?

– Em Luca, cidade próxima de Firenze.

– A cidade é bonita? Não conheço a Itália. Aliás, nunca saí do Brasil – disse rindo.

– É uma cidade de construções medievais com todos os problemas de uma cidade turística, justamente por suas características. Por ser cercada de muros, o acesso a ela se faz através de portões e isso acaba por atrair milhares de pessoas. Acredito que o mais interessante na cidade, ao menos para mim, é o fato de não se falar nenhum dialeto, mas, sim, o italiano verdadeiro.

– Você gosta de lá?

– Muito! Mas jovem fui para Milão. Precisava estudar música, pois queria ver realizado meu grande sonho, o de cantar no Teatro Scala. Sou tenor lírico, Camille, e amo o que faço.

Camille conhecia muito pouco, ou quase nada desse universo, mas o que ele disse despertou-lhe doces lembranças do pai cuja imagem ainda estava tão viva em sua memória. E ela viu-se sentada no chão, aos pés de Seu Valdo, atenta aos ensinamentos daquele ser tão querido. Era um homem que amava as artes. Sua casa era repleta de livros e alguns quadros, que ela não entendia o que significavam, apesar das tentativas constantes dele em ensiná-la a apreciá-los, tentando despertar nela a sensibilidade que nele era tão ostensiva para a música, sobretudo a lírica, e para o cinema, a grande paixão daquele homem. Não que Camille não se interessasse por esse mundo, mas havia um lado prático nela que não permitia que fizesse, junto com o pai, essas viagens a lugares onde o “deixar-se levar” é tão importante.

– Não, desculpe-me. Estava me lembrando de meu pai e das coisas que minha mãe contava sobre ele. Ele está sempre tão presente em nossas vidas...

– Fui o causador dessas lembranças? – indaga o rapaz, até certo ponto constrangido.

– Oh!, não! Você disse que canta óperas e meu pai as ouvia sempre, convidando minha mãe e a mim para ouvirmos também. Quando aceitávamos, contava-nos a história, falava dos cantores que estavam interpretando a peça... Enfim, queria nos trazer para seu mundo mágico, naquele momento. Conheço pouco sobre esse gênero, mas já que vou ajudá-lo com nossa língua, você poderia ajudar-me com sua música. O que acha? Concorda?

– E por que não? Vai ser um interessante intercâmbio!

Camille ficou feliz pela oportunidade que teria de conhecer o mundo que seu pai tanto amava e já que não conseguira fazer isso na infância e na adolescência, quem sabe agora, por meio do novo amigo, teria condição de realizar o sonho de Seu Valdo.

– Fale agora um pouco de você – diz ele, vivamente interessado em conhecê-la.

Pressentia Franco que algo muito bom estava acontecendo naquele momento, pois vislumbrava a oportunidade de estabelecer, entre os dois, um profundo afeto. Tinha outros amigos no país, mas nada se comparava àquela doce sensação de bem-estar que experimentava ao lado daquela jovem. Tinha amigos, era verdade, mas nunca confiaria a ninguém o que se passava em sua alma. Entretanto, diante daquela criatura tão miúda e tão forte – contrastes que ele não entendia – não hesitaria em abrir seu coração e despejar, de uma só vez, todos seus temores, incertezas, sonhos e desencantos. Os olhos daquela moça e seu sorriso sereno diziam a ele que podia confiar. Mesmo assim, conteve-se, pois ficou receoso de que ela se assustasse e não quisesse mais vê-lo. E ele queria vê-la mais vezes.

Cinco

Algumas vezes, e não eram poucas, Camille surpreendia Dona Lalá com o olhar perdido como se um grande cansaço tomasse conta do seu ser. Quase sempre, nessas ocasiões, a filha vinha da cozinha com uma bandeja em que havia colocado duas xícaras, um bule fumegante com chá, biscoitos e um doce sorriso que convidava a mãe a partilhar com ela um momento de intimidade.

Os olhos de dona Lalá enchiam-se de lágrimas pelo carinho e pela sensibilidade com que aquela filha, que um dia Deus mandou para que ela cuidasse e transformasse numa pessoa de bem, a cobria, fazendo com que esquecesse a razão daquela dor profunda que vez por outra a assaltava. A meiguice de Camille e sua alegria devolviam-lhe a certeza de que tudo valera a pena. Até mesmo as dores morais.

Apesar de a mãe pouco falar a respeito de suas tristezas – até porque, quem conhecesse dona Lalá, nem de longe poderia supor que ela as tivesse – era difícil escondê-las ou, pelo menos, não pensar nelas. Ah, as máscaras sociais que vestimos! Sempre elas a nos transformarem em personagens da nossa própria existência.

Nascida Maria José, no interior do Estado de São Paulo, no início do século vinte, em uma fazenda de café, a mãe de dona Lalá cresceu trabalhando nos cafezais, onde o futuro de cada um se resumia no fazer amanhã o que se faz hoje e naquilo que se fez ontem. Não há projetos porque não há futuro. Cada dia é vivido no que ele pode oferecer, e era muito pouco o que o trabalhador das fazendas tinha para receber da vida, a não ser a própria vida.

A roça de café ou a casa dos patrões eram as únicas alternativas que existiam para a menina. E foi na casa, trabalhando na cozinha, que ela conheceu o jovem por quem se apaixonou. Foi como se o luar tivesse entrado na sua tristeza e clareado com suavidade a rudeza da sua existência. Como era difícil para ela

conter a ansiedade da espera, a decepção da ausência, a tristeza da partida, cada vez que o jovem que não estava ao alcance de sua visão. Os caminhos entre os pés de café eram as únicas testemunhas desse amor, e cuidavam para que os jovens pudessem acreditar que era possível serem felizes.

O patrãozinho e a empregada, o dono e a colona, encontros impossíveis numa época em que se cavam fortunas e não corações, interesses e não sentimentos. Estudos obrigatórios, profissões determinadas e determinantes, futuros construídos em cima de nomes ilustres dos senhores barões do café, eram essas também as rotas do destino daquele jovem. A despedida e as eternas palavras de compromissos que nunca se realizariam. A gravidez de Maria José e o adeus definitivo à felicidade. Não havia mais volta.

Quando a desonra se abatia sobre uma jovem eram comuns a morte do ofensor, o casamento forçado, a expulsão de casa pela desgraça que havia sido trazida à família, o envio para os conventos e o destino da criança já traçado para a adoção ou, na melhor das hipóteses, encontrar alguém que tivesse interesse na jovem e que, apesar do estado em que se encontrava, quisesse casar-se com ela, dando-lhe assim um nome digno e uma situação respeitável.

Não foi difícil encontrar esse homem. Muito mais velho que ela, João tinha o perfil do homem viúvo em busca de mulher nova. Sozinho, sem filhos, precisava de uma moça para todos os serviços, incluindo-se a cama. Uma empregada à qual não precisaria pagar, pois já o estava fazendo ao pai de Maria José, dando a ela e ao seu filho, o nome dele. Para João era uma troca justa. Para ela, quem se interessaria saber?

Até a morte do marido, sofreu todas as humilhações possíveis que uma mulher poderia sofrer e os cinco filhos que teve, dois homens e três mulheres, não foram capazes de devolver-lhe a esperança. A amargura e a dureza tomaram conta para sempre daquele coração que, um dia, ousara sonhar ser feliz. Somente diante de Lalá, conseguia abrandar o sofrimento.

Dona Lalá era a mais velha do casamento com João e, junto com a mãe, aprendeu a dureza da vida cuidando dos irmãos, enquanto Maria José lavava roupas para fora, buscando, na rudeza do trabalho manual, o sustento para os filhos. Não sabia ler nem escrever, mas na medida do possível, forçava seus meninos a irem à escola para conhecerem as primeiras letras. Dos cinco filhos, somente a mãe de Camille se interessava pelos livros e chorou muito quando, um dia, a mãe avisou que ela não poderia mais estudar. Tinha conseguido um emprego para ela na cidade, na casa de gente rica, e o dinheiro iria ajudar muito.

As irmãs eram muito pequenas ainda, se bem que já realizassem muitas tarefas que hoje em dia nem "gente grande" faz. O irmão mais velho, fruto do amor pelo jovem patrão, há muito havia deixado o lar na busca de aventuras e de enriquecimento e nunca mais voltou. O outro, frangote ainda, já mostrava tendências para o jogo e para os desvios do caminho reto e mais dia menos dia também partiria. Era questão de tempo. Na verdade, Maria José só contava consigo mesma e com a filha mais velha. Ela sabia que a força da menina seria sempre seu esteio, e assim o foi. Um a um, cada irmão foi tomando sua vida nas próprias mãos e deixando a mãe com Lalá. Afinal, era a mais velha e sempre estivera ao seu lado. Para eles era natural que assim fosse, mas ela muito desejava dividir essa responsabilidade.

Já beirava os trinta e cinco anos quando Seu Valdo apareceu na sua vida. Era a resposta de Deus à sua solidão. E a alegria marcava presença todas as vezes que ele vinha conversar com ela no portão de sua casa. Com ele, dizia Dona Lalá, repetindo suas palavras: "não havia mal tempo, pois tudo se resolvia quando não atropelamos o destino". Maria José amava verdadeiramente aquele homem como se fosse um filho. Ou pelo menos, o filho que sonhara um dia ter ao seu lado, para ajudá-la na velhice. Ela rezava todas as noites, pedindo a Deus que os unisse sob Suas bênçãos, pois dentro de sua rudeza sentia que Lalá poderia ser feliz com ele.

Não havia paixão, mas nada se comparava à ternura que sentiam um pelo outro. O respeito e a admiração entre os dois os levaram ao casamento. O companheirismo, a solidariedade nos sofrimentos e alegrias, a amizade que tudo desculpa, estabeleciam a vinculação afetiva que daria suporte, para toda a vida, aos atritos e conflitos de cada um. O lar que Maria José sempre quisera ter, onde a harmonia, a tolerância e a compreensão comandassem as atitudes de todos, era real, agora, e seu genro e sua filha exemplificavam isso. Um grande alívio tomou conta do seu coração e um dia, como soldado que venceu a luta, partiu orgulhosa por haver conseguido, dentro dos seus parcos limites, cumprir sua missão. Ela sabia que talvez pudesse ter feito melhor, mas fez o que podia e o que sabia, e Deus, certamente, levaria em conta tudo isso.

Fácil de entender a aparente frieza que se nota, às vezes, no olhar de Dona Lalá e essa profundidade com que olha o seu interlocutor, buscando o que ele tem de melhor. Hoje, conhecendo um pouco da sua história, percebo que não é frieza, mas determinação diante das adversidades. Quem como ela viveu o que viveu, não tem medo de nada. E é por essa razão que, quando seu olhar se perde nas lembranças tristes do passado, Camille a traz para junto de si e com um chá quente e saboroso, biscoitos macios, sorriso carinhoso, faz com que perceba que nunca mais esteve sozinha. Primeiro com Seu Valdo e agora com ela.

Com um gesto amoroso a filha toca em seu rosto e um sorriso volta a iluminar a face sofrida. Elas estão unidas e há muito trabalho a ser feito junto aos que sofrem. Não se pode perder tempo com o passado. Melhor deixá-lo onde deve estar: no passado. Ela conheceu o sofrimento, a necessidade e sabe quanto isso dói. Por essa razão, ao invés de ficar esperando que o sofrimento alheio venha bater à sua porta, vai ao encontro dele, evitando, assim, a humilhação de quem precisa pedir.

Seis

– Camille, é você filha?

– Sou eu, mãe! Tudo bem?

– Está tudo bem, sim, com a graça de Deus. E você, passou bem o dia?

– Lindamente! Levei um tombo na rua e conheci um homem lindo!

– Nessa ordem?

– Exatamente, dona Lalá!

Conhecendo a filha como ninguém, já imaginava o que viria a seguir. Assim, sentou-se, aguardando que ela contasse tudo.

– O que pretende fazer?

– Em primeiro lugar, vou procurar aquele livro sobre óperas que papai tinha, lembra-se dele? Com capa vermelha.

– Claro que sim! Todas as vezes que seu pai queria nos contar sobre a história de determinada ópera, corria para o livro e voltava feliz, trazendo-o como se fosse um tesouro. Dizia ele que aquele livro era o dicionário das óperas. Tudo estava lá. As francesas, as alemãs, as italianas, os teatros onde foram encenadas pela primeira vez, os solistas, os regentes etc. etc. etc. Quando isso acontecia, dava-me a impressão que seu pai se desligava do mundo material e sabe-se lá Deus aonde ia. Tenho saudades disso, você não?

– Hoje, sim! Hoje entendo essa paixão pelas artes que ele tinha. Eu era muito jovem e meus interesses eram outros, você sabe... Fico pensando quanto deixei de aprender com ele! Às vezes, imagino que enquanto somos jovens acreditamos, de modo inconsciente, que nossos pais são eternos. Assim, o que não aprendermos hoje, porque não temos tempo, aprenderemos outro dia, e quando nos damos conta, já envelhecemos e nossos pais já partiram. Bem, deixemos de conversa e vamos procurar o livro.

Lá estava ele, com sua capa vermelha e em letras grandes escrito: KOBBE – O Livro Completo da Ópera. Camille pegou-o como Seu Valdo fazia: como um tesouro. Doces lembranças daquela criatura tão amada tomaram conta das duas mulheres. Não conseguiam abrir o livro. Apenas o acariciavam e se lembravam, pois naquele momento era o que bastava. Todo o resto, a pesquisa, a leitura, ficariam para mais tarde. Seu Valdo estava presente e sua presença exigia respeito e amor.

Nos dias que se seguiram, Camille mergulhou na leitura do livro, usando todo tempo disponível que tinha. Buscou informações que seriam preciosas para que pudesse conversar com Franco sobre o assunto de que ele mais gostava. Gostava e conhecia. E conhecia muito bem o mundo operístico dos grandes mestres. Ao menos, no que dizia respeito à ópera. Camille teria condição de sair-se razoavelmente bem, pois era inteligente e possuía excelente memória. Não foi difícil, muito pelo contrário, tornou-se bastante prazeroso interessar-se por algo que, de alguma forma, a aproximava do pai. Percebeu que não estava sendo movida somente pelo interesse, mas havia, sim, uma alegria tranquila nessa busca, pois, de certa forma, trazia de volta a sua meninice e isso significava felicidade.

Todas as vezes que iniciamos um trabalho de pesquisa, temos a sensação de que ele não se esgota em si mesmo, pois existe uma espécie de prolongamento, em consequência das pequenas descobertas que fazemos, e que nos impulsiona, às vezes paralelamente e às vezes posteriormente, a procurarmos informações afins. E isso aconteceu com nossa amiga porque, com a pesquisa do livro, sentiu também a necessidade de ouvir as músicas que seu pai amava. Não desejava apenas saber, agora, qual era a história que o folhetim contava, mas, também, ouvir as músicas compostas sob aquela inspiração. E mais uma vez, vasculhou os pertences de Seu Valdo, retirando antigos discos e descobrindo fotos, cartinhas que ela havia escrito para ele no dia

dos pais ou no Natal, pequenas lembranças perdidas no meio de outros papéis que nunca haviam sido mexidos.

Camille não sabia o que fazer com todo aquele tesouro que estava em suas mãos porque ignorava que o pai guardasse essas bobagens de criança. Também não sabia se sua mãe tinha conhecimento daquilo. Os documentos pessoais dele sempre estiveram em pastas devidamente separadas e guardadas, de forma a não terem trabalho caso ele morresse. Era homem previdente e organizado e não queria que as duas pessoas que mais amava na vida tivessem qualquer preocupação com a burocracia que acompanha a obrigação de inventariar bens.

Sem que tivesse qualquer noção do bem que estava fazendo àquele coração amigo, Franco, o responsável por aqueles momentos de ternura, estava indelevelmente ligado a elas. Foi por ele que Camille trouxe à memória a doce imagem do pai e um pedacinho desconhecido dele, que acalentou seu coração saudoso da figura íntegra, amorosa e de imensa generosidade. A partir daquele momento, seria eternamente grata ao novo velho amigo.

Um sorriso surgiu no seu rosto quando Dona Lalá entrou no quarto chamando-a para jantar.

– Mãe, lembra-se de quando o papai me levou para trabalhar com ele no escritório e você aborreceu-se porque eu era muito pequena?

– E não era para me aborrecer? Você só tinha doze anos e precisava aprender coisas que uma moça necessita para administrar uma casa, cuidar dos filhos, do marido...

– Eu não gostava dessas coisas, e você sabia disso!

– Isso é verdade. Não queria nem chegar perto do fogão.

– Mas gostava de mexer com a roupa, lembra-se?

– Claro! Na verdade, você gostava de brincar com água – disse rindo.

– Tenho saudade desse tempo. Era tão bom acompanhá-lo ao escritório... Ensinou-me tantas coisas e eu pude ajudá-lo muitas vezes. Na verdade, não era o trabalho que me agradava, mas a

oportunidade de ficar com ele, de vê-lo se movimentar com segurança entre seus livros de corretagem, seus papéis. Não sei como não se atrapalhava. Penso que a dedicação que tenho hoje pelo meu trabalho, devo a ele e ao seu exemplo de responsabilidade e honestidade aos princípios que sempre nortearam sua vida. Tudo que fazia, fazia bem feito por respeito ao cliente e a si próprio.

– Que bom se existisse mais pessoas como seu pai, não é?

– Acredito que existam e não são poucas, mas, infelizmente, como o mal ainda predomina sobre o nosso planeta, temos a sensação de que elas não existem.

– Dia virá, minha filha, em que esse estado de coisas terá fim. O homem progredirá moralmente, queira ou não. É da lei de Deus que assim seja. Coloque as coisas de seu pai sobre a escrivaninha e vamos jantar. Depois organizamos esses papéis, está bem assim?

Dona Lalá estava certa. Todos nos modificamos sempre. Uns mais rapidamente, outros mais lentamente, mas sempre caminhando para frente.

Somente depois de alguns dias foi que Camille se deu conta de que não pensava mais em Franco do mesmo modo, como havia acontecido no momento em que o conhecera, desastrosamente, diga-se, e não entendia o porquê. Alguma coisa mudou e, a bem da verdade, não a incomodava. Tinha a sensação de senti-lo mais próximo agora e uma ternura muito grande tomou conta do seu coração amoroso. Havia sublimado o sentimento inicial e isso a agradava muitíssimo. Podia estar com ele, falar sobre tudo que quisesse sem nenhum constrangimento. Não é que não pudesse amá-lo como uma mulher ama um homem, mas alguma coisa a empurrava em outra direção. Não resistiu a essa inspiração, pois confiava que tudo o que lhe acontecia era sempre para melhor. Estava feliz e isso é o que importava.

Havia um mês que Franco estava em férias no Brasil e era hora de voltar. Tinha apresentações e precisava iniciar os ensaios.

– Minha querida amiga, vou sentir sua falta, mas assim que terminarem meus compromissos na Europa, retorno. Tenho um assunto íntimo, sério, que desejo conversar com você.

– Estou vendo uma nuvem de tristeza em seus olhos – disse Camille.

– Falaremos quando voltar. Reze muito por mim e peça a Deus que eu consiga encontrar meu caminho.

– Está preocupando-me, Franco! Não quer falar agora?

– Não. Não é algo para ser tratado assim ainda que o desejasse. Eu volto. Agora, vamos jantar em algum lugar agradável para comemorar nossa amizade?

Sete

○ tempo passa célere e três meses depois – e muitos telefonemas – Franco retorna. Havia sido convidado a trabalhar em algumas capitais brasileiras e Camille exultava de alegria. Poderia, agora, ver o querido amigo no palco, mostrando sua arte. Sua emoção era evidente quando abriu a porta de casa para ele. Teriam um tempo maior para conversarem sobre o que afligia o rapaz. O momento dele havia chegado e era preciso coragem para a nova caminhada.

– Sou homossexual e estou cansado – disse ele de supetão e com profundo pesar.

Num átimo, Camille percebeu todo clamor por ajuda, todo pedido de socorro que aquela criatura lhe enviava. A mão dele estava estendida, implorando, com todo seu ser, o concurso amigo que só ela poderia lhe proporcionar. Durante alguns instantes, e em profundo silêncio, Camille entendeu o convite que Jesus fazia a todos aqueles que o seguiam: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. O amor em transformação foi o que sentiu com toda a sua alma. Não era o amor de uma mulher por um homem, nem o que sentem os pais pelos filhos, mas algo que ia muito além de todo sentimento que ela conhecera até então. E ela compreendeu o convite de Jesus. Sentiu todo seu amor sublimando-se em relação àquela criatura e olhos erguidos aos céus, agradeceu; agradeceu por sentir, por compreender, por poder ajudar.

O caminho da redenção é quase sempre revestido de grandes lutas íntimas. Cada um de nós, a seu tempo e hora, encontra-se diante de uma bifurcação no caminho existencial. E a pergunta que se nos impõem nesses momentos é dolorosa: persistir nas antigas condutas, repetindo as mesmas frases prontas, confirmando pelos nossos atos as mesmas “verdades eternas” – as nossas –, nas mesmas soluções para os mesmos problemas, que infinitamente se repetem a todo momento, num incrível comodismo

de não querer sofrer ou olhar para o outro lado, para dentro de si mesmo e ver de fato que não somos felizes como desejaríamos ser? Que não temos paz porque estamos sempre imaginando que os outros nos fazem sofrer, e que somos vítimas perenes da maldade alheia? Que somos absolutamente incapazes de lidar com a necessidade de crescimento pelo qual nosso ser clama? Estamos cansados e não sabemos o que fazer, o que responder.

Redirecionar nossos sentimentos, pensamentos, palavras e atos por outros caminhos não é tarefa fácil, pois exige de cada um de nós uma grande dose de sacrifícios e renúncias, que não estamos dispostos a fazer.

– Ficou decepcionada? – perguntou Franco quase assustado.

– Claro que não! Penso que mais surpresa com o que se passou em mim do que com sua revelação, esteja certo disso!

– Fico feliz, minha amiga, por não ter tido ares de crítica, malícia ou desaprovação. Por isso lhe contei. Tinha certeza de que poderia confiar em você. Obrigado!

Camille respirou profundamente como que querendo ordenar seus sentimentos. Não havia dúvidas em seu coração a respeito do que sentia, e disse quase sorrindo:

– Agora, se desejar contar-me tudo desde o início, talvez possa ajudá-lo, se quiser minha ajuda, naturalmente. Vamos tentar juntos encontrar o caminho que procura para acabar com esse sofrimento que vejo nos seus olhos.

– É tão visível assim?

– Para mim, sim! E já percebi isso há algum tempo, mas não poderia perguntar-lhe nada, a menos que quisesse me contar, como fez agora. Quem sabe, conhecendo toda história ou parte dela, possamos, unidos, ultrapassar essa dificuldade que tanta amargura lhe traz. Fale o que quiser, quanto quiser e como quiser. A partir de agora tudo que estiver ao meu alcance, eu o farei!

Camille disse aquilo com todo o amor de que seu coração era capaz naquele momento. Envoltas em profunda piedade pelo querido amigo, amou-o mais do que nunca. Amava-o como quem se

descobre ligada ao outro pelo sentimento de fraternidade que deveria conduzir todos os seres; amava-o como a um irmão em perigo, desejando ansiosamente sair do turbilhão que lhe norteava a existência. Nossa amiga estava disposta a ajudá-lo a manter-se na estrada que, ela pressentia, ele já havia escolhido, e sabia das dificuldades que ele enfrentaria.

– Talvez você seja a única pessoa que pode me ajudar – disse Franco –, pois preciso entender, nesse momento da minha vida, o porquê de ser assim. Quero descobrir por que não me interessamos amorosamente por uma mulher; por que me identifico mais com o mundo feminino; por que me sinto tão infeliz quando me olho no espelho e não compreendo como tendo um corpo de homem, minha alma é de alguém que sente, pensa e age como mulher. É um tormento diário que não suporto mais!

– Franco, você procurou ajuda de terapeutas?

– Sim e pouco me ajudaram. Aqueles a quem consultei, e não sei dizer se foram os melhores, ou querem que eu assuma minha homossexualidade de forma inquestionável ou que tente um relacionamento heterossexual. Qualquer um dos dois seria uma agressão comigo. Por isso não sei o que fazer e preciso de ajuda.

– Franco, meu amigo, só posso ajudá-lo à luz dos conhecimentos que tenho e que a doutrina que abraço me possibilita. Ao menos ela traz, para mim e para quem a segue, consolo e esperança para os momentos aflitivos que experimentamos.

– Acho que é disso que estou precisando: entender, ter esperança. Acabar com essa culpa que me consome.

– Então, vamos ver se consigo fazê-lo compreender. Existem dificuldades que podemos ultrapassar e existem outras que não conseguimos superar, ao menos por ora. O que necessitamos é conhecê-las e para isso precisamos identificá-las para saber o que fazer. E é esse entendimento que o Espiritismo nos dá. Ele nos ensina que é possível sermos felizes, apesar de todas as dificuldades que nos cercam a existência porque deixa claro que a

vida continua além da morte do corpo físico e que, pela misericórdia divina, podemos retornar a novos corpos para novas experiências, novos aprendizados na busca da solução de nossas mazelas. O processo é lento para a maioria de nós e quase sempre doloroso, porque insistimos em repetir os mesmos desvios, as mesmas escolhas infelizes. Mas, Deus, Pai Criador, não tem pressa, pois sabe que um dia cansaremos de tantos desatinos. Acredito sinceramente que você esteja nesse momento, e bendito ele seja, pois chegou seu tempo de renovação. Estou feliz com isso!

– Se entendi o que você disse, significa que eu não vou conseguir resolver meu problema agora? Que não vai ser possível aliviar minha angústia por que não há nada que eu possa fazer?

– Claro que há o que fazer e muito! Mas entenda que não basta querer. É fundamental que nos movemos para realizar nosso desejo. Não adianta esperar que os outros resolvam por nós os nossos problemas. Eles podem nos ajudar e, se prestarmos atenção ao nosso redor, poderemos nos lembrar de quantos corações amigos e mãos generosas nos ampararam e nos guiaram na nossa vida. Entretanto, apesar de tudo isso, as escolhas dos caminhos serão sempre nossas. Então, lhe pergunto: está disposto a fazer o que deve ser feito, apesar de todos os obstáculos que encontrar?

– Estou! Ao menos hoje e agora é o que mais desejo.

– A cada dia a luta será maior, mas, também, a cada dia você se sentirá mais fortalecido a prosseguir. Deus não desampara quem não se entrega ao comodismo e ao desânimo. E, além do mais, você tem sua música, seu trabalho. Isso nunca o deixará só. E mais do que nunca deverá dedicar-se à sua carreira e à sua grande paixão.

– Minha amiga, você está me trazendo esperança e grande conforto moral.

– Sabe, existe uma frase de Albert Einstein de que gosto muito. Diz ele que “Deus não joga dados”, e é interessante pensarmos a respeito disso para compreendermos que a Ciência só chegou aonde chegou, e que isso só foi possível, justamente porque

Ele não joga dados. Tudo no Universo responde a leis imutáveis e, portanto, eternas. Se houvesse o acaso, o homem não teria conquistado o espaço, não estaria pesquisando e estudando os mares, nem teria descoberto o código genético e tantas outras coisas que trouxeram bem-estar, conforto e progresso à humanidade. Pela lei de atração e repulsão tudo se movimenta no Universo com incrível exatidão e segurança, passível de ser calculada porque não varia. E quando pensamos em tudo, tudo mesmo, estamos falando desde o organismo unicelular até os astros. E de nós, evidentemente, incluídos nesse planejamento. Somos elementos constitutivos desse Universo que mal conhecemos e, portanto, submetidos às mesmas leis. Pois bem, vamos imaginar, apenas para efeito ilustrativo, a vida representada por um círculo e dentro dele várias divisões, compartimentos designando a riqueza, a pobreza, todas as psicopatologias, a cor da pele das pessoas, as doenças incuráveis ou não, as deformidades físicas e outras tantas divisões, cada uma delas contendo os elementos que caracterizam a humanidade. Imaginemos, agora, Deus com dados na mão, simbolizando os seres humanos, jogando-os sobre esse círculo. Onde cada um cair, ali estará um homem com suas características boas ou más, sem chance de escolhas, sem possibilidade de remissão. Como pode ver, esbarramos aí com um grande problema: a Justiça Divina. Se Deus é justo e misericordioso, e se não tivesse esses atributos não seria Deus, como pode distribuir privilégios e exclusões a esta humanidade terrena? Não lhe parece estranho esse pensamento?

– Eu próprio já pensei várias vezes nisso – responde Franco. Digo pensei porque estou percebendo que quer me conduzir por um caminho lógico que pode mudar minha forma de pensar, de ver o mundo e minha própria vida.

– É essa a minha ideia! – diz Camille, sorrindo.

– Só não entendo o que isso tem a ver comigo.

– Chegaremos lá. Eu disse que o caminho seria longo e você só está começando. Não podemos ser imediatistas quando lidamos

com a restauração da nossa alma. Levamos muito tempo destruindo um patrimônio divino e quando ele está quase em ruínas, isso quando não chega de fato à ruína, queremos reerguê-lo rapidamente, não respeitando o tempo necessário para que seja feito com segurança a fim de nunca mais ruir. Você precisa primeiro compreender o que existe ao seu redor, este mundo do qual você, eu e toda humanidade fazemos parte e sobre o qual poucas vezes pensamos. Não temos tempo, paciência, pois estamos sempre voltados para nós. Quando disse que existem coisas que não podemos mudar no momento, estava me referindo ao seu problema. As coisas com você não aconteceram por acaso porque Deus jogou os dados e você caiu no compartimento dos homossexuais. Então, a explicação deve estar em outro lugar. Os sofrimentos que experimentamos nessa vida, quando não são o resultado de escolhas infelizes que fizemos na adolescência ou mesmo na idade adulta por orgulho, egoísmo na satisfação de nossos caprichos e desejos, ou pela má administração dos recursos financeiros dos quais dispúnhamos, estão, certamente, em um passado ao qual não temos acesso e do qual não nos lembramos.

– Mas eu nasci assim! Não foram escolhas erradas! Sempre me senti da maneira como lhe disse: inconformado com o que via no espelho.

– Entendo o que quer dizer, mas reflitamos juntos: se Deus não joga dados, se você sempre se sentiu assim e, portanto, não foram escolhas suas nesta existência, não poderíamos dizer que a origem pode estar num passado remoto, muito além desta vida? O que lhe parece essa ideia?

– Em vidas passadas, você quer dizer?

– Sim, em vidas passadas!

– Como pode ser isso, Camille? Fiz coisas erradas e agora Deus me pune, fazendo com que eu sofra?

– Não, Franco! Deus não pune ninguém! Ele nos criou para sermos felizes e para evoluirmos moral e intelectualmente e, por isso, coloca à nossa disposição uma série infinita de recursos. Mas

nos dá uma direção que é o cumprimento de Suas leis. Se não as cumprirmos, nos desviando ou cumprindo só uma parte, criamos um quadro de débitos que nos alcançará onde estivermos, não importando a época. O próprio Jesus nos alerta para isso dizendo que só seremos absolutamente felizes quando tivermos pagado a última moeda dos débitos contraídos com o Pai Criador. E essa dívida, é bom que fique bem claro, não é com Ele, mas com Suas leis. No plano material, podemos comparar ao não cumprimento das leis humanas, dando um exemplo bem simples: quando nos desviamos dessas leis, não criamos um débito com a sociedade?

– O que você está falando eu entendo porque é assim em todos os lugares. O que não compreendo é o que se passa comigo e o que aconteceu, como você diz, em um passado do qual não me lembro, para ter hoje o corpo de um homem com a cabeça de uma mulher.

– Você entenderá e o que não compreender, pergunte. Qualquer pessoa deve perguntar aquilo que não sabe ou não entende. Fazer cara de conhecedor do assunto é passar para si mesmo um atestado de burrice, como dizia Seu Valdo. Se vamos juntos esclarecer o que se passa com você, é preciso compreender isso para encontrar o caminho. Nascemos com a organização física adequada para que possamos viver, da melhor maneira possível, as experiências necessárias à nossa evolução. Se precisamos passar por aprendizagem que necessite um corpo masculino, assim será. A mesma coisa acontece com a necessidade de um corpo feminino, por exemplo, para a experiência da maternidade. Diante disso, podemos perceber que o Espírito não tem sexo e que, por necessidade evolutiva, transita de um para o outro, dependendo dessa condição. É, pois, a organização física com a qual o Espírito reencarna que determina isso. Quando retornamos à matéria, somos envolvidos por uma série de circunstâncias que, na maioria das vezes, nos fazem fraquejar e fracassar nas tarefas que viemos realizar, seja como homem ou como mulher. Diante de tantos convites aos desvios das leis divinas, acabamos, muitas vezes,

aumentando os débitos que já havíamos acumulado e que necessitávamos resgatar. Assim, ao falharmos com determinado corpo, seja pelo abuso dele ou por seu descuido, a misericórdia divina nos propicia, ao desencarnarmos, nova oportunidade de retornarmos à matéria para o refazimento dos caminhos de onde havíamos nos desviado. Mais uma vez nos comprometemos a cumprir os compromissos assumidos com os benfeitores espirituais que nos assistem – enquanto estávamos no plano espiritual – e retornamos com outro corpo de igual organização física para os necessários ajustes. E, novamente, no esquecimento da matéria – e ainda bem que nos esquecemos – e com a fragilidade moral que possuímos, falhamos. Sempre nos são dadas várias oportunidades, mas, teimosos e renitentes em aprender as lições, a justiça divina nos permite um aprendizado mais doloroso, com a finalidade de avançarmos no progresso evolutivo: retornamos em outro corpo de constituição física diferente daquele com o qual falimos tantas vezes. Meu querido amigo, o sofrimento pelo qual esse Espírito passa é incompreensível para todo aquele que não tem ou não aceita a ideia de reencarnações sucessivas, necessárias ao nosso caminhar em direção ao amor do Pai. Você sabe o que é isso porque dolorosamente vivencia essa experiência.

– Mas se mudamos o corpo, Camille, como você diz, também deveríamos mudar a cabeça, ou então Deus não é justo.

– Deus não é injusto e você vai entender o que acontece. Quando a experiência terrena se faz com equilíbrio e o aprendizado chega àquele coração, ao reencarnar novamente esse Espírito não se lembrará do que viveu antes, independentemente do corpo que tenha servido para abrigá-lo. Mas nem todos conseguem isso, falindo continuamente, repetindo os mesmos vícios, fazendo as mesmas escolhas infelizes. O nosso campo mental, Franco, fica marcado pelas repetidas reencarnações com a mesma organização física, quando não conseguimos superar as tendências inferiores que trazemos tão arraigadas em nós. Ao reencarnarmos com uma organização física diferente das anteriores, providência divina para

não cairmos em um abismo moral, o nosso psiquismo, que conservou essas tendências, desejos formas de agir e de pensar das reencarnações anteriores nas quais falimos, não aceita a nova ordem orgânica. Assim, temos nossa mente ou campo psíquico todo impregnado por essas lembranças – não conscientes, mas presentes –, enquanto nosso corpo físico é organizado de outra forma. Por isso se sofre tanto. Por isso a luta íntima que poucos compreendem e que parece não ter fim. A reencarnação é a etapa mais importante da jornada evolutiva, um passo longo na caminhada, tantas vezes quantas forem necessárias a esse processo. Para que você, eu, todos nós, recomeçemos essa jornada é preciso que tenhamos consciência de que somos seres espirituais em progresso. Enquanto não tivermos isso muito claro, compreendido e aceito tudo será paliativo, pois que não encontramos as causas das nossas aflições. E não adianta buscá-las fora de nós porque estão dentro de nós. Cansamos de lutar contra o mundo e não nos damos conta de que é contra nós mesmos essa luta. Somos os herdeiros de nós próprios, como diz estimado benfeitor espiritual.

– E o que eu preciso fazer para compreender tudo isso e me modificar?

– O primeiro passo é buscar essa conscientização. Vai precisar estudar um pouco sobre esses conceitos para entendê-los melhor, analisá-los, ponderar, meditar sobre tudo isso. Com o tempo compreenderá que todo indivíduo envolvido em problemas de sofrimento é um devedor em processo de resgate. Assim, para que os mecanismos de reajuste obtenham o sucesso esperado, é importante que a cura atinja o ser espiritual, a essência da criatura; portanto, somente através de uma renovação das atitudes mentais e a firme decisão de persistir nessas mudanças é que a criatura alcançará êxito. Por isso que as quedas contínuas nos mesmos erros levam o indivíduo à deterioração psicológica e a um retorno dolorido à matéria. O desvirtuamento do sexo é um desses casos. Percebe como tudo na vida necessita equilíbrio? Cada escolha, cada pensamento, cada ação precisa vir antecedida de ponderação, para

não cairmos nas armadilhas das facilidades enganosas, de vãs fantasias. Mas, enquanto você procura maiores esclarecimentos, continuaremos nossas conversas e na medida do possível vou tentando ajudá-lo. Sabe que, pensando bem, você está me fazendo um grande favor?

– Eu?! Você é que está me ajudando.

– Engano seu, meu amigo. Para esclarecê-lo preciso estudar e com isso aprendo mais. Entende agora quem é o maior beneficiário? Percebe como sou interesseira? E eu só tenho a lhe agradecer.

Camille falava isso dando risada e Franco, surpreso com as palavras da amiga, só fazia balançar a cabeça como a dizer “não acredito no que ouço”. Nossa amiga afasta-se para buscar alguns livros para ele e ao voltar, convida-o para almoçarem.

Trabalho, leituras e conversas. Durante semanas, foram essas as maiores preocupações de Franco. A determinação com que procurava entender aqueles conceitos e o apoio de Camille fizeram com que começasse a enxergar uma saída para seus tormentos. De repente, tudo parecia fazer sentido para ele. Outras situações aflitivas começaram a ter um contorno por meio de uma explicação lógica. Ele não era doente e tampouco porque agia diferente, sentia diferente não significava que não tivesse pudores ou religião. Com que facilidade rotulamos os outros, simplesmente por pensarem, agirem ou sentirem de uma maneira diferente da nossa. Quantos de nós, por falta de caridade, de fraternidade, julgamos e condenamos o outro porque ousou não se enquadrar nos paradigmas que acreditamos serem os únicos bons – nós os seguimos e, portanto, são os verdadeiros para os outros também. Por que estamos sempre imaginando que somos melhores que os outros? Quando vamos entender de uma vez por todas que somos todos aprendizes ante a Sabedoria Divina? Nossa intolerância com o próximo que se difere dos padrões estabelecidos como certo me faz imaginar o que seria de nós se Deus fosse intolerante conosco. Estaríamos,

certamente, mais atolados em nossos desatinos, viciações de toda ordem e psicoses de todos os tipos... Ainda bem que Ele nos ama!

– Camille, estou de volta a São Paulo. Uma semana de descanso e depois outra apresentação no Sul – era Franco ao telefone com uma voz que expressava alegria e determinação. – Posso vê-la ainda hoje?

– Evidentemente que sim! Venha agora se quiser.

A alegria do irmão fraterno não deixava dúvidas de que algo de bom estava acontecendo.

– Comece a falar porque estou muito curiosa – pediu Camille assim que ele chegou.

– Algumas coisas me aconteceram intimamente e pude perceber qual caminho devo seguir daqui para frente. Ninguém precisa mais me dizer como agir e você está fora desse “ninguém” – disse isso rindo. – Veja bem a que conclusões cheguei: descobri que necessito autolibertar-me para encontrar o equilíbrio e isso, para mim, quer dizer livrar-me do sentimento de culpa que me persegue. Isso é conclusão minha, quer dizer, serve para mim e não para os outros. Também percebi que preciso canalizar minhas energias em algo realmente útil, não que minha música não o seja, pois leva alegria a muita gente, mas fazendo caridade, ajudando a quem se encontra em sofrimento de qualquer espécie.

Camille o olhava com ternura e profunda admiração pela firme vontade do amigo em querer ser uma pessoa melhor. E ele continuou falando de suas descobertas com imenso entusiasmo.

– Percebi, minha amiga, que é possível encontrar a felicidade através da renovação de nós mesmos. Saber que o que você faz hoje lhe dará frutos amanhã. Entender que nada se perde, que qualquer boa ou má ação será utilizada a seu favor, em benefício da própria evolução.

– Você sabe que a luta é longa, não sabe?

– Sei e você vai me ajudar nisso.

– De que maneira vou fazer isso, Franco?

– Quero ajudar crianças carentes. Existem tantas pelas ruas, e eu gostaria de tirá-las dessa vida. Gostaria de dar-lhes dignidade e respeito. Quero mergulhar nessa ideia e não ter tempo para pensar bobagens e recair. Tenho meu trabalho que me absorve e alguns recursos financeiros para iniciarmos o projeto. Só precisamos ser modestos no início, mas sei que conseguirei mais ajuda para fazê-lo crescer. Posso contar com você?

– Isso é pergunta que se faça a uma trabalhadora de Jesus?

Franco continua lutando pela sua superação, atendendo às inspirações que emanam do Alto em seu benefício. Conscientizou-se de que é mestre e aprendiz. Mestre do canto, aprendiz da vida.

Para Camille, sua voz tornou-se o símbolo da luta contra a ignorância intelectual, moral e social. Mantém, através dela, a instituição em terras brasileiras que Camille dirige com amor e generosidade, atendendo a crianças e jovens carentes de tudo, onde com dignidade e respeito recebem os recursos necessários para aprenderem a lutar contra as adversidades inerentes à própria existência.

Dois jovens que aprenderam a se amar pelo amor ao próximo, caminhando com um só objetivo em mente e um imenso amor no coração.

Oito

Desde que Marina telefonou à Camille convidando-a a ir junto com Miriam, Amanda e eu à casa dela passar quinze dias, uma estranha sensação tomou conta da mente de nossa amiga. Não era nada definido ou claro, mas havia uma certa sutileza nessa impressão que a incomodava, a ponto de se perceber pensando em Marina nas horas menos adequadas e, algumas vezes, até durante o trabalho na instituição que formara junto com Franco e que dirigia com um Conselho.

Quem a visse nesses momentos poderia imaginar, de forma errônea, que ela não se interessava pelos inúmeros problemas que envolviam aquela obra. Entretanto, quem a conhecia, sabia que aquela casa era a sua própria vida, que a mantinha sempre feliz e ativa.

E foi justamente por saber que poderia contar com a eficiência e o carinho dos membros do Conselho que ela decidiu, por fim, aceitar o convite da amiga para essa temporada em sua casa. Além do mais, queria, de uma vez por todas, serenar seu coração e aquietar sua mente.

Alguns dias depois, o telefone toca na casa de Camille.

- Olá, Camille, sou eu, Amanda.
- Está tudo bem? Já falou com as outras?
- Está tudo bem, sim, já falei com todas. Amanhã, pela manhã, partimos para a casa de Marina. Parece incrível, mas vamos tirar férias juntas! Nem estou acreditando!
- Penso que vai ser bom para nós. Estou com muita saudade dela. Ainda bem que Miriam veio antes para São Paulo e assim pudemos nos ver e conversar. Não a via há algum tempo e agora teremos quinze dias, fazendo tudo o que nos agrada fazer. Vou aproveitar cada momento, você vai ver!

– Assino embaixo tudo o que está dizendo. Então, até amanhã. Passaremos aí para pegá-la. Tenha uma boa noite, minha amiga.

– Você também. Até amanhã.

MIRIAM

Um

Miriam, nome doce de personagem de romances, é mulher forte dos pampas. Mulher de fibra, apesar de inúmeros percalços, caminha segura, dona de seu destino, sustentando aflições alheias em seus ombros. Magra e esguia, caminha sempre em linha reta como se alguém marcasse para ela, com tinta, o lugar por onde deve passar. Imenso contraste comigo que sempre tive incrível inabilidade motora no que se refere a manter uma linha reta, seja caminhando, riscando ou cortando um papel. Essa diferença sempre foi alvo de brincadeiras entre nós duas.

De descendência alemã, traz nos olhos azuis e no loiro dos cabelos a marca do povo germânico. Coração imenso, maior que o próprio peito, é capaz de emocionar-se até às lágrimas ao ler uma página terna ou ver uma cena triste na televisão. Diz sempre que é capaz de chorar até em inauguração de supermercado! Mas seu sorriso inconfundível faz com que seu rosto brilhe e, quando isso acontece, seu olhar parece retornar à infância.

E quantas vezes percebi a saudade em seus olhos, talvez saudade da infância sulina, na qual o caminho para a casa da avó era de terra e a adolescência pautada pelo teatro estudantil, pelos amigos queridos, pelo piano materno ministrando aulas a talentos promissores, pela família reunida em datas festivas.

Saudade que via em Miriam e que também eu sentia. Saudade da infância longínqua, de juventude vivida afoitamente como quem corre contra o tempo, não podendo perder um minuto do minuto presente. É como se tivéssemos todo o tempo do mundo para nos preocupar com o futuro. Difícil para o jovem compreender que o futuro está no momento seguinte a qualquer decisão que se

tome, e mais difícil ainda aceitar que são essas decisões, tomadas no ardor do entusiasmo desmedido de quem tudo quer porque acredita tudo poder, que marcarão para sempre suas vidas. Destinos marcados, certamente, por nós mesmos quando vamos, inadvertidamente, criando situações, consolidando escolhas, de cujas consequências não mais poderemos fugir, até que tenhamos entendido, para sempre, que somos os únicos responsáveis pelos quadros aflitivos que experimentamos em nossas existências, e que levamos a existências alheias.

Mas, se por um lado podemos criar aflições para nós e para os outros, também, com certeza, podemos forjar alegrias e momentos de felicidade. Assim era Miriam quando a conheci e, ainda hoje, apesar de todos os embates da vida, assim permanece. Evidentemente para a alegria de todos que têm o privilégio de sua convivência amorosa.

Não se pode esquecer-la. Ela marcou para sempre minha vida. Sua alegria estará sempre no *hall* social do andar onde durante catorze anos tivemos convivência fraterna de confiança e cumplicidade, na qual bastava um bater na porta para que pudéssemos usufruir momentos de música, confiança, ajuda moral ou material. Somos irmãs de mães diferentes, com crenças diferentes e gostos diversos. Mas nos respeitamos e nos amamos. Hoje estamos afastadas fisicamente, mas, apesar disso, continuamos ligadas espiritualmente. É assim que acontece quando corações amigos se encontram para que ambos cresçam em amor.

O prédio onde tantas vezes desfrutamos da amizade sincera estava localizado em frente a um parque e a varanda da sala voltava-se para o Norte. Lugar privilegiado, pois à nossa frente descortinava-se a Serra da Cantareira. E ao final de todas as semanas, ao término de mais um dia, quando já havíamos cumprido nossas obrigações, sentávamo-nos na varanda do seu apartamento e conversávamos. Era nesses momentos que Miriam contava coisas, narrava fatos, falava de sua saudade e das suas lutas. Era também nesses momentos que abandonávamos as cadeiras e ela ia para o

piano tocar e cantar. A música sempre fez parte de sua vida e por meio dela realizava-se, ao menos naqueles momentos.

Miriam tinha um grande sonho quando jovem: subir a um palco, cantar e tocar para uma multidão. E ser aplaudida, evidentemente. Por conta desse sonho criou inúmeras fantasias. Imaginava que assim que se formasse em Farmácia – é seu ramo profissional – iria para a Amazônia fundar um centro de pesquisa para estudo da flora local, e abrir um local de entretenimento, onde todos poderiam dar vazão aos seus dotes artísticos.

– Mas precisa ser no meio da floresta? Não pode ser em algum lugar mais civilizado? – perguntei nessa ocasião, em franco tom de brincadeira.

– E o centro de estudos? – retrucava ela, já entendendo o que eu pretendia.

– Talvez, se pudesse mandar buscar o que lhe interessa, ou ir você mesma... ficaria por aqui cantando. O que acha da ideia? – completava eu já aguardando a sua reação.

– Você está debochando do meu devaneio! – respondia, fingindo indignação.

De repente nos olhávamos e caíamos na risada pelo absurdo da nossa conversa. E ficávamos imaginando como seria, com a idade que tínhamos, uma aventura desse porte.

Como nos distanciamos dos nossos sonhos juvenis!... Como enterramos projetos e esperanças, acreditando que a vida nos exige outras responsabilidades, outras realizações que não aquelas ligadas ao que almejamos um dia. Como é difícil conciliar o sonho sonhado e a realidade vivida. Tenho a impressão, até hoje, de que ela nunca conseguiu realizar nem uma ínfima parte do que sonhou algum dia. Como eu também não realizei. Como tantos não conseguiram.

Certa vez, telefonei para sua casa no litoral catarinense, onde mora hoje. Ela não estava e quem atendeu foi sua irmã Mali. Até hoje ignoro a origem desse apelido, mas, também, quem precisa entendê-lo? Bastante alegre informou-me que Miriam, minha doce amiga, estava naquele momento apresentando-se em uma

boate. Difícil descrever o tamanho do susto que tive. Miriam em uma boate?! Como toda amiga preocupada, pedi detalhes do fato que ela mal soube explicar. Disse apenas que estava passando uns dias com a irmã e que depois ela própria me contaria tudo.

Somente no dia seguinte tive a oportunidade de saber que a tal boate era, na verdade, um restaurante cujo dono, amante da música, mantinha em seu estabelecimento um piano, e as portas abertas para um grupo que todas as segundas-feiras ia lá cantar.

A casa fecha nesse dia da semana para os fregueses, mas abre suas portas e seu piano para que a música se espalhe por todo quarteirão, trazendo, para sua porta, famílias inteiras que amam o belo. E as pessoas ficam ali, sentadas nas escadas, ouvindo em paz e harmonia, participando desses momentos de comunhão com o Universo. Tenho a incrível sensação de que Miriam realizou, nesses momentos, parte do sonho de um dia cantar para uma multidão. Quase nunca a multidão escuta, pois não há silêncio interior para que a música se faça ouvir no coração de cada um.

Quando falou comigo estava tão empolgada que já tinha em mente as próximas apresentações. O interessante no entusiasmo dela era a alegria que sentia ao falar desse novo projeto. Adorava o cancionero francês, e ela precisava disso, desse mergulho, ainda que pequeno, para se fortalecer e continuar na luta contra a doença que consumia o companheiro querido.

Dois

Muitos de nós contam fatos da vida lembrando-se de datas, de acontecimentos divertidos ou tristes. Não Miriam! Seu referencial são as constantes mudanças de uma casa para outra. E isso a marcou.

As histórias que narrava sempre me impressionaram, mas, principalmente, a maneira como ela se referia às suas moradas. Primeiro, com os pais e depois, sozinha. Miriam nunca ficava muito tempo em uma casa. Esse ir e vir em sua vida a marcou de tal forma que se reflete, ainda hoje, na sua constante necessidade de trocar os móveis de lugar. O estável, em se tratando dos objetos que a cercam, incomoda-a demais. Tem consciência disso, mas não consegue evitar. Esse lado dela é tão presente que fala da sua história por meio disso.

Contou-me, ela, da sua primeira casa, com tanto carinho, que me parece poder acompanhar suas reminiscências como se ali tivesse estado. Até os sete anos de idade, foi seu paraíso. Casa imensa, construída pelo pai, tinha um belo jardim na frente que se cobria de rosas o ano inteiro. Nos fundos, um carvalho gigante se fazendo senhor de tudo. O gramado e um chafariz dentro do pequenino lago que abrigava as tartarugas completavam seu mundo.

A saudade em Miriam faz morada nesse momento e ela revê, com olhos infantis, a parreira, a horta, os brinquedos que o pai construía para diversão dos filhos. Meu Deus, como ela amava aquele pai! Os olhos dela param em um ponto qualquer desse passado. Param no quiosque feito de treliça de madeira, onde Papito – assim o chamava – cultivava orquídeas. Quando foi que parou de chamá-lo assim? O suspiro parece sair do fundo do seu ser e sua voz silencia. Era preciso parar de lembrar, mas tudo está tão

presente nesse momento em sua memória... Por que parar? Saudade? Muitas! Tristezas, nenhuma!

Dividindo o quintal – tão grande nos olhos de sete anos – uma cerca viva de onde seguia o pomar. Ah!... o pomar... ameixa, lima da pérsia – aquela que fica amarga no final, nos dizia ela –, a laranja do céu, doce, doce...

– Laranja do céu? – perguntei entre admirada e incrédula. Nunca tinha ouvido falar daquele tipo de laranja!

– Laranja lima! – respondeu ela mais ainda admirada da minha ignorância.

É isso o que acontece quando vivemos em um país tão extenso onde as mesmas coisas encontram diferentes maneiras de expressão. Mas senti-me feliz por poder aprender mais alguma coisa sobre a gente dessa terra que tanto amo. Laranja do céu... laranja lima... doce, doce. E não é mesmo que parece do céu? Quem de nós consegue comer apenas uma?

Os olhos da querida amiga brilhavam e quando isso acontecia, colocava-me de prontidão, pois conhecia essa expressão nela. Seu sorriso se abriu e as lembranças da meninice não deixaram mais espaço para as saudades. Só para as alegrias.

– Nessas árvores e em outras que havia, brincávamos de Tarzan e eu era a Chita – narrava.

E alguém mais poderia sê-lo? Pensei, mas não comentei, para não quebrar o encanto do momento. E ela prosseguiu:

– A mana Mali era a Jane e o primo Osvaldo, o mais velho de todos, o Tarzan. Os demais, por serem pequenos, faziam os bichos e montávamos ali uma verdadeira floresta. Sabe de uma coisa? Acabo de me lembrar que atrás da loja de papai havia também muitas árvores frutíferas, que serviam de palco para nossas brincadeiras.

Durante todos esses anos de amizade, ouvindo essas histórias e podendo percorrer também minha própria história, nunca me foi possível imaginar que tivesse, um dia, a oportunidade de lembrá-las e escrevê-las. É bem possível que muitos ao lê-las

encontrem nas linhas e entrelinhas um pouco de si mesmo. E é bem possível, também, que seja esse o meu objetivo: o de trazer cada um para dentro de si mesmo, por meio da doce saudade e das amargas tristezas que nos marcaram a existência, mas que acima de tudo nos mostram que a vida é uma eterna ciranda de vidas idas e vividas, e de vidas por vir que estarão sempre nos enriquecendo, quando aprendermos a aproveitar cada momento da lição bendita.

As lembranças de Miriam vêm e vão. Algumas têm a narrativa marcada por recordações que a levam a distante tempo, junto à alegria do compartilhar com a família tudo que possuíam. Mas quando esse caminhar a traz para tempo não tão longínquo, sua testa se franze e seu olhar quase que endurece. Amarguras, certamente, fazem parte dessas histórias. Histórias que todos nós trazemos intocáveis em nossos corações e que nos dão medo. Medo de lembrar, de falar, de reviver. Algumas nos fizeram amadurecer, mas muitas outras permanecem trancadas em nossas mentes porque ainda não temos coragem de revê-las, pois que um profundo sentimento de culpa não nos abandona. Ainda não somos capazes de compreender, mas, sobretudo, de aceitar que um dia erramos por não sabermos como era o certo. Se formos refletir em nosso momento presente, poderemos afirmar, com segurança, que não faríamos hoje o que fizemos ontem, pois todos evoluímos moralmente, queiramos ou não.

Foi a vinda de Mali a São Paulo para passar as festas de fim de ano que nos proporcionou as mais alegres e produtivas conversas. Ninguém melhor que irmã mais velha para contar o que nos recusamos a fazê-lo com medo do ridículo. E disso tirei proveito sem pudor algum.

Muito parecida com Miriam fisicamente, é, todavia, seu oposto no que se refere a atitudes. Não gosta de mudanças e não se conforma com essa constante troca de lugares que a irmã faz com os móveis. Entretanto, não se importa de fechar sua casa por seis meses viajando, se puder fazê-lo. Bem diferente é Miriam que, pelo fato de ter ficado marcada pelas constantes mudanças, apegou-

se ao seu canto, enquanto está nele. Contraditório comportamento dela que precisa da instabilidade exterior para manter a ordem interior. Necessita da mudança constante dos objetos ao seu redor para sentir-se relativamente tranquila. Para mim é difícil entender isso. Mas o que realmente importa é essa amizade que sentimos e que tanto nos aproxima uma da outra.

Contou-me Mali, nessa ocasião, que entre todos os irmãos, Miriam era a mais moleca, a mais esperta, a mais inteligente, a mais responsável e a mais malcriada. O pai brincava muito com os filhos. Era severo, mas não batia. A mãe, entretanto, batia nos filhos – quando faziam arte – com um chinelo de pano, que era para não doer. Por conta disso, evidentemente, Miriam fazia sempre o que não devia. Vivia cortando o cabelo dos irmãos, quando conseguia, e o próprio cabelo. A mãe, bastante brava, corria atrás dela, que corria para debaixo da mesa da sala de jantar e, protegida entre as cadeiras, mostrava a língua para ela. A mãe ameaçava cortá-la e a pobre Mali, aos prantos, suplicava desesperadamente para que ela não o fizesse, e implorava à irmã que parasse com a malcriação. Contaram-me também que moraram em uma casa construída no meio de um terreno, o que propiciava a existência de um quintal e um jardim que se comunicavam entre si pelas laterais da casa. Assim, o trânsito entre as portas que dava para o jardim e a que saía para o quintal tinham comunicação por fora e, qualquer traquinagem que faziam, corriam para a porta da cozinha, ganhavam o quintal e de lá, pelas laterais da casa, chegavam à rua. Essas histórias que a irmã de Miriam contava terminavam sempre em sonoras gargalhadas e muita cumplicidade entre elas. Fico imaginando quanto há para contar... quanto para lembrar... Doce amiga, que saudade sinto neste momento...

Cada festa de fim de ano que se aproxima, dou-me conta de que não mais verei nossas portas abertas para que pudéssemos circular de um apartamento para o outro. Seu piano tocando, sua voz alegre preenchendo o ar, a sopa de lentilha que me obrigava a comer para dar sorte durante o ano, as sementes de romã para

afugentar o azar, o caroço de tâmara guardado em uma cédula de valor alto, para que não faltasse dinheiro o ano todo. Superstições que me faziam rir, mas que cumpria como um ritual para vê-la feliz. Sinto falta, sim! Sinto muita falta.

A doença do marido e a necessidade de um clima melhor, sem a poluição que toma conta dessa cidade, dessa São Paulo tão sedutora e tão repleta de problemas, onde ele pudesse conviver com mais silêncio, menos violência, fez com que, mais uma vez, mudasse de moradia.

A desordem exterior para manter a ordem interior. Difícil entender isso.

Três

Das quatro, Miriam era a minha amiga mais antiga e a ela foram se juntando, como agregadas, Marina, depois Camille e, por fim, Amanda. Até hoje não sei por que nos unimos. Tenho sempre a impressão de que já nos conhecíamos há muito tempo sem que nunca nos tivéssemos visto. A verdade é que sempre estaremos juntas, não importa onde cada uma de nós esteja.

Marina estava em São Paulo. Viera resolver alguns problemas pessoais e aproveitar para visitar os amigos paulistas e foi aproveitando a vinda dela à minha casa, para nos vermos, que Miriam a conheceu. Seria inevitável esse encontro, já que morávamos no mesmo andar, uma em frente da outra.

O encontro delas foi surpreendente. Em questão de minutos, conversavam como velhas companheiras de traquinagens. As brincadeiras de criança, a vida que corria livre nos pés descalços dessas duas amigas, as subidas nas mangueiras, as frutas comidas no pé com sabor de quero mais, uniram essas duas almas irmãs que, com alegria, relembavam a infância feliz. De muitas lembranças semelhantes desfrutavam ambas, apesar de vidas vividas em lugares tão distantes. Mas, ali estavam elas, falando de coisas absolutamente parecidas, sentidas e vividas, na alegria dos doces anos infantis.

Também eu tive uma infância parecida, contava eu a elas. Não de quintais com grandes árvores, mas de rua sossegada, na qual o único carro que passava era uma velha jardineira. Que levava as pessoas de uma cidade próxima para outra. Andava lenta, barulhenta e insuportavelmente quente no seu interior, principalmente nos dias de verão. O único movimento de trânsito na cidade onde morava eram as charretes que faziam as vezes dos táxis de hoje em dia. Nada havia que nos impedisse, portanto, de correr pelas ruas brincando, quase sempre à noite quando a

temperatura era mais amena, sob as vistas de nossos pais que, trazendo cadeiras de dentro de casa, sentavam nas calçadas e ali permaneciam jogando conversa fora – como eles mesmos diziam – ou comentando coisas que nós, crianças, não podíamos escutar, pois eram conversas de adultos. Nem saberia dizer, hoje, se realmente nos preocupávamos em querer ouvir aquelas conversas, visto que tínhamos tantas coisas mais importantes para fazer.

E ali ficamos. Miriam, Marina e eu, lembrando, rindo, num misto de saudade terna e doída. Vontade de voltar, medo de ir para frente. Sentimentos antagônicos, mas perfeitamente compreensíveis, quando nos damos conta de que o tempo não volta. Aquilo que fizemos está indelevelmente marcado em nossas vidas e na vida dos outros, e o que deixamos de fazer por não podermos ou não quisermos fazer, também. Em tudo deixamos nossas marcas. E aí está a nossa grande responsabilidade diante da vida. Engana-se quem pensa que se passa ileso pelo tempo.

Daquele dia em diante, éramos um trio: cúmplices, companheiras, irmãs leais com quem poderíamos sempre contar, apesar de nenhum laço consanguíneo nos unir. Irmãs pelo coração, em sintonia com o amor fraterno. Benditos sejam, então, esses encontros fraternos!

Não saberia dizer por qual razão a vinda de Marina fez com que Miriam lembrasse fatos assustadores de sua infância sulina, fatos que nunca havia me contado ou dos quais, talvez, não se lembrasse. Mas somos mestres em jogar para debaixo do tapete aquilo que nos incomoda e, ingenuamente, imaginamos que não lembrar é esquecer. Um dia, o tapete está tão sujo que precisa ser varrido, jogando-se para fora o que acumulamos durante tanto tempo. De alguma maneira, a presença da nossa amiga desencadeou tudo isso.

Em silêncio respeitoso, percebendo as lembranças doídas de Miriam, ouvimo-la falar da Segunda Guerra Mundial e de como o povo atirava pedras nas casas dos descendentes de alemães, como sua família era também descendente, mas não alvo das pedradas. O

que ela não entendia, naquela época, e que só mais tarde percebeu, é que sua casa era a única a não ser apedrejada, porque seus pais eram queridos pelos pobres que eles ajudavam, na Legião da Boa Vontade.

Os olhos de Miriam voltavam ao passado e nele podíamos ver quão assustador deve ter sido ouvir os grupos chegando à noite, gritando e atirando pedras. Mas, ódio gera ódio e amor gera amor. A caridade que fazemos desperta nos outros o desejo de fazer igual. Assim Papito e a mãe puderam poupar os filhos e, como exemplos vivos de amor ao próximo. Mostraram que somente através do amor podemos nos proteger do ódio alheio e daquilo que de pior temos em nós mesmos.

Dos sete aos dezesseis anos, Miriam deu início àquilo que viria marcá-la para sempre. A loja de calçados do pai começa a ter sérios problemas financeiros e a família é obrigada a vender a casa onde ela nasceu e onde estabelecera seu universo. A loja precisava ser salva, pois, de alguma forma, era o que sustentava a família.

Quando nossa querida amiga falava da forma como o pai administrava o seu comércio, não era de se estranhar que a falência pudesse rondá-lo constantemente. Era incapaz de dizer não a qualquer pessoa necessitada que passasse e pedisse para vender fiado um par de sapatos. Evidentemente, nem todos voltavam para pagar e as contas iam se acumulando – dos outros devendo para ele e ele devendo para os outros. A única maneira de cobrir esse rombo era colocar mais dinheiro na loja e deixar a mãe de Miriam administrá-la.

Surgiu o outro problema: onde arranjar esse dinheiro? A proposta dos avós era a única alternativa: vender a bela casa. Mas onde morariam? Novamente o bom senso dos avós prevaleceu. Eles venderiam também a casa onde estava, comprariam uma terceira, na qual todos morariam juntos. Assim, os problemas se resolveriam. O medo, a insegurança, a tristeza de deixar os companheiros de folgedos, a professora amorosa, seu jardim, seu quintal... A nova casa era bem menor e agora com mais duas pessoas, apesar de

todos amarem esses avós queridos, contudo não era sua casa e, pior que isso, ela não teria mais o caminho de terra que levava à casa deles; não sentiria mais a alegria de chegar correndo e abraçá-los com saudade. Agora, poderia sempre estar com eles, mas não era a mesma coisa... Faltava o caminho de terra.

Quatro

O novo lar, apesar de menor, também possuía um jardim. Tinha um terço do tamanho do anterior e aos olhos da pequena, longe estava de ser bonito. Mas foi o cuidado das mãos da avó, a paciência e a vontade de dar aos netos os cantinhos para brincarem que fizeram com que, aos poucos, as flores começassem a brotar, as árvores florirem para darem frutos saborosos. E logo, as crianças daquela família já tinham um novo universo para suas brincadeiras. A loja, agora, sob o olhar atento e mão firme da nova administradora, caminhava de "vento em popa". Ninguém mais "pendurava suas contas" ou deixava de pagá-las. Tudo parecia navegar em grande calma.

Os novos amigos da gurizada, os novos professores, Miriam e Mali na mesma sala de aula e o início de uma grande dor para toda a família.

De qualquer modo começou sem que ninguém percebesse. Papito sempre fora algo cismador, mas isso fazia parte da sua natureza. Tinha-se a impressão de que muitas vezes ele "viajava a outros mundos", distanciando-se deste planeta. Quando isso acontecia, ninguém o incomodava, pois seu olhar perdido e seu sorriso mostravam a todos que ele estava feliz. Entretanto, naquela tarde, algo mudou. O olhar permanecia perdido, mas sem o brilho costumeiro, e o sorriso desaparecera. A esposa preocupada tocou-o de leve. Ele virou-se e não a reconheceu, como não reconheceu ninguém da família. Foram momentos que pareceram uma eternidade. Quando saiu daquele estado de alheamento, nunca mais foi o mesmo. Lentamente foi se distanciando, isolando-se, em um mundo que não era o dos outros, o tempo de esquecimento se prolongando, a mudança de comportamento se acentuando e, cada vez mais, a tristeza tomando conta de todos.

Rapidamente a doença se instala. Não havia cura. Nada existia a não ser o sofrimento daquela família que presenciava a decrepitude de um ser amado, sem que nada se pudesse fazer.

O que mais abatia e trazia desesperança à nossa querida amiga era o alheamento paterno em relação a ela. Aquele homem era para ela mais que um pai, era o amigo de todas as horas a quem confiava seus mais íntimos anseios, medos, sonhos. O isolamento daquela mente a tudo que o cercava a maltratava de tal maneira que, sem entender a justiça divina, acusava Deus e o próprio pai por aquele quadro de agonia em que se encontrava. Entrando na adolescência e acreditando-se capaz de tudo poder, como todos os jovens acreditam – e ainda bem que são assim – não aceitava a realidade que a chamava ao exercício da paciência e da resignação. Era difícil para ela. Era insustentável para todos. O pai era um homem tão bonito... E a mãe, então? Linda, os olhos azuis como os da avó. Meses depois ele partiu, deixando um vazio grande naquela família.

Quando Miriam se lembrava da avó, em momentos de reminiscências que compartilhava conosco, a descrevia de uma forma singular: erguia-se, fazia pose, como se fosse a avó, e a descrevia gesticulando graciosamente. Lembrava-se principalmente, dos olhos azuis violeta que tinha e que, combinados com a pele mais morena que a das outras irmãs, não mostrava sua descendência dinamarquesa, por parte do pai, que se somava a uma descendência francesa e baiana, por parte da mãe. Era a mulher mais bonita que ela conhecia e adorada por todos os netos e sobrinhos.

Cinco

Miriam é ainda uma mulher muito bonita. Beira hoje os setenta anos de idade, mas conserva a altivez e o ar de grande dama que sempre a marcou, ao menos no meu entender. Ao lado disso, espalha uma aura de generosidade, que a faz ser essa grande mulher, ainda que esteja simplesmente vestida. Mesmo que esteja triste ou cansada, ergue-se sempre como uma dama, coisa que somente os espíritos evoluídos podem fazer e, por isso mesmo, parecem sempre elegantes nos gestos, no tom da voz, no andar calmo.

Durante muitos anos, sentiu-se como a “outra”, pois todos os rapazes que a atraíam já eram comprometidos com alguém, e para fugir dessa frustração resolveu dedicar-se inteiramente aos exames para a faculdade. Tinha nessa época dezoito anos e imaginava que iria ficar para “titia”, como se dizia. Para ter concentração, refugiou-se na chácara de amigos dos pais: deitava-se na rede, sob árvores frondosas, com os livros ao lado, biscoitos de todos os sabores, feitos pela mãe e pela avó. Que lhe traziam quando iam vê-la. O ingresso na faculdade foi imediato. Sempre muito agitada, imediatista, exigente, mais consigo do que com os outros, e com apurado senso de responsabilidade, tornou-se exemplo para os irmãos e primos mais jovens.

Na faculdade, sempre foi amiga que todos queriam ter por perto. Dessa forma, participava de vários grupos ao mesmo tempo e o mais chegado ou com quem tinha maior intimidade, era formado por três rapazes – todos comprometidos.

Enquanto esteve na universidade, mudou-se duas vezes de casa. Na primeira, da república estudantil para um quarto de pensão, onde morava sozinha. Na segunda vez, da pensão para a Casa do Estudante Universitário, pois não havia mais dinheiro para mantê-la no pensionato. Entretanto essa instabilidade em nada

alterou a sua seriedade e seu bom senso em todas as tarefas que realizava no curso. E foi por causa disso que um dos professores a convidou para o primeiro emprego. Sua vida se alternava entre a corrida constante do trabalho para a faculdade e da faculdade para o trabalho... As amigas casando... Mali casando... E ela só flertando e apaixonando-se.

O apaixonar-se fazia parte do seu jeito de ser. Mas não se prendia a ninguém, nem a nada, a não ser ao seu trabalho e estudos. Isso era realmente importante para ela e por causa dessa sua dedicação, galgou altos cargos nas empresas onde trabalhou, que lhe garantiram o sustento seguro e uma vida digna após a aposentadoria. Se não fosse por isso, ela não teria conseguido manter-se durante e após a doença do marido. Foram muitos anos de luta e de sacrifícios, que eram amenizados pelos recursos financeiros que havia amealhado pelo trabalho.

Todavia, para entender esse senso de responsabilidade desenvolvido, precisamos voltar alguns anos na vida dela. Tempos depois de frequentarem a mesma sala de aula, Miriam separou-se de Mali, pois cada uma já buscava interesses diferentes para as futuras profissões. Ela continuou firme no seu objetivo de querer ser farmacêutica, enquanto que a irmã abandonaria, alguns anos depois, os bancos escolares, procurando o que lhe dava mais prazer: o piano, os namoros e o trabalho na loja do pai. E esse interesse precoce por rapazes levou-a, muito cedo, ao casamento, o que não aconteceu com Miriam, pois só muito mais tarde encontraria o homem com quem viveria, até que a doença o levasse para longe dela, não sem grande sofrimento para ambos.

Com o casamento da irmã, Miriam assumiu seu lugar na loja, trabalhando apenas um período para não atrapalhar os estudos. Loja grande, com setor masculino, feminino, artigos esportivos, possuía também, nos fundos, uma sapataria para consertos. O chimarrão era indispensável e ela aprendeu a saboreá-lo, o que até hoje faz com grande prazer. Foi essa responsabilidade precoce que fez com que ela se tornasse confiável e sensata, virtudes que faziam

parte do seu caráter e que lhe proporcionaram o sucesso pessoal e profissional. Foi esse ar sério, não sisudo, confiável e terno que me aproximou dela, transformando-a em amiga tão querida e confidente tão zelosa dos segredos alheios.

Assim é Miriam, minha amiga tão querida e que me traz tanta saudade. Usufrui de cada minuto da nossa convivência física, procurando tirar deles lições que ainda me servem de parâmetro para caminhar para frente com determinação.

Seis

Apesar do sofrimento, ela despediu-se do marido. Foi-se sem maiores agonias, depois de intensa luta para manter-se vivo. Procurou, em cada momento da vida terrena, um fiapo de vitalidade para que o tempo não se cumprisse. Com a tristeza estampada na voz, Miriam nos comunicou o fato.

Eu estava longe dela nesse momento, pois tudo indicava, segundo suas próprias afirmações, que o quadro permanecia estável. Daí, minha ausência. Entretanto, encontrava-se lúcido o suficiente, embora, muitas vezes, não conseguisse coordenar as ideias e nem as lembranças, para reclamar do que comia, do que bebia, da empregada que ajudava nos afazeres da casa e, quando Miriam precisava, também dele. Era uma mulher paciente e atendia prontamente às suas solicitações – considerava Miriam mais amiga que patroa – na tarefa de resgate que esse casal experimentava.

Cesar tinha o corpo entravado pela doença, precisando, o tempo todo, de alguém que o carregasse para um banho, que o higienizasse depois que as necessidades orgânicas eram feitas nas fraldas. E Miriam o atendia como se seu filho fosse. E ele era. Ele foi. Essa vivência dolorosa para ambos, levou-os, em algum momento, que não pudemos perceber, a compreenderem o real significado de estarem juntos.

Na noite anterior à morte de Cesar, contou-nos Miriam, entre um misto de dor e de alívio, o que ele lhe falou:

– Filhinha – assim ele a chamava –, fique junto de mim um pouco. Preciso ver você aqui perto para conversar, pedir que me perdoe e que não me esqueça. Só tenho você no mundo. Só tenho você que se importa comigo!

– Não fale assim, paizinho – assim ela o chamava! – Tu sabes que não gosto!

– Eu sei, mas é verdade! Você não imagina, nesses últimos dias quando acordava e a via sentada quietinha, recostada com os olhos fechados pelo cansaço que lhe causo, me lembrava de alguém que me acolhia no colo, ainda menino sem, contudo, saber quem era. Aí, ficava pensando que talvez fosse você essa pessoa. É como se meu corpo diminuísse e eu me tornasse criança. Quando essa lembrança me acolhe, sinto tristeza e alegria ao mesmo tempo. Não compreendo e tenho medo!

– Paizinho, tu não tens que ter medo de nada. Eu estou aqui e não vou embora. Tu me vêes cuidando sempre de ti e sonha com tudo isso. É natural! Sempre sonhamos com aquilo que nos inquieta. Não quero te ver aflito e por isso vou dormir contigo esta noite.

Enquanto falavam, suas mãos se entrelaçavam, buscando o amparo e a coragem para prosseguirem. E os olhos dele penetravam os dela, cheios de gratidão, pela primeira vez, em todos esses longos anos.

Na manhã seguinte, Miriam acorda com o corpo alquebrado pela noite mal dormida. Noite de vigília para que ele soubesse que ela estava ali, ao seu lado, como sempre estivera, apesar de ele não haver percebido isso, a não ser agora. Ele a chama amorosamente e lhe dá bom dia. Seria mais um dia de lutas, igual a tantos outros. Apenas mais difícil. Abre a janela e ao voltar-se o vê em convulsão. Dali a duas horas, tudo se acaba. Miriam suspira e agradece a Deus por ele não haver sofrido naquele momento e, apesar da dor que sentia pela perda do companheiro de tantas décadas, estava em paz. Fizera tudo que lhe foi possível. Absolutamente tudo ao seu alcance. Minha amiga estava só. O Cesar que ela amou, e que sempre amará, não estaria mais junto dela.

As lembranças de nossas conversas na varanda do seu apartamento voltaram-me à mente, e percebi que, na verdade, nunca haviam ido embora. Há bastante tempo não pensava nesses

momentos com Miriam. Tantas coisas acontecem ao mesmo tempo no nosso dia a dia. Postergamos telefonemas, cartas, mensagens, encontros fraternos e nos esquecemos de que um dia as pessoas que amamos não estarão mais entre nós, ou que nós próprios poderemos não estar entre elas. Quem poderá dizer? Enquanto estamos todos na mesma estrada, procuremos prestar mais atenção uns aos outros; ter mais paciência com as diferenças e com os enganos alheios, mas não com a conivência do erro deliberado. Isso não é amor. Busquemos compreender que cada um de nós está em um momento especial de vida neste planeta, momento esse diferente entre si e, portanto, com ideias, atitudes, sonhos e esperanças absolutamente pessoais. Enquanto estamos juntos, vamos acreditar que poderemos ser criaturas melhores nessa rica troca de experiências, na qual teremos a oportunidade de ensinarmos, de aprendermos, de nos ajudarmos mutuamente.

Sete

Assim que o funeral terminou – ritual que minimiza o choque da morte para quem fica – e ainda em estado anestesiante, Miriam foi para a casa da mãe, bem no sul do país, permanecendo lá um bom tempo. O carinho e os cuidados dos familiares a sustentaram nesse período tão difícil. Mas era preciso retornar, pois havia providências práticas a serem tomadas.

Foi com profundo pesar que entrou em sua casa naquele dia. Pela primeira vez, em tantos anos, não encontrou Cesar, e deu-se conta de que não mais o veria, nem o tocaria, e sentiu aquele lugar grande demais, vazio demais para se viver.

Aos poucos, com a ajuda da irmã, começou a separar os pertences dele. Queria doar tudo a quem necessitasse, em seu nome. Guardou apenas algumas lembranças, pequenas coisas com enorme valor sentimental, para que pudesse, vez por outra, senti-lo um pouco perto de si. Coerente com seus princípios de vida, sabia que a saudade sobreviveria em seu coração, mas não deixaria que pensamentos mórbidos, doentios, de apego, enodoassem esse sentimento que faz parte de como sentir a vida. Para que isso não acontecesse, retomou suas atividades e mergulhou no trabalho de ajuda aos mais necessitados. Trabalhava em nome de Cesar, distribuindo aos outros o grande amor que tinha dentro de si. Tinha certeza de que ele ficaria feliz com essa atitude, onde quer que estivesse.

Com tantos afazeres, mal percebeu o tempo passar, e quando Marina convidou-a para ir conosco visitá-la, não pensou duas vezes e aceitou.

O telefone toca em minha casa.

– Sou eu, Miriam – fala do outro lado, minha querida amiga.

– Estou esperando por você – respondo com alegria ao ouvi-la. Seu quarto já está pronto e tudo arrumado para nossa viagem.

– Está tudo certo, então. Chego amanhã no final da tarde. Fico alguns dias com você e depois caímos na estrada com as meninas. Não vejo a hora de revê-las.

– Então até amanhã e faça uma boa viagem.

MARINA

Um

Ocupávamos dois quartos na casa de Marina. Amanda e Camille em um, e nós, Miriam e eu, em outro. Cômodos amplos e arejados, com duas camas de solteiro, maiores que as convencionais. Os banheiros privativos davam o toque de intimidade em cada um. Com as janelas abertas, apreciando a paisagem, aguardávamos que as outras duas acordassem para juntas irmos ao encontro de nossa anfitriã.

Manhã radiosa nos convidava à alegria de compartilhar com toda a beleza generosa da natureza daquele lugar. Era cedo e não precisávamos estar acordadas àquela hora. Primeiro, porque estávamos em férias e, em segundo, ninguém que necessitasse dos nossos cuidados. Entretanto, o hábito de despertar nas primeiras horas da manhã fica arraigado no nosso corpo físico, condicionando-o, queiramos ou não a acordar para o novo dia. Não poderíamos dizer, com honestidade, se valeria a pena demorar-se mais na cama quando um dia como aquele nos convida a usufruir, com toda a natureza, das benesses divinas.

Apesar de aposentadas, exceção à Amanda que ainda trabalhava como tradutora de filmes para a televisão, tarefa que também não lhe exigia horários fixos, todas nós tínhamos trabalhos outros aos quais nos dedicávamos com prazer, uma vez que a obrigação imposta por horários e padrões não mais fazia parte da nossa rotina.

– Bom dia, meninas! – nos diz Marina, com imenso sorriso.
– Bom dia! – respondemos todas, em uníssono, brincando com ela.

– As meninas dormiram bem?

– As meninas dormiram bem, sim, senhora!

Resposta seguida de sonora gargalhada à pergunta da amiga que nos recebia, em sua casa, para alguns dias de delicioso descanso. Era esse o cumprimento dela a todas nós que ali, na sua casa, sentíamos como se estivéssemos nas nossas.

A alegria com que nossa amiga nos recebia para o café da manhã, só se comparava à mesa que preparara para a primeira refeição do dia. Inesquecíveis foram as geleias, os bolos, as compotas e os aromas do pão de queijo saindo do forno e do café moído e coado na hora. Cada reunião em torno da mesa era um acontecimento para ela e, por causa disso, sua casa vivia em festa.

Foi assim com os filhos, enquanto moraram com ela. E foi assim, também, com as netas quando vinham passar as férias em sua casa. Por motivos óbvios, a cozinha da casa era o local mais movimentado. Com cinco filhos para alimentar, cuidava ela de simplificar a vida, atitude na qual Marina era mestra diplomada. A escola que frequentou deu a ela as condições necessárias para enfrentar a vida com alegria, apesar de todas as dificuldades inerentes à própria vida. Seus pais, avós e tios foram os grandes mestres dessa escola e os condutores seguros de uma existência pautada pelo amor, pela solidariedade e fraternidade entre todos.

Se alguém nos perguntar como Marina era, dificilmente poderíamos ser fiéis em sua descrição. Ninguém se comparava a ela. Poderíamos até tentar, mas, certamente, passaríamos uma pálida ideia dessa mulher. Era mineira, mãe de muitos filhos e netas lindas. Foi a avó que todos nós gostaríamos de ter tido. Costureira de mão cheia, fazia enxovais completos para as bonecas das meninas. A harmonia da atmosfera familiar era para ela a grande razão da sua existência, conquistada a duras penas, nas lutas diárias, sem esmorecimento, acreditando que a família é a base de uma sociedade sadia.

Conheci Marina, primeiro, através de seu filho mais jovem. De tanto falar da mãe amorosa, acabei por criar uma imagem dela, pelos olhos do filho. Menino carinhoso que tem na mãe o exemplo da mulher que gostaria de ter ao seu lado para formar uma família e, por essa razão, não encontrou ninguém até hoje. Quem procura mãe não encontra esposa, e nosso jovem amigo esqueceu-se, parece, do principal: não existe outra Marina, como não existe outra Miriam, Amanda, Camille... Cada ser humano é único na sua forma de ser, individualidade preservada ainda que tenhamos de viver mil vidas.

Sempre foi impossível para todas nós estabelecermos comparação entre ela e alguém que tenhamos conhecido um dia. Parecia poesia plasmada, com forma de mulher, corpo de mulher, mas absolutamente etérea. Ninguém conseguiu permanecer junto dela sem sentir-se envolvido pela sua harmonia e pela paz que irradiava. Quem a conheceu ama-a até hoje e não a esquece. Marina movimentava-se com tamanha desenvoltura e tanta leveza que muitas vezes tínhamos a impressão que iria alçar voo e deixar-nos, ali, pasmas, sem saber o que fazer caso isso acontecesse.

Reunidas no final do dia na varanda da casa de Marina, falava-nos da sua infância e da imensa felicidade com que reinou, soberana, no coração e no castelo do avô, como ela costumava se referir à casa dele. Recordava, com lágrimas nos olhos – lágrimas saudosas de tempos que deixaram profundas marcas em seu caráter – da casinha que essa amada figura construía no fundo do quintal de sua casa para abrigar seus pais, Esmeralda e Bernardo, jovem casal que iniciava a vida a dois e da qual era ela o resultado mais palpável. Por essa razão, nasceu na casa do Vô Dindi. Não havia naquela cidade quem não o conhecesse e não o chamasse por esse apelido. Quantos netos tinha Seu Dindi por causa disso!

O quarto dos avós era também seu quarto, quando queria dormir com eles; e era tão grande que tinha sua cama, seu armário e sua própria penteadeira. Hoje, vivendo em espaços tão estreitos é difícil imaginar metragem quadrada tão grande. Coisas de quem não

entende viver a não ser na largueza: largueza de bondade, largueza de paixão pela vida e por tudo que nela pulsa, sentimentos que transmitiu à neta através de exemplos constantes de bem viver, de fazer-se amado e de amar a todos sem exigências, a não ser o de querer sua família próxima de si, o que não impediu, entretanto, que sua outra filha fosse viver com o marido em outra cidade.

– Esposa acompanha o marido – dizia ele no que concordava a avó de Marina.

A família era a única coisa que tinha real importância para ele e quando os netos lhe perguntavam “por que a gente nasce”, Seu Dindi não desperdiçava esses momentos, trazendo todos para o pé do fogão a lenha, para lhes falar sobre o sentido da vida, a alegria de vivê-la em toda sua plenitude, do respeito e do amor ao semelhantes e de tudo aquilo que Deus colocou no mundo. Ensinava que a família é a primeira escola de amor que frequentamos, e na qual podemos ter as oportunidades de exercitar a tolerância e a caridade, de poder aprender os próprios limites e a respeitar o limite do outro, e na qual nos encontramos, pela misericórdia divina, para exercitar o perdão. Assim era Seu Dindi. Via além, muito além da estreiteza dos sentidos.

As recordações de Marina provocavam em nós muitos risos e algum pesar e, inevitavelmente, olhávamos umas para as outras a nos perguntarmos onde estaríamos, hoje, nossas brincadeiras de antigamente. Que saudade podíamos sentir quando, com Marina, retornávamos a tempo idos. Que saudade da ciranda de rua, do pega-pega, do pula-corda. Quanto doía saber que cada vez menos nossas crianças usam sua imaginação para construir suas infâncias e poder depois trazê-las, como estávamos fazendo, com carinho e muito riso, as rodas de conversas onde acabávamos por perceber como fomos felizes naqueles tempos. Tempos difíceis para muitos de nós, mas absolutamente rememoráveis em nossas buscas humanas.

Dois

Aqueles dias na casa de Marina estavam sendo inesquecíveis, pois dificilmente tínhamos a oportunidade de reunirmos as cinco amigas a fim de usufruirmos da companhia uma das outras. A iniciativa dela havia primeiro nos pegado de surpresa e, segundo, possibilitado a vinda de todas nós àquela cidade maravilhosa onde Marina vivia.

Casa imensa, lar de muitos filhos, dos quais cuidava com desvelo, apesar de ter empregadas que a ajudasse, e onde não poderíamos estar melhor acomodadas. Um hotel confortável não poderia ser comparado àquela casa, pois faltaria a ele o elemento principal para nosso bem-estar: o amor com o qual nos recebia. Mas, apesar dessa ajuda, ninguém se aproximava do fogão, que ela considerava sua propriedade absoluta. Referindo-se a esse instrumento do qual muitas mulheres fazem questão de se manterem a distância, nossa querida amiga dizia ser o único bem terreno que ela considerava absolutamente seu, pois era por ele que ela se manifestava, levando alegria a quem soubesse saborear seus quitutes. E era exatamente isso que sentíamos quando sentávamos à mesa para comer.

Conhecemos e muito a riqueza e a fartura da mesa mineira, mas o que víamos diante de nós, a cada refeição, era indescritível. Passeávamos entre o feijão tropeiro, a couve, o arroz com alho e tantas outras delícias, sem contar os variados doces caseiros, que com tristeza não nos permitíamos experimentar em uma só refeição. O limite se impunha a todas, afinal já não éramos tão jovens.

Todos os dias, infalivelmente, Marina nos levava a conhecer algum lugar da cidade que ela aprendeu a amar. Não nascera ali, mudando-se para lá após o casamento com Alberto. Sua vinda para esse lar que iria iniciar, longe dos pais e da família, foi decisivo para seu crescimento. Mas foi Dona Esmeralda, na verdade, a grande

responsável pela segurança que adquiriu no trato com os problemas que enfrentou.

A mãe, batalhadora e forte, joia preciosa conforme o próprio nome diz, chamou a filha e teve, com ela, conversa franca e direta:

– Você vai se casar com quem escolheu e vai morar longe de nós. Vai também conviver com pessoas bem diferentes da sua família. Você está feliz? É o que realmente deseja?

– Estou muito feliz e tudo que quero é estar com Alberto! – respondeu ela com segurança.

– Muito bem! Não quero saber de reclamações de seu marido, principalmente por estar chorosa e com saudade de casa. Confio em você!

– Mamãe, vocês me deram a melhor educação possível, além de estrutura emocional para enfrentar a vida. Tudo que me ensinaram guardei na mente e no coração, e tenho certeza de que não sou apenas eu a guardar a marca de Dona Esmeralda em sua vida, mas, também, todos os jovens de que a senhora cuidou ou simplesmente ajudou. Somos frutos do seu amor e do seu bom senso. Não há com o que se preocupar.

– Mesmo assim, se alguém a maltratar, telefone-me. Tudo de que precisar para tirar suas dúvidas sobre assuntos de casa, peça-me. Estarei sempre ao seu lado.

Apesar de julgar-se pronta para enfrentar a vida de casada, Marina era ingênua e veio para essa cidade na base do “paz e amor”. E talvez por causa dessa inocência, tenha conquistado a todos, inclusive as três sogras. Três sogras?! É! A mãe do marido e as duas tias dele que o tinham na conta de filho. Somente alguém como Marina poderia conquistar as três. Já é tão difícil conviver com uma... Imaginar-se longe da família, com um marido e as mães dele.

O lugar para onde Marina nos levou naquele dia era indescritível, tamanha suntuosidade da natureza. Era seu lugar preferido e havia bons motivos para isso. Por ser uma cidade cravada em um vale, não é difícil imaginar a exuberância que se

desenrolava ante nossos olhos. Sentadas no chão, olhávamos extasiadas a paisagem à nossa frente. Estávamos no alto, em um lugar de onde podíamos ver toda a cidade, além de perceber algumas cachoeiras a nos lembrarem véus de noivas.

Permanecíamos em silêncio. Cada uma, naquele momento, estava em profunda quietude interior, tão necessária para que pudéssemos incorporar aquela imagem para sempre, não apenas em nossas mentes, mas, sobretudo, em nossos corações. Não havia necessidade de falarmos umas com as outras e sabíamos disso. Mais importante que falar era estarmos juntas, vendo a mesma coisa, apesar de senti-la de formas tão distintas.

Não consigo compreender, ainda hoje, por qual razão as pessoas precisam falar umas com as outras quando estão juntas, se na verdade querem tão somente usufruir, com alguém, determinados momentos; desejam, unicamente, dividir com elas a emoção que sentem, mesmo sabendo que esse sentimento não é igual ao do outro. Tenho a impressão de que existe uma obrigação social velada que nos impõe esse dever de falar com o outro, ao invés de apenas compartilharmos a companhia um do outro, em silêncio e paz. O interessante nesse processo é que se alguém está junto de nós e não está falando ou não está nos ouvindo, perguntamos quase que automaticamente: "O que você tem que está tão quieto?" Por que o outro não pode querer ficar quieto? Quantas vezes nós próprios desejamos não ter que falar com alguém, mas tão somente dividir.

Algum tempo se passou até que Marina se levantasse e, apontando para determinado ponto da cidade, ponto que procurávamos encontrar com a orientação dela, nos disse:

- Estão vendo aquela rua atrás dos telhados vermelhos?
- À nossa esquerda? – perguntou Miriam.
- É – confirmou Marina. – Aquela rua era a antiga rua de prostituição. E vocês sabem que não existe cidade do interior que não as tenham.
- E por que você está falando disso? – ajuntou Camille.

– Bem, porque era um ponto de figuras incríveis que conheci. Durante muito tempo eu a frequentei.

Sem esperar que ela terminasse a frase, soltávamos sonoras gargalhadas, levando Amanda a um incrível engasgo de tanto rir. Marina nem se abalou com a nossa brincadeira, pois conhecia bem nossos deboches e não se importava com isso. Entretanto, a maneira doce como nos olhou, deu-nos a impressão de que ela dizia com seu olhar: “desculpo porque vocês não sabem o que dizem”, e isso nos fez sentir vergonha da nossa malícia. Marina era tão melhor que nós.

– Se as meninas me permitem continuar... – fez uma pausa e com jeito sério concluiu. – Trabalhei com essas mulheres e com seus filhos em um programa que nossa paróquia tinha para recuperar essas criaturas, tirando-as dessa vida e levando-as para o mercado de trabalho, a fim de proporcionar-lhes as mínimas condições de subsistência, com dignidade e respeito a si próprias. O programa foi bem conduzido e com relativo sucesso até que a ajuda financeira foi minguando e não foi possível continuar. Mas, ao lado desse drama social que é a prostituição, também havia figuras incríveis que tornavam essa região especial, principalmente para aqueles para os quais a noite não tem fim. Alguns restaurantes eram famosos, até mesmo fora da cidade, cujos donos eram conhecidos como pessoas únicas no seu jeito de ser e nas suas capacidades culinárias.

– E ainda existem? – quisemos saber.

– Existem sim. Ainda hoje muitas pessoas os frequentam. Como local de prostituição foi desaparecendo. Algumas dessas mulheres conseguiram sair de lá para uma vida melhor. Outras abandonaram a cidade, procurando lugares de maior movimento e que lhes pudesse dar maiores rendimentos; enquanto outras foram morrendo por doenças decorrentes da própria vida promíscua que levavam. A deterioração física era inevitável. Hoje, não estão mais confinadas a uma única rua, mas espalham-se por toda cidade, habitando cômodos minúsculos e sem muita chance de saírem

dessa vida. Antes, tinham viço, clientes fixos e, sobretudo, esperança de abandonarem o “ofício”. Mas, hoje, qualquer um que dê a elas um simples trocado, já permite que possam comprar algum alimento e, às vezes, o único do dia. Não sabem fazer nada, não têm profissão formal ou ainda nenhum ânimo para recomeçar. Difícil recomeçar quando não se acredita que haja alguma coisa a ganhar, mesmo que seja só respeito a si mesma. Tenho sempre a sensação de que havia uma certa dignidade nessas mulheres, apesar de tudo. É um sentimento estranho que toma conta de mim algumas vezes. Estive com muitas delas e ouvi coisas incríveis.

Uma nuvem de tristeza ficou no olhar da nossa amiga e, claramente, pudemos perceber a sensação de impotência que tomou conta de seu ser. As lembranças corriam soltas na mente de Marina e, enquanto ela falava, íamos imaginando as figuras, as cenas, os locais. Era como se estivéssemos estado lá, vivenciando cada experiência com ela.

– Sabem de uma coisa? – falou Amanda – Enquanto Marina falava de suas lembranças, fiquei pensando nessas mulheres. Na verdade, em todas as mulheres. Será que se estivéssemos nas mesmas situações, vivendo seus dramas, crescendo sabe-se lá em que circunstâncias, com medo... será que faríamos escolhas diferentes? Será que podemos julgá-las, rotulá-las? Temos o direito de acreditar que somos melhores, com sentimentos mais dignos, com sonhos e desejos que devem ser realizados, e os delas, não?

Um consentimento mudo fez-se presente, naquele momento, entre nós cinco. Sabíamos que tudo isso ficaria para sempre em nossas mentes e que, mais cedo ou mais tarde, teríamos que repensá-lo e procurar descobrir o que fazer então. Amanda estava certa nas suas ponderações e Marina nas suas lutas. Algum tempo se passou até que Marina nos mostrasse outro lugar, agora em direção oposta àquela onde estávamos.

– De onde estamos, em linha reta, existem duas praças. Podem vê-las? – disse Amanda apontando naquela direção.

– Penso que sim! – disseram ao mesmo tempo Camille e Miriam.

– A primeira é a praça onde moro, onde vocês estão; e a segunda, onde ficava o Cine Alvorada, que o fogo destruiu. Era um cinema extremamente chique. Quando íamos a alguma das suas sessões noturnas, vocês devem se lembrar disso, os homens eram obrigados a usar gravata e paletó e mesmo nas matinês, na qual a frequência era na maioria de garotada, todos estavam com roupas bonitas ou bem cuidadas. O cinema sempre foi ponto de encontro de rapazes e moças para se conhecerem e após o flerte, começarem um namoro. Como as coisas mudaram!

De repente, todas nós ficamos pensativas. Há quantos anos não ouvíamos essa palavra: flerte! E novamente, graças a Marina, nossa memória retornava a um tempo longínquo no qual as praças eram os locais dos flertes. As moças de braços dados umas com as outras andavam lentamente em uma direção e os rapazes, sempre elegantes, também andavam, lentamente, em direção contrária. Quantos risos, quantos suspiros, quanta saudade!

Não saberíamos dizer por quanto tempo cada uma de nós manteve-se envolvida nessas lembranças pessoais. Alguma coisa estava mexendo com todas nós. Alguma coisa que não se definia e que nos incomodava. Mas nenhuma de nós falava a respeito do que estava sentindo. Hoje, sabemos que teria sido melhor falar. Mas falar o quê? E como definir o que sentíamos? Talvez a nostalgia do que nos acolhia fosse apenas a saudade de algo que não conseguíamos perceber. Somente muito tempo depois, quando voltamos ao assunto, demos-nos conta do que estava acontecendo conosco naqueles dias.

Três

Aquela era a décima noite dos quinze dias que iríamos passar com Marina. A temperatura amena levou-nos para a varanda que circundava a casa. Aquela era a vida que havíamos pedido a Deus. Noite linda com temperatura agradável e um barulho com o qual não estávamos acostumadas: o barulho do silêncio! Que sensação incrível poder ouvir a natureza à noite! Pode, às vezes, dar algum medo, sobretudo para nós três – Camille, Amanda e eu – que vínhamos de uma cidade barulhenta e poluída, mas estávamos ali, nós cinco, compartilhando daquela serenidade, e isso nos bastava, porque aquietava os nossos corações.

Naquele momento, tudo nos convidava a lembrarmos da meninice no interior. Excetuando-se Camille, que nasceu na capital do Estado, todas nós éramos originárias do interior. Miriam também nasceu e cresceu em cidade pequena no sul do país e suas saudades eram as mesmas que as nossas.

Foi inevitável a conversa em torno disso. Ríamos e sorriamos com os casos que cada uma contava. Só Marina permanecia algo cismadora. Preocupadas com o que afligia nossa amiga, quisemos saber o que se passava com ela, e com aquele sorriso doce, tão peculiar em seu rosto, nos disse:

– Saudade de vô Dindi. Como era bom tê-lo ao meu lado naqueles dias...

– E do que estás te lembrando e que te traz tanto pesar? – perguntou Miriam, com seu delicioso sotaque sulino.

– Vovô gostava de caçar e pescar. Na época, a própria casa se transformava em um arsenal e eu o ajudava naquilo que ele pedia. Vovô carregava uma espingarda, mas não matava nenhum bicho. Carregava a arma só para se defender. Na verdade, ia atrás de bichos feridos, perdidos pelas estradas, ou filhotes sem as mães que algum irresponsável havia matado. Tínhamos um pequeno

zoológico no nosso quintal: mutuns, seriemas, araras, codornas. Houve uma época em que ele trouxe um veado que foi cuidado por nós, até tornar-se mais forte, quando então o levamos ao zoológico municipal. Todos iam para lá e depois devolvidos à natureza quando tinham condição de sobreviverem. Ah, o zoológico municipal! Mais parecia um parque, pois tinha brinquedos. Rodávamos por tudo aquilo aos domingos com papai.

Percebendo algo de melancólico em Marina, Camille interrompeu a amiga:

– Não acham que está na hora de dormirmos? O que vamos fazer amanhã? – perguntou.

– É verdade – diz Marina. – Vamos dormir, que a cidade nos espera! Boa noite, meninas, e durmam com Deus.

– Você também durma com Ele e obrigada, mais uma vez, pelas horas incríveis que passamos hoje.

Estávamos realmente gratas à amiga que nos era tão querida. Recolhemo-nos e não percebemos que ela havia retornado à varanda.

Com seu olhar perdido na noite e as lágrimas silenciosas banhando seu rosto, seu pensamento voltou à figura do avô. Homem forte que no seu olhar de menina lembrava um gigante. Figura masculina marcante em sua vida. Sua morte e a mudança de casa para o centro da cidade trouxeram grandes transformações à sua vida, transformações que ela, tão menina, não compreendia. Somente quando adulta percebeu que Deus nunca permite uma aflição se não vier acompanhada de um consolo. Basta que o percebamos. E assim foi. O tempo, que sempre age em nosso benefício, aliado nosso que é na cicatrização das feridas, proporcionou àquela menina uma vida de alegria na nova casa.

Todos os tios eram músicos: o avô paterno era violinista além de cantar muito bem. Havia também duas tias que cantavam em dueto, lindamente. Com tanta gente envolvida com música, era inevitável que várias noites na semana eles se reuniam para tocar e cantar. Há muito tempo não via seu pai tão feliz! Não que fosse

infeliz por morar com vô Dindi, porque ninguém o admirava mais que ele, mas ali estava a sua gente e a música que ele tanto amava. Agora, junto dos irmãos e do pai. Podia tocar sua flauta e se deixar envolver pela beleza que ele tirava do instrumento com sua sensibilidade. Marina também estava feliz.

A noite calma, a varanda, a quietude da noite propiciavam à nossa amiga um divagar um tanto tristonho em alguns momentos, mas felizes também. Seu pensamento correndo célere fazia com que como que um inventário da sua vida, onde cada lembrança fragmentada unia-se a outra e, lentamente, iam compondo um quadro de cores alegres e também sombrias. Sorri para si mesmo ao se lembrar da mãe. Em quantos momentos de dificuldade a presença dela foi decisiva para seu equilíbrio e crescimento. Impossível enumerá-los. Depois do avô, foi, sem sombra de dúvida, a figura mais importante em sua vida.

Com pesar, sua memória volta ao primeiro ano de casamento e da gravidez não esperada e que trouxe muita alegria para todos. Só dona Esmeralda se mostrou um pouco apreensiva, pois gostaria que o casal tivesse um maior tempo de adaptação à nova vida. Tudo era novo e assustador. Mesmo assim, procurou acalmar seu coração para que a filha não se afligisse sem necessidade. Era assim aquela mulher. Dizia sempre não ver necessidade de levar mais aflição a quem já tinha tanta. Melhor ajudar em silêncio, afirmava.

O nascimento da criança com sérios problemas de saúde trouxe enormes inquietações para toda a família, acompanhada de uma luta inglória durante muitos meses. A criança não resistiu. Marina pensava que iria morrer, tamanho era seu sofrimento, mas a mãe estava ali. Após o enterro, chamou a filha e com firmeza e doçura, que lhe eram peculiares, lhe disse:

– Sei quanto é difícil enterrar um filho, minha querida, e não há nada que mude isso. Permita que toda a dor venha à tona, mas lembre-se de que as mesmas lágrimas que você derrama agora também foram derramadas por Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus

Cristo. E creia, minha filha, nenhuma mãe sofreu ou há de sofrer, neste mundo, a dor que ela experimentou e, em momento algum, revoltou-se contra os desígnios do Pai Criador. Essa dor que você sente agora vai passar. A saudade não. Apenas cuide para que esse sentimento, que é compreensível, não se transforme em algo mórbido, doentio, que não trará seu filho de volta e que, também, não permitirá mais que você viva em paz. Melhor do que nós, Deus sabe das nossas necessidades, e nos envia sempre um consolo, mas para que o veja, é preciso ter o coração aberto ao amor.

Muitas vezes, minha filha, – continuava docemente – julgamos saber do que necessitamos, e nossa visão estreita da vida coloca-nos sempre diante do nosso egoísmo. Acreditamos que Deus deva atender aos nossos pedidos e, quando Ele não atende os nossos desejos e caprichos, julgamos que nos abandonou. Não compreendemos que muitos dos nossos desejos, ao invés de nos ajudarem a crescer, são instrumentos a nos lançarem para o fundo, em situações muitas vezes difíceis de sair para retomarmos o caminho correto. Os filhos não são nossas propriedades, como nada neste mundo o é, exceto as aquisições do Espírito, o amor, a alegria de ser útil ao próximo. O Criador os envia para nós como pedras brutas para que, com nosso amor, as lapidemos e as transformemos em joias preciosas, a fim de cumprirem suas tarefas neste mundo. Enquanto ele esteve com você, cuidou dele com muito amor. Vamos agora agradecer a Deus a oportunidade da tarefa que foi curta, mas que nos trouxe grande lição.

Naquele momento em que as recordações de um passado distante tomavam conta do seu tempo, Marina não saberia dizer se a imagem que se formou à sua frente era a da mãe ou o resultado das lágrimas que rolavam suavemente pelo rosto. Doces recordações que estariam sempre com ela aonde quer que fosse porque eram o resultado de uma vida plena de realizações.

Precisava recolher-se. Amanhã era um novo dia e ela esperava que fosse maravilhoso.

Quatro

Conheceu Alberto porque gostava de ler e muito. Sempre ligada aos acontecimentos sociais juvenis da cidade, e tendo primos e primas por companhia, além das amigas do colégio, não perdia os bailes dominicais, nem tampouco os passeios organizados. Apesar de ser estudiosa e constantemente elogiada pelas freiras da escola que frequentava, seu comportamento deixava muito a desejar. Mas quando um livro ou uma revista lhe caía nas mãos, o silêncio interior tomava conta daquela agitação. Era como se o mundo parasse de girar e somente a leitura fizesse sentido porque para ela as palavras tinham vida e ela sentia isso no momento em que mergulhava no universo das letras. Encantamento diante desse universo talvez seja a expressão que melhor definiria o que Marina sentia em relação a essa realidade.

Contou-nos, certa vez, que quando aprendeu a ler, tinha tanta vontade de conhecer o mundo por meio dos livros que, quando a mãe a colocava para dormir e se afastava, fingindo adormecer e notando que a casa estava em silêncio, ia sorrateiramente até onde os pais guardavam os livros, pegava alguns, carregando-os para o quarto. E ali, com um pequeno abajur sob as cobertas, procurava compreender o que estava escrito. Evidentemente não eram livros para sua idade e não conseguia entendê-los, mas a alegria de descobrir sozinha palavras conhecidas a enchia de orgulho.

Quando dona Esmeralda a pegou em flagrante nessa atitude e percebendo a vontade que a filha tinha de ler mais do que simplesmente livros escolares, tratou de providenciar material adequado à curiosidade da menina. A partir daí, onde houvesse algo para ler, lá estava ela entrando em contato com o mundo das letras. Eram tabuletas, anúncios, placas de rua e tudo que formasse palavras.

Alberto entrou em sua vida quando ainda eram adolescentes. As famílias estavam em uma cidade de águas medicinais passando férias. Sentada em um banco da praça, lendo uma revista sobre cinema, aquela jovem chamou a atenção do rapazinho que caminhava por aquele trecho. Não ela, propriamente dito, chamou-lhe a atenção, mas, sim, o que ela tinha nas mãos: o último número de uma revista que trazia todas as novidades desse mundo de fantasias chamado cinema. Timidamente ele se aproximou e perguntou se também poderia ver a revista, pois gostava muito de cinema e literatura.

Ao levantar os olhos e ver diante de si aquele jovem magricela, de sorriso tímido e de um olhar que não deixava dúvidas quanto à sinceridade daquele pedido, imediatamente compreenderam que nunca mais se separariam. Ambos amavam os livros. Tinham os mesmos gostos, a mesma maneira de ver o mundo, mas foi pelos olhos dele que ela aprendeu, sobretudo, a prestar atenção na vida daqueles que não tinham como eles a bênção de um lar harmonioso e feliz. Tinha em seus familiares exemplos de caridade e amor ao próximo, mas ela mesma nunca tinha olhado para o outro da forma como Alberto lhe mostrava. Foi com ele que ela aprendeu a levar alegria e a colher em seu coração aqueles que nada tinham, a não ser a vontade de que Deus olhasse por eles. Aprendeu, nesse processo de descobertas, que era possível levar esperança sem humilhação e que valia a pena viver, apesar das dificuldades que cercam a existência.

Os anos de casamento foram de cumplicidade, respeito, companheirismo e amor. Mesmo depois da morte do marido, Marina preservou a mesma alegria que os movia na solução dos problemas inerentes à vida. E foi por causa dessa alegria que sempre teve ao seu redor os familiares e amigos das mais diversas crenças e de formas de pensar, que somente enriqueceram sua vida. Dizia sempre, para quem quisesse ouvir, que tinha um tesouro de amigos. E seus amigos tinham nela uma luz a lhes iluminar os caminhos, ainda que não soubesse disso.

– É na adversidade que se cresce e se aprende e não entre os iguais – afirmava sempre quando comentávamos sobre essa heterogeneidade existente em suas relações.

Mas, mesmo amante dos amigos e amada por todos eles, inclusive por nós, ela precisava conviver consigo própria muitas vezes. E não se tratava da necessidade de solidão. Tratava-se, sim, de uma busca constante de conhecer-se cada vez mais e melhor, de interiorizar-se, mergulhar fundo nos seus sentimentos para, pelo próprio conhecimento, chegar à compreensão do próximo e aumentar a sua capacidade de amar. Essas viagens que ela realizava ao seu íntimo eram vitais para o exercício da paciência e do perdão que sempre buscou. Um desses exercícios – assim ela o chamava – era o de reter sempre as boas lembranças, de quem quer que fosse, pois sabia que, muitas vezes, as palavras ditas de forma impensada e os atos cometidos no calor da emoção são frutos do nosso egoísmo, sentimento que todos nós temos ainda tão arraigados. Se procurarmos no fundo das nossas consciências, vamos encontrar muito mal disfarçado de bem. E é contra esse mal dentro de si mesma que Marina sempre lutou, incansavelmente.

Fico pensando que somente com esse nível de consciência interior alguém pode evoluir e aprimorar-se no combate às imperfeições e viciações morais que são tão presentes na nossa maneira de ver e entender a vida. Nossa amiga tinha consciência disso.

Diferentemente do que se esperava, o dia amanheceu nublado e aquela preguiça de sair da cama tomou conta de todas nós. Até Marina, sempre tão diligente, demorou-se um pouco mais para levantar. Já passava um pouco das nove horas quando resolvi descer para o café da manhã. Todas já estavam ao redor da mesa e mesmo com o tempo instável, foi a manhã mais aconchegante que tivemos. Penso mesmo que foi até por causa disso. Tudo conspirava a nos mantermos unidas naquele dia e, certamente, permaneceríamos naquela casa acolhedora o dia inteiro.

Em dado momento, Marina olhou-nos de modo grave e pediu licença para sair. Disse que aguardássemos, pois voltaria logo. Alguns minutos depois retornou, trazendo nas mãos quatro caixas lindamente enfeitadas, com detalhes delicados que só ela poderia executar pelo seu bom gosto e delicadeza. Esse aspecto da personalidade dela refletia-se em tudo que ela fazia, fosse nos gestos, nas palavras, no olhar. A elegância discreta, não afetada pela singeleza do gosto, buscando o simples como forma de equilíbrio, fazia de nossa amiga uma pessoa em harmonia consigo própria e com o mundo que a cercava. As caixas que recebíamos não poderiam ser diferentes.

– São para vocês e gostaria que não fossem abertas hoje, nos disse. Não hoje, ao menos. Gostaria sim que as abrissem em dia de sol para que ele reflita minha alma no momento em que as montei. São minhas lembranças perenes que hoje transfiro para cada uma de vocês.

Nenhuma de nós era curiosa em excesso, mas aquilo nos intrigou. Talvez fosse eu a menos curiosa de todas e para que nenhuma das outras ficasse tentada a abrir a caixa, recolhi-os e os levei para o quarto onde dormia.

Com o tempo nublado e a constante garoa que caía, decidimos ficar em casa e ocupar-nos de outras coisas que também nos mantivessem juntas, e somando-se a isso a comida gostosa que ia e vinha da cozinha trazendo sempre algo para “beliscarmos”.

O dia seguinte amanheceu radioso. Um céu azul e limpo avisa-nos que não choveria e que, se quiséssemos, poderíamos usufruir dessa benesse divina. O próprio sol nos convidava a isso, e não nos fizemos de rogadas. Assim que foi possível, saímos com Marina para mais um reconhecimento do lugar onde vivia. Não nos esquecemos dos presentes, mas teríamos tempo de abri-los quando voltássemos.

Enquanto os dirigíamos para o lugar planejado, Marina contava-nos histórias acontecidas ou inventadas por aquela gente, que nos divertia muito. Ao passarmos diante do colégio das freiras onde suas filhas estudaram, lembrou-se de um amigo que comentava, quando eram crianças, serem as freiras daquele educandário parecidas com o super-homem dos filmes e histórias em quadrinhos, por causa do modelo do hábito que usavam. Eram engomados e um manto muito leve caía sobre ele dando a impressão que levantariam voo a qualquer momento. Com o tempo, acharam por bem modificar um pouco a roupa, o que trouxe muito desalento ao amigo e seus companheiros, pois não haveria mais motivos para brincadeiras.

Essas e outras lembranças que nos conta faziam com que cada uma de nós se lembrasse de sua infância e de sua mocidade. À nossa maneira, todas nós tínhamos histórias deliciosas para serem narradas. As circunstâncias que permearam essas fases de nossas existências podem ser diversas, mas o imaginário infantil e os sonhos adolescentes são quase sempre os mesmos; os folguedos na rua, o coleguinha da classe por quem nutríamos afeto inconfessável, os sonhos profissionais, ou simplesmente o de casar e ter filhos. Felicidade longínqua, bem diferente do que experimentávamos naquele momento de nossas vidas. Doces lembranças a nos enternecerem os corações durante aquele passeio.

Saímos do centro urbano, tomando uma estrada que nos levaria ao ponto que Marina desejava nos mostrar. Região serrana, com mata nativa intacta, colocava-nos, naquele momento, em contato com Deus. Árvores e flores passavam pelos nossos olhos,

descrevendo quadros de extrema beleza e harmonia. Pedimos a ela que parasse o carro por alguns instantes, em algum ponto seguro, para que pudéssemos sair e apreciar aquela maravilha.

Mais uma vez, Marina acertou em nos conduzir àquela região. Mas, certamente, não era o que ela pretendia nos mostrar. Reiniciamos a viagem e um pouco mais adiante a subida de uma pequena serra. À medida que avançávamos, lembrávamo-nos das regiões serranas dos lugares onde morávamos. De algum modo elas se parecem, mais pela paz que transmitem do que pelas características topográficas. Todas, sem exceção, nos transportam a lembranças que desfrutamos algumas vezes, em alguns momentos, não importa onde, nem com quem. Nem sempre recordações boas, mas que veem ao nosso consciente e nos enternecem a alma. Cada paisagem que vemos só tem significado para quem a vê, pois que são elementos de outras situações já vividas e sentidas, boas ou más, alegres ou tristes, que se reorganizam em nossas mentes e nos propiciam sensações. Naquele momento sentíamos paz, como se aconchegadas no colo do Pai Criador. Não tínhamos medos, não tínhamos angústias, não tínhamos dúvidas, somente paz.

Seis

Educandário Irmã Clara. Esse era o nome que líamos, escrito em letras grandes. Quem seria Irmã Clara, pensei. Mais tarde ficamos sabendo que foi dado esse nome ao educandário em homenagem à sua fundadora. Era uma propriedade imensa e com heras que cobriam todo o muro pela parte externa, formando um verdadeiro tapete verde que contornava toda a construção. A única entrada que víamos era o majestoso portão em ferro batido trabalhado, que nos lembrava antigas mansões. Marina tocou a buzina e um homem com idade um pouco avançada veio em nossa direção e, reconhecendo a dona do veículo, deu-nos um amplo sorriso. O enorme portão abriu-se e nós entramos.

Tínhamos, diante de nós, para nossa surpresa, algo deslumbrante: um caminho de pedras, cercado de flores, incrivelmente colorido e acompanhando esse caminho, tanto de um lado quanto de outro, árvores de todos os tipos e tamanhos. E a nossa frente, o prédio central. Lembrava um chalé suíço na sua arquitetura despojada e alegre, com floreiras nas janelas e flores, muitas flores.

Na porta de entrada uma freira nos aguardava. O carinho e a alegria com que abraçou Marina nos fez compreender que era velha conhecida de todos ali e, mais que isso, era amada. Fomos apresentadas e conduzidas para dentro de uma sala onde nos aguardavam outras irmãs e uma bela mesa com pequeno lanche. Era uma gente hospitaleira e generosa com seus visitantes. Marina disse alguma coisa às nossas anfitriãs que, fazendo movimentos afirmativos com a cabeça, afastaram-se sorrindo. Comemos alguma coisa rapidamente e, em seguida, fomos conduzidas por Marina para fora da casa, usando outra saída. Para nossa surpresa, pudemos observar a grandiosidade daquele lugar, não só pela dimensão física, mas pelo trabalho que realizam ali.

Marina esclareceu-nos que sob o nome de educandário, existia um serviço social muito importante que abrigava não só um orfanato e um asilo, mas, também, uma escola de ensino fundamental, uma escola profissionalizante com vários cursos, uma farmácia, um posto médico, além de locais para lazer e esporte, uma creche para as mães que vinham aprender algum ofício. Havia ainda um salão de reuniões, que também era usado como cinema, teatro ou para eventos de outros tipos e uma capela muito bonita, que muitas pessoas alugavam para realizar os sacramentos religiosos.

O importante nesse trabalho não se encontrava apenas no abrigo e assistência às criaturas que ali moravam, fossem crianças ou idosos, mas, sim, na abertura de todos os outros serviços à comunidade carente que o educandário atendia. Todas as pessoas que comprovadamente morassem na região e que não tivessem condição para atendimento quer na saúde, quer na educação poderiam utilizar, gratuitamente, esses serviços. E todas elas encontravam uma forma de retribuir, vindo trabalhar, voluntariamente, em qualquer serviço, durante o tempo que dispusesse, procurando ser úteis àqueles que também lhes foram úteis. Estabelecia-se, assim, uma corrente espontânea de solidariedade que jamais se romperia, pois era autossustentada.

Naquele lugar, com toda certeza, não deveria haver problemas, pois tudo estava em perfeita ordem. A pergunta que pairava no ar, entre nós outras era: "Como podia funcionar tão bem?" Conhecíamos algumas instituições do gênero e sabíamos da desorganização, do mau uso dos recursos materiais e humanos que, mais que educar ou assistir, faziam a desesperança brotar naqueles corações que se encontravam sob seus cuidados. Marina nos trouxera para outra realidade. Provavelmente, a verdadeira e única onde o respeito ao ser humano era a pilastra que sustentava todo aquele trabalho.

Acredito que Camille fosse a mais estupefata de todas nós, pois estava acostumada a trabalhar em atendimentos assistenciais.

Ela própria dirigia uma instituição e sabia das imensas dificuldades para manter o objetivo da tarefa, conseguia realizá-lo, mas conhecia os desafios e as lutas para vencê-los.

– Como conseguem manter essa estrutura? – perguntou Marina.

– A instituição é autossuficiente hoje em dia, mas no início foi tudo muito difícil. O que entrava de recursos financeiros não dava para cobrir os gastos. Entretanto, tínhamos um projeto em mente, vontade de realizá-lo e disposição para enfrentar o que viesse pela frente. Vencemos nós e não as adversidades. Acreditamos no projeto, tínhamos fé em Deus e na nossa capacidade de luta. Todas as vezes que uma dificuldade surgia, também surgia a solução. Nunca, em momento algum, nos sentimos desamparados, como ninguém está, verdadeiramente. Mas é preciso acreditar nisso e prosseguir. Havia pedras no caminho e havia Jesus. Tínhamos uma escolha a fazer. Não tínhamos o que temer: escolhemos o Mestre Jesus.

Enquanto Marina falava, uma espécie de luz a envolvia e ela ficava mais bela pela serenidade e pela paz que emanava do seu ser. Aquilo nos comovia e nos deixava orgulhosas. Impossível evitar as lágrimas que vinham aos olhos, as quais procurávamos esconder para que ela não percebesse.

– Foi necessário irmos ao encontro dos necessitados, continuava ela, ganhar-lhes a confiança, trazê-los para junto de nós. Hoje não precisamos mais ir buscá-los. Eles sabem que nossas portas estarão sempre abertas para qualquer um que necessite.

– E essas crianças que moram aqui, de onde vieram? E os idosos? – indagou Amanda.

Algumas dessas crianças foram recolhidas das ruas, nas estradas ou foram entregues ainda recém-nascidas ou abandonadas em nosso portão. Outros nos chegaram maiores e também doados ou pela mãe que não podia sustentá-los, ou pelo pai que não tinha como criá-los sozinho. De qualquer modo, a família estava desestruturada. Quanto aos nossos velhinhos, alguns vieram

espontaneamente e sempre fizeram questão de colaborar, doando a maior parte dos míseros recursos mensais; outros, recolhemos em cubículos imundos, abandonados e maltratados pelos familiares que os mantinham em verdadeira indignação. Depois de recolhidos, com o amparo policial, denunciávamos os transgressores da lei.

Ainda interessada na estrutura do trabalho, Camille perguntou à Marina como eles lidavam com essas diferenças de idades entre as pessoas que eram assistidas pela instituição.

– Não é difícil, minha amiga. Nossas crianças precisam de quem lhes dê carinho, atenção, lhes conte histórias, transmita conhecimentos, e nossos idosos necessitam da alegria, da algazarra, que flui dessas crianças a lhes mostrar que ainda estão vivos, pois alguém necessita deles. Percebem que não são inúteis e isso os revigora. Diminuem as doenças e as dores são minimizadas, sejam físicas ou não. É uma troca bonita de amor desinteressado que faz bem a todos, inclusive aos que lidam com eles.

Durante mais algum tempo percorremos os pavilhões e em cada um deles nos encantávamos com o zelo e o carinho com que tudo era organizado. Como eram poucos os funcionários contratados – e mesmo esses iam muito além do dever que lhes competia realizar pelo serviço remunerado – todas as outras pessoas envolvidas com a instituição, independentemente de crença religiosa ou instrução, pertenciam ao quadro de trabalhadores voluntários. De médicos a jardineiros, de jovens a idosos, todos vinham com alegria realizar aquilo que lhes competia fazer, como cooperadores de Deus na transformação do homem sobre o planeta.

Com todo esse movimento, não percebemos o tempo correr e a hora do almoço chegar. Gentilmente, Marina conduziu-nos ao refeitório, um imenso salão onde estavam todos nos aguardando. Crianças de um lado, adultos de outro, pois parecia ser um dia especial. E era. A irmã que nos havia recebido levantou-se e dirigindo-se a todos disse que em nossa homenagem as crianças cantariam algumas músicas. Estávamos prontas para ouvir apenas

vozes infantis entoando cantigas conhecidas, aquelas que as crianças costumam aprender nas salas de aula para depois apresentá-las nas festinhas da escola, mas o que estávamos ouvindo eram vozes harmoniosas e doces que nos causaram enorme surpresa e emoção.

Fica realmente difícil descrever a sensação que tivemos. Nunca fui de prestar atenção aos ambientes onde alguma ação acontecia, mas sim na própria ação e nas pessoas envolvidas nela, sejam como protagonistas ou espectadoras. É um exercício e tanto. Mas, naquele momento, alguma coisa mudou e eu não sei descrever o que era. Tinha nítida impressão de que tudo vibrava e de que uma brisa cruzava todo ambiente a nos envolver, irmanando-nos e tornando-nos um só coração. Era surpreendente o que observava em mim e fora de mim. Quando a música parou, ninguém se moveu. Nem para aplaudir. Estávamos literalmente em estado de graça. Camille parecendo ter percebido o que se passava, começou a bater palmas com entusiasmo, no que foi seguido por todos. Começávamos a acordar daquilo que parecia ser um sonho. Que pena!

Em seguida, três crianças levantaram-se e entregaram a cada uma de nós um buquê de flores, dizendo que era uma lembrança deles para nós. Emocionada, abraçamos e beijamos aquelas crianças como se sempre tivéssemos feito parte daquele lugar. Foi difícil segurar a emoção, mas era um dia de alegria e assim deveria continuar até a nossa volta para casa.

A noite começava a se fazer anunciar quando chegamos em casa e aquele dia estupendo não sairia mais de nossas lembranças. Naquele momento só queríamos tomar um banho e dormir. A sensação de paz ainda tomava conta da nossa alma e o sono seria reparador. Ao abrir o guarda-roupa vi os presentes, impossível mexer nisso agora. Amanhã cuidaríamos deles.

Sete

Ainda estava amanhecendo quando Camille carinhosamente acordou-me. Assustada, sentei-me rapidamente na cama, acreditando pudesse ter acontecido algo. Fez-me um sinal para que a acompanhasse e, mesmo estranhando sua atitude, a segui. Descemos as escadas e paramos no meio da sala. A cortina de uma das janelas que dava para a varanda estava entreaberta e ela fez sinal para que eu olhasse. Sentada em uma das cadeiras, ainda com roupa de dormir, Marina chorava. Não me lembrava de haver visto nossa amiga naquele estado desde que chegamos, pois, ao contrário do que presenciava, ela sempre se mostrara alegre e otimista.

Um grande aperto no coração fez-me fechar os olhos e indagar à Camille, quase que sussurrando, o que estava acontecendo. Novamente ela fez sinal para que retornássemos ao quarto. Acordamos Miriam e Amanda para juntas pensarmos o que fazer. Não era certo deixarmos Marina naquele estado. Ao menos, procuraríamos minimizar o que estivesse acontecendo. Sem dúvida alguma invadíamos a sua intimidade, mas nos afligia vê-la sofrendo por algo que não podíamos dividir com ela. Percebendo que ela retornara ao quarto, Amanda nos deu uma ideia:

– Por que não vamos para a cozinha e preparamos um café da manhã bem gostoso, dando-lhe a impressão que já havíamos combinado isso?

– Precisamos descer a escada sem fazer barulho, para que ela não nos veja – completou Camille.

– O que cada uma souber fazer de melhor para o café da manhã, fará. Combinado? – diz Amanda. – Depois, subiremos e fingiremos que a estamos acordando, caso esteja na cama.

Evidentemente, nem com toda nossa boa vontade conseguimos um vislumbre da mesa que nossa anfitriã nos apresentava todas as manhãs. Mas temos certeza de que o nosso carinho em organizar tudo, naquele dia, valeu pelos nossos desencontros culinários. E, como havíamos combinado, fomos buscar a dona da casa. Batemos suavemente na porta e ela, fingindo que estava acordando, pediu que entrássemos. A bem da verdade, não sabia que seu quarto seria invadido por aquele bando de mulheres que, com ruidosa alegria, tentava tirá-la da cama. Por fim, impossibilitada de lutar contra quatro, aderiu ao grupo para ver o que estava acontecendo.

Marina ficou parada no meio da sala, olhando a mesa arrumada com cuidado e desabou em prantos. Olhamos umas para as outras, incrédulas, como a perguntar: "Onde erramos?" Não era para ela chorar, mas, sim, para rir. Enxugou as lágrimas, abraçou-nos e agradeceu tão grande carinho:

– Estava precisando de algo assim! Por isso estou chorando! Não precisam ficar com essas caras apalermadas porque choro de alegria e não de tristeza.

Era bom vê-la sorrir. Naquele momento, tivemos a sensação de termos podido retribuir a ela uma pequena parcela de tudo que nos havia propiciado até aquele dia. Jamais esqueceríamos o que ela fez por nós e, abraçadas, dirigimo-nos à mesa.

Foi um café da manhã delicioso, sob todos os aspectos. Marina não cansava de nos elogiar, e nós também, afinal não era sempre que tínhamos a oportunidade de provar os dotes culinários de todas, ao mesmo tempo. Já estávamos saindo dos nossos lugares quando Miriam nos lembrou dos presentes. E lá fui eu buscá-los e entregá-los a cada uma. Com bastante cuidado, fomos abrindo as caixas, desatando cada nó para que as fitas não amarrotassem. Entretanto, nenhuma de nós compreendeu, a princípio, o que o conteúdo significava.

Dentro de cada uma estavam arrumadas, cuidadosamente, todas as lembranças que cada uma de nós havia deixado ou dado à

Marina em momentos especiais ou, simplesmente, por havermos nos lembrado dela, em determinada ocasião. Eram cartas, pequenas bijuterias, flores secas, pétalas, fotos, cartões postais de viagens que havíamos feito com nossas famílias, ou por outras razões, cartões esses que sempre nos mandávamos, e outros pequenos objetos. Em cada uma havia um pedaço das nossas vidas com Marina. O que nos surpreendia era o cuidado que ela teve com tudo isso, guardando-os, coisa que raramente fazemos. Conservamos, sim, algumas coisas, mas a grande maioria fica perdida no meio dos nossos pertences esquecidos ou são jogadas fora à conta de entulhos. Como Marina era diferente de nós! Mas por que ela estava nos devolvendo? Essa pergunta ficou na nossa garganta e ninguém teve coragem de expressá-la. Nós quatro nos entreolhamos e um arrepio passou pelo meu corpo. Alguma coisa estava acontecendo, sim, o que talvez justificasse o choro na noite anterior.

– Por que isso, Marina? – perguntei, por fim.

– Tudo isso pertence a vocês e eu desejo que permaneçam com elas. Para onde eu vou, não terei como levar.

– Como assim para onde eu vou? – indagou Amanda apreensiva.

– Quis ficar com vocês esses dias porque a viagem que farei não tem volta, e eu desejava retê-las bem junto de mim, mostrando um pouquinho da vida que vivi e de como ela foi bela.

– Não estou entendendo nada – retrucou Amanda.

– Espere, Amanda, deixe Marina continuar! Penso que tem algo muito sério para nos contar.

– Tenho sim! Estou morrendo! Tudo o que os médicos puderam fazer, fizeram. Talvez reste alguns meses: quatro, seis... Tudo que pude fazer de bom e de bem eu fiz. Pela misericórdia divina, aproveitei todo o tempo que tive. Agora, acabou. Mas, precisava tanto vê-las juntas, amadas, queridas... E como me deram alegria por terem vindo!

– E que pretensão é essa de achar que morrer antes de nós? Você tem muito o que fazer por aqui! – dizia eu, tentando abafar o que me corroía por dentro.

– Isso não é justo! Não é justo! – falava Amanda exaltada, como que querendo impedir que Marina continuasse.

– Amanda, por favor, minha amiga – falava Marina tentando acalmá-la. – O problema não é de justiça, mas de cumprimento de lei e eu já estou com o prazo vencido – dizia com um ar brincalhão. Sua doutrina ensina que temos prazos a serem cumpridos e que necessitamos retornar para continuar o aprendizado, não é isso?

– Desculpe-a, Marina, por favor! Estamos todas assustadas e não estamos sabendo lidar com o que acabou de nos contar. Vamos nos acalmar que Marina termine – ponderou Camille como sempre.

– Venha, Amanda. Sente-se perto de mim e me ouça, querida. Vocês não ignoram que há alguns anos precisei extrair um dos rins por problemas graves. Lembrem-se de lhes haver contado que o outro também estava comprometido, mas se eu mantivesse uma vida sem exageros e cumprisse à risca as recomendações médicas, poderia ter uma vida quase normal por vários anos. Fiz tudo o que estava a meu alcance, mas o rim que ficou está falindo e muito rapidamente. A pressão sanguínea sobe rapidamente a níveis perigosos e não existe nenhuma possibilidade de transplante. Não tenho doador compatível. Já iniciei a hemodiálise, há algum tempo, mas é só.

– Alguma de nós poderia ser doadora? – perguntei.

– É difícil – respondeu Marina – pois, via de regra, eles são selecionados entre os membros consanguíneos. Quanto mais se afasta do grupo familiar, mais difícil fica a compatibilidade. Mas agradeço e sabia que não seria outra a atitude de vocês.

Estávamos todas ao redor da amiga como que para retê-la junto de nós, evitando que ela nos escapasse. Lentamente, Amanda levantou-se e foi em direção à varanda. De onde estávamos, podíamos ver sua sombra sofrida, amargurada a dobrar-se em

pranto doído. Também estávamos assim, mas, num esforço sobre-humano, procurávamos nos conter.

Vendo a amiga naquele estado, Camille ergueu-se e fez-nos um sinal de que iria ter com ela. Concordamos e ela saiu. O estado em que Amanda estava era preocupante. Sempre tão alegre e extrovertida, dava a impressão de que, naquele momento, um punhal havia sido cravado em seu peito e uma profunda ferida se abria. Nem de longe poderia supor que ela tivesse tal reação. Talvez, de qualquer uma de nós, mas jamais ela. Como nos enganamos em relação a isso! Amanda era o próprio sofrimento, o desalento e a inconformação.

– Amanda – disse docemente Camille – você não está sendo justa com Marina. Ela confiou em nós, na nossa maturidade, no nosso discernimento e principalmente em nossa amizade. Já imaginou quanto custou a ela preparar tudo isso para nós? Quantas noites terá ela ficado nesta varanda ou no seu quarto, chorando ou imaginando a melhor maneira de nos contar que está morrendo? Você não ignora que a vida continua além do túmulo e que seremos lá o que somos aqui. Marina só plantou o bem, o amor, o trabalho honesto e é o resultado dessa sementeira que ela irá colher. Na verdade, já está colhendo, pois tivemos inúmeras provas do carinho que as pessoas dedicam a ela. Tê-la como amiga é um privilégio e uma bênção. Será que, num momento como este, temos o direito de abrir mais ainda a ferida que ela traz? Não será hora de darmos a ela toda coragem, toda sustentação e toda compreensão de que ela necessita para vencer essa última batalha? Marina não venceu somente batalhas, venceu uma guerra, e nós sabemos quão poucos são os que têm essa coragem. Nós mesmas será que conseguiríamos essa serenidade diante do que ela tem para enfrentar? Será que teríamos tanta galhardia, num momento dramático como este, um momento de tanta dor? E as crianças do educandário, como ficarão?

– Ai, Camille, que vergonha estou sentindo! Que egoísmo! Como vou encarar todos lá dentro agora?

– Com a mesma cara de pau que você sempre teve! – retrucou Camille, brincando. Vamos lá! Precisamos estar juntas e agora mais do que nunca. Marina entenderá, pois sabe como você é exagerada, apesar de já ter melhorado bastante e, acima de tudo, sabe também quanto nós a amamos como se fosse nossa irmã.

Camille e Amanda voltaram à sala e um suspiro de alívio foi o que se ouviu. Marina abriu os braços e as recebeu carinhosamente. Agora, era questão de tempo.

Esperar... esperar... difícil esperar.

Oito

De todos os cantos surgiam pessoas que vinham prestar-lhes seu adeus. Os próprios familiares não faziam ideia da extensão do trabalho dela, pois cada um que chegava tinha um fato, uma história de ajuda, de amor, de fraternidade e de solidariedade envolvendo-a.

Às vezes, é difícil avaliar o que uma pessoa realiza em benefício do próximo, mesmo que esse próximo esteja dentro do nosso lar ou no grupo familiar, enquanto ela compartilha conosco da existência planetária. Somente depois é que as informações vão chegando e, então, tomamos conhecimento da grandeza desses corações que caminham conosco na mesma senda evolutiva.

Conhecíamos um pouquinho Marina porque sua real grandeza era mantida escondida por esse caráter reto e forte que a tantos sustentou para que não se desviassem. Exemplo que viu nos pais, nos tios e nos avós. Exemplo que passou para os filhos e estes para seus filhos.

Desde nossa última visita juntas a Marina, antes do seu desencarne, essa era a primeira vez que nos reuníamos novamente. Havia se passado um ano da morte dela e somente agora tivéramos condição de nos encontrar. Miriam não pôde ir ao enterro por estar hospitalizada. Mas, Amanda, Camille e eu lá estávamos para homenagearmos nossa companheira de tantos anos.

Marina continua entre nós porque os homens podem até passar, mas seus exemplos ficam gravados em nossas memórias e em nossos atos indelevelmente.

CLARISSE

Não sei quanto tempo me mantive dormindo. Um estado de torpor ainda tomava conta do meu corpo e uma sensação estranha de não saber onde se está, ou de saber que se está em lugar algum, assustava-me.

Lugares desconhecidos sempre me inquietaram e aquele, com certeza, era para mim totalmente estranho. Os olhos pareciam envoltos em densa névoa e a percepção de que algo pesava em minha cabeça era terrível. Queria gemer, gritar, fazer qualquer coisa para sair daquele estado, mas não conseguia me movimentar ou, pelo menos, pensava não poder.

As horas não existiam. Dia e noite se revezavam e eu ali, em lugar nenhum, com medo. Não tenho, até hoje, a menor ideia de como sai daquele torpor. Na verdade, até sei, racionalmente, mas a lembrança física não existe. Só me lembro de que, em determinado momento, senti alguém tocar-me carinhosamente a falar alguma coisa que não entendi, mas com enorme doçura. Lembro-me sim, até agora, do suave perfume que envolvia aquelas mãos, a trazer-me de volta para a consciência, como a dizer, através dos gestos, que não estava sozinha e que não precisava sentir medo. Não sei o porquê, mas a confiança entre meu corpo e aquelas mãos fizeram com que fosse despertando, pois, naqueles momentos, elas eram os faróis na minha caminhada às escuras.

Nunca poderei esquecer-las. Mãos abençoadas a indicarem o retorno à vida, a aliviarem as dores e a balsamizar chagas alheias. Mãos a sustentarem a cabeça para que o remédio e o alimento pudessem trazer conforto e fortalecimento ao meu corpo alquebrado. Mãos que me amparavam, que conduziam, que alimentavam. Mãos de Deus pelos Seus mensageiros de amor.

Um dia, ao acordar, não havia mais a névoa nos olhos nem o peso na cabeça. As dores do corpo haviam desaparecido e uma sensação de profunda calma tomava conta de mim. Estava em um quarto de hospital. Era um quarto simples, mas tão bonito que em nada sugeria ou poderia lembrar que assim fosse. Tudo ao redor parecia chamar-me ao otimismo, à vontade de recuperar-me o mais rapidamente possível e poder assumir minha vida com todas as dificuldades que ela tinha. Era assim que eu me sentia naquela manhã.

Mesmo sem saber em qual hospital estava, tinha consciência de que alguma coisa acontecera e, sem me sentir assustada ou preocupada, tratei de aproveitar aquele retorno à lucidez, procurando lembrar-me do que havia acontecido. Não consegui estabelecer nenhuma ligação, pois tinha a impressão de existir um vazio em minha mente. Não tenho conhecimentos médicos a não ser aqueles para resolver comezinhos problemas do dia a dia, mas percebi que havia algo com minha cabeça. Certamente uma pancada, um tombo, não saberia dizer. De qualquer maneira não forcei as lembranças, pois uma sensação longínqua de medo se fez presente. Eu me sentia bem, após tantos dias e não desejava voltar ao mal-estar anterior. Assim, aquietei-me, esperando que alguém viesse ao quarto e pudesse me dar as explicações possíveis. Quem sabe, talvez, a dona daquelas mãos. É interessante dizer “dona”, mas de alguma maneira, eu sabia que eram mãos femininas. Foram somente alguns minutos de espera porque, logo em seguida, a porta abriu-se e um doce sorriso masculino veio acompanhado de profundo olhar, em um rosto relativamente jovem de um médico.

Quando atingimos determinada idade, ou algo após os cinquenta anos, necessitamos ter um médico que nos acompanhe o envelhecimento por causa das inúmeras “doencinhas” que começam a tomar conta do nosso corpo físico. Quase sempre precisamos de exames periódicos para que nos mantenhamos em equilíbrio orgânico – melhor prevenir sempre – a fim de não sermos surpreendidos por disfunções que, devido à idade, se tornam difíceis

de serem diagnosticadas e de curadas. Nada mais sensato, portanto, que tenhamos esses cuidados. Assim, passamos por vários médicos, enfermeiros que, antes de serem profissionais da saúde, são seres humanos imperfeitos e falíveis como nós. De alguns gostamos e uma afinidade se estabelece. De outros, todavia, temos péssimas lembranças. Todavia, aquele homem que ali estava, diante de mim, era algo que escapava a qualquer parâmetro de comparação.

Ao cruzar minha mente, esse pensamento levou-me à Camille e instintivamente comecei a rir, pois eu a via, na minha frente, descrevendo seu encontro com Franco. Um tanto constrangida, pedi desculpas a ele, dizendo que não ria dele, mas da lembrança de uma querida amiga. Serenamente, aproximou-se de mim e comentou:

– Você é uma pessoa abençoada que tem guardado com alegria a imagem dessa amiga. E ela, uma felizarda, que tem uma amiga como você que preservou os momentos de prazer que juntas viveram. Estou feliz por conhecê-la acordada e dar-lhe as boas vindas entre nós depois de sono tão prolongado. Meu nome é José e sou o responsável por você neste hospital. Como está se sentindo hoje?

– Acordada... respondendo a sua pergunta. Muito prazer e obrigada pela ajuda. Gostaria de saber, se for possível, onde estou e o que aconteceu comigo.

– Não se lembra de nada?

– Não, mas sei quem sou e o que fazia. Não estou com amnésia, presumo. Só não me lembro do que aconteceu para que viesse parar aqui.

– Isso é muito bom, pois muitas vezes as pessoas nem sequer se lembram dos seus nomes. Bem, vamos tentar explicar: Você fez um acidente vascular cerebral e isso é mais comum do que as pessoas possam imaginar, pois muitas vezes ignoram que tenham problemas circulatórios, causados por uma série de fatores e, não se cuidando, acabam por desenvolver outras complicações

orgânicas. Não foi o seu caso porque sempre se manteve atenta a isso. Entretanto, a sua ficha médica nos mostra que já havia antecedentes de formação de coágulos sanguíneos e, portanto, estaria dentro do quadro de probabilidades.

– Precisei de cirurgia? – perguntei curiosa.

– Não houve necessidade de cirurgia e você mesma pode ver que tudo está bem, não é verdade? Está realmente sentindo-se bem?

– Eu me sinto muito bem, doutor. E os meus familiares, já foram avisados?

– Sim, mas não poderá estar com eles até que esteja muito bem. E isso são ordens médicas! Você está sendo assistida e, se nos ajudar, e creio que fará isso, e pelo que já posso ver, estará totalmente recuperada no menor prazo possível de tempo.

Doutor José dizia isso sorrindo, de maneira tão meiga, que era impossível não o atender. Explicou-me tudo que precisava saber e, apesar de estar sozinha naquele hospital, sem minha família, eu não me sentia solitária. O próprio ambiente do quarto trazia-me o conforto que me sustentava e, definitivamente, eu não me sentia só.

Sempre ouvi dizer da solidão a dois, a cem, a mil e demorei muito para compreender isso. Tenho amigos e conhecidos que diziam que também não se sentiam sós, apesar de morarem sozinhos, de não terem uma companhia ao seu lado, mas, eu, nunca havia experimentado nem uma coisa nem outra. As duas situações, ao menos no que diz respeito a esses dois extremos, nunca vivenciei. Sempre me senti bem em qualquer lugar, seja cercada de pessoas ou sozinha. Na verdade, muitas vezes, busquei a solidão física para melhor trabalhar e, outras vezes, procurei as pessoas para conversar, trocar ideias ou simplesmente divertir-me. Mas, positivamente, eu me sentia muito bem naquele lugar e não tinha nenhuma vontade de sair dali tão cedo, o que certamente me traria alguns problemas, tendo em vista que hospital não é hotel. Eu queria mesmo era aproveitar o momento e descansar, refazer as

energias e me deleitar naquele ambiente harmonioso e de paz. Se meus familiares estavam cientes do meu estado e da necessidade de permanecer isolada e de onde me encontrar, melhor aproveitar aquela oportunidade.

Durante dias ainda senti muita sonolência. O sono vinha e quando acordava sentia-me refeita. Era um bem-estar tão agradável que, muitas vezes, esqueci que tinha família e que eles talvez estivessem preocupados. Falei ao Dr. José da minha inquietação e ele garantiu-me que todos estavam tranquilos, pois sabiam que estava sendo cuidada. Mais uma vez, a segurança e a doçura com que ele transmitia essa informação aquietavam-me o ânimo.

Naquela manhã percebi que alguma coisa diferente estava para acontecer. Não saberia dizer com certeza o que poderia ser, mas havia uma sensação estranha no ar, e eu fazia parte disso. Nem precisei esperar muito. Senti uma emoção muito grande invadir-me porque imaginei que poderia ser alguém de casa: minha filha, minhas irmãs... Exultei de alegria e ao tentar levantar-me percebi quanto ainda estava enfraquecida. As jovens enfermeiras vieram, em meu socorro e me ajudaram a sentar-me na cadeira ao lado da cama. Depois de dias em um leito, como era bom sentir-me mais livre, mais independente. Todos que adoecem e permanecem demoradamente acamados, sabem o que um simples ato de sentar fora da cama representa. É bem verdade que prenuncia o fim das mordomias, mas como faz bem ao nosso ego. E lá estava eu, iniciando a minha liberdade.

Com que alegria recebi, naquela manhã, o médico que aprendera a querer bem, como se fora um filho dedicado. Quanta ternura surpreendi em seu olhar e nos seus gestos. Quanta dignidade no exercício da profissão. A mim, parecia sempre que ele estava cuidando mais do meu coração do que meu corpo, e por isso eu sempre lhe serei grata.

– Bom dia, minha amiga! – dizia feliz. Como está radiante esta manhã. Parece que já percebeu que vai receber uma visita e pelo visto não perdeu tempo, pois está sentadinha e muito feliz.

Sorri e nesse sorriso depusitei toda minha gratidão àquela criatura. Lentamente, ia restaurando a minha alma e cada vez fazia com que me sentisse mais forte para recomeçar. Nem de longe imaginava o que iríamos ter em seguida.

– A pessoa que veio vê-la está muito feliz porque está conosco, mas estará aguardando até que terminemos uma conversa que precisamos ter. Sabemos que não é materialista e que sabe existir algo além da dimensão do corpo físico. E é sobre essa outra dimensão que vamos falar. Somos, minha amiga, como pequenas sementes que Deus espalha sobre o mundo a fim de aprendermos a germinar o amor. Amor a nós mesmos, ao próximo e a Deus. Entendo que possa parecer estranho colocar nessa ordem e não amar a Deus em primeiro lugar, como nos ensinam as palavras do Evangelho.

– Dr. José, desculpe-me interrompê-lo, mas o senhor parece um religioso falando assim e não um médico.

– Creio, minha irmã, que justamente por ser um médico eu seja um religioso. É muito difícil, para mim, isolar uma coisa da outra, já que não entendo o ato de curar separado do respeito que devemos ter com a criação divina. Quem, com responsabilidade, sabedoria e amor, lida com o corpo e a alma do outro não separa criatura e Criador e, muito menos, considera corpo e alma como dois universos diferentes e isolados um do outro. Somos e seremos sempre um ser único e indivisível em nossas características e particularidades, com suas histórias tão únicas e impossíveis de serem entendidas pelo outro. Só entendo o homem dessa forma: na sua totalidade. Por essa razão lhe disse que somos sementes a germinar. Cada um de nós, como as plantas, tem sua função no Universo, seja apenas para embelezar, dar sombras, frutos ou ajudar na purificação do ar. Quando essa função termina, retornam à terra abençoada que as agasalhou e as sustentou para recomeçarem, após um período de transformação, a nova tarefa. Entretanto, as plantas e os animais repetem por milhares de anos as mesmas funções, adaptando-se, quando necessário, às novas

condições em que muitas vezes são colocados. Conosco, entretanto, é diferente. Representamos a mais perfeita obra de Deus, pois conquistamos, após milhões de existências, o direito de escolher, o direito de decidir se caminhamos por aqui, ou por ali, se temos atitudes coerentes com a lei divina ou não, se pensamos no bem ou no mal, se escolhemos ser felizes ou infelizes como consequências dessas escolhas. Nesse nosso caminhar, muitas vezes, e quase sempre sem percebermos, vamos espalhando esse amor, germinando outras sementes que necessitam apenas desse adubo para prosseguirem nas suas tarefas. E é nessa sementeira que vamos cultivando a nossa sementeira que nos traz, inevitavelmente, abundante colheita de bênçãos.

– Doutor José, desculpe-me interrompê-lo, mas está falando como uma querida amiga. O senhor é espírita?

– Não! Não sou espírita, como se entende, mas, sem dúvida, sou alguém que procura com muito esforço pessoal vencer as barreiras do egoísmo e de todas as suas expressões que nos tornam ainda tão amargos, tão vaidosos, tão presunçosos.

– Interrompi seu pensamento por lembrar alguém tão querido! Desculpe-me, mais uma vez.

– Clarisse, minha querida, é bom nos lembrarmos dos amigos, sobretudo das coisas boas que eles nos deixam. Mas, gostaria de continuar essa minha conversa com você porque ela é muito importante. Você mesma acabou de me mostrar como sua amiga foi importante para você, pois despertou em seu coração algo bom, e isso é germinar amor. Muitas vezes não nos damos conta da importância que temos nesse processo de harmonização do Universo. Acreditamos que nunca fazemos nada, que nossa ajuda é de pouca valia e que nossa contribuição em nada mudará o mundo. E quantos de nós desistem por se acharem fracos e tolhidos diante do mal que está sempre tentando deixar raízes. Entretanto, quando acreditamos que, apesar de todo mal, de toda iniquidade, de toda violência, isso seja transitório e que somente o bem prevalecerá, então seremos mais fortes para continuarmos na tarefa.

– É evidente que está tentando dizer-me algo, que pretende chegar a algum lugar para fazer-me compreender alguma coisa. Entendo o que está falando. Só não compreendo o que está falando.

– Estou falando de encerrar uma tarefa e recomeçar outra.

– Por quê?

– Porque, a partir de agora, você aprenderá a ver a vida e a senti-la de outra maneira. Ao encerrarmos um trabalho, respiramos aliviados pela sensação do dever cumprido. Não é assim com você?

– Certamente que sim, como também deve ser com todos que tem responsabilidade, que não deixam compromissos assumidos pela metade.

– Pois muito bem: temos, portanto, tarefas materiais e espirituais. As primeiras se encerram quando deixamos o corpo físico e as segundas, muitas vezes, permanecem conosco, pois necessitamos completá-las, ainda que tenhamos abandonado o corpo material. Obrigações que nós assumimos, como você mesma disse, e das quais não nos é dado o direito de fugir. Podemos adiá-las e até mesmo nos mantermos na inércia, durante certo tempo, para não termos que executá-las, mas nossa consciência, um dia, nos cobrará essa execução e às vezes de forma bem dolorida.

– Ouvindo-o falar assim, volto a lembrar-me de Camille, a amiga da qual lhe falei agora há pouco. É tão gostoso quando ela fala da sua crença, tão convicta dos princípios que lhe norteiam a vida. Algumas vezes sinto uma pontinha de inveja dessa certeza que ela tem. Penso mesmo que por causa dela mudei muitas coisas na minha maneira de agir. E sabe que é bom? Por isso entendo o que fala.

– Sabe de uma coisa? Está me incomodando esse “senhor” com o qual me chama. Vamos acabar com isso. De agora em diante serei José, seu irmão. Estamos combinados?

– Se prefere assim, está feito, José. O nome de meu pai.

– Já que nos entendemos nisso, vamos entender outras coisas. Você já reparou como tudo aqui é diferente? Não há

agitação, não há medicação como está acostumada, tudo é leve e suave, como convém a um lugar de reparação. Este, minha irmã, é um local de reparação de almas, e não de corpos.

Meu coração acelerou e um leve tremor tomou conta de mim. Eu não conseguia ou não queria entender do que ele estava falando. Mas, lá no fundo do meu ser, sabia que algo estava acontecendo. Permaneci algum tempo paralisada com a cabeça girando, sem conseguir ordenar as ideias. Só percebi novamente a presença de José junto de mim quando, gentilmente, estendeu-me um pouco de água, pedindo que a bebesse. Agi automaticamente, obedecendo. Pareciam longos os minutos que ali fiquei, tentando entender o que estava se passando. Lentamente, fui me lembrando do que havia acontecido antes de acordar naquele lugar: a dormência no braço, a forte dor na cabeça, a visão turvada, a sensação de queda e o apagar para sempre. Tudo voltava de maneira clara à minha mente. Eu sentia novamente a mesma emoção e isso me assustou. A solidão naquele momento era tão presente que a impressão de se estar mergulhando no espaço não ficava apenas no campo da impressão, mas, literalmente, eu a havia experimentado. Era um mergulho para o desconhecido, fugindo da minha eterna necessidade de manter tudo, ou quase tudo, em minha vida, sob controle. Como temos medo do novo! Como nos dá trabalho permanecer na mesmice das situações!

Mais uma vez, aquela voz amiga trazia-me de volta dos meus devaneios, como se tivesse escutado meus pensamentos.

– Querida irmã, você nunca esteve sozinha, desde o início de sua jornada na Terra – dizia aquela criatura que, incansável, permaneceu ao meu lado, cuidando de mim, reerguendo-me e me ajudando no fortalecimento tão necessário para enfrentar a nova situação. Hoje eu entendo o que aquela presença amiga representou para mim naquele momento.

– Amigos sempre a ampararam – continuava com doçura – e continuarão amparando-a porque a misericórdia divina não deixa ninguém sem auxílio. Somos sustentados pelo amor eterno do Pai

criador, que nos envia todos os recursos de que necessitamos, para que nunca nos sintamos abandonados ou desprotegidos. Se às vezes assim pensamos não é porque Ele nos falte, mas sim, porque não conseguimos captar esses recursos que sempre nos chegam pelos amigos desinteressados.

Inevitavelmente, a pergunta se formou em minha mente, mas minha voz não conseguia sair para fazê-la. Parecia que se eu não a fizesse nada teria acontecido e eu acordaria daquele sonho. Eu não tinha escolha. Nunca fui mulher de ficar remoendo coisas sem esclarecê-las devidamente. Nunca soube se esse traço da minha personalidade era um bem ou se me atrapalhava. O que eu sabia, naquela hora, era que precisava ter certeza do que estava pensando. Com esforço sobre-humano perguntei:

– Estou morta?

– Você se sente morta? – perguntou de volta José, esboçando um leve sorriso.

– Não! Claro que não! Eu não entendo isso!

– Nossos conceitos sobre a vida e a morte estão presos a ideias de que existe um céu e um inferno geograficamente circunscritos. Assim, quando se é bom vai-se para o céu, e quando se é mau, para o inferno. Criamos, com isso, a noção de que ao encerrar a vida material, morremos, ou seja, não temos mais vida alguma. Entretanto, você não se sente morta, não é isso? E sabe por quê? Por que a vida verdadeira é a vida do Espírito e não a da matéria. Morremos para a vida material e renascemos para a espiritual. Saímos do mundo da transitoriedade e penetramos no mundo da perenidade. Por essa razão, muitos que aqui chegam não aceitam estar mortos, como sempre entenderam, e julgam estar loucos ou que nós somos os loucos, tentando fazê-los crer que assim estejam. Você percebe a diferença e a dificuldade desses irmãos em compreender e aceitarem a nova vida?

– Perceber, eu percebo! Só não sei se estou pronta para aceitar tão facilmente, também. Tenho certeza de que você não é louco e que eu também não. Só preciso de um tempo para colocar

em ordem minha cabeça. Eu sei que vou entender depois de pensar. Nunca aceitei as coisas só porque me diziam que eram assim. Sempre procurei passar pelo crivo da razão, analisando, ponderando, comparando e buscando, principalmente, a lógica. Por favor, sem se aborrecer, pode dar-me um tempo?

– Você terá todo tempo para pensar, mas só depois de receber a pessoa que está aí fora esperando para vê-la – disse sorrindo de tal forma que parecia inundar-me por dentro, acalmando meu coração. – Posso pedir para entrar?

– Certamente que sim! Não consigo sequer imaginar que poderá ser.

Lentamente a porta é aberta e qual um anjo saído das nuvens, como nas imagens infantis nas quais seres viriam em nosso socorro quando estivéssemos em perigo, Marina surge na minha frente. Não sabia se ria, chorava ou pulava em seu pescoço de tanto contentamento por vê-la. Feito fada madrinha ela vinha transformar a borralheira em princesa.

Sem condição de ir ao seu encontro, Marina veio até mim. Abraçou-me demoradamente, amparando meu pranto que corria livre agora, como se toda tristeza, toda incerteza e todo medo estivessem sendo expulsos da minha alma para sempre. Não sei dizer quanto tempo ficamos abraçadas, mas, quando nos separamos, eu não era mais a mesma; não havia temores nem pesares, somente alegria e a certeza de que nunca, na verdade, estivera sozinha. Tinha certeza de que as mãos amigas que me acolheram e que se mantiveram junto de mim, até meu despertar, eram as mãos de Marina e, por isso, benditas sejam para sempre!

ACORDEI

A sensação de solidão que tantas vezes nos acolhe só acontece porque nossa ideia, ainda superficial, da verdadeira dimensão da vida, restringe-se apenas ao presente. Nem de longe supomos a extensão e a profundidade da nossa existência, como seres imortais, criados para sermos felizes e livres das amarras que nos prendem à vida material, pois que são esses valores que agasalhamos em nosso viver. Agora, Espírito livre que era, experimentava uma capacidade de entender muito melhor a mim própria e a tudo que me cercava. Sabia que a partir daquele momento poderia ter, se me fosse permitido, acesso a tudo que desejasse. E a minha antiga ânsia de querer saber mais, a respeito de muitas coisas, que até então não me fora possível aprender, voltava mais forte do que nunca.

Marina percebeu o que se passava comigo e, amorosamente, pediu-me para ter bastante calma e começar a exercitar o que ela sabia ser difícil para mim: a paciência. Aprender a esperar. Que luta imensa seria essa, a partir daquele momento.

– Tudo virá a seu tempo e hora – disse-me ela. – Primeiro você irá se fortalecer. Estarei perto o tempo que necessitar. Conversaremos sobre esse novo estado de consciência, relembremos momentos da vida planetária e, quando estiver pronta, sairemos daqui para uma casa onde ficará morando. Poderemos trabalhar juntas e realizarmos muitas coisas em benefícios de outros companheiros.

– Trabalhar? – perguntei admirada.

– Sim, trabalhar! Minha irmã querida, você pode me imaginar e se imaginar parada em perpétuo estado de êxtase ou ociosidade sem fazer algo de útil?

– Evidentemente que não! – respondi.

– Pois é! Como pode ver nada de céu, nada de inferno, nada de purgatório. Cada uma dessas estações – é assim que eu as chamo – está dentro de nós, na nossa maneira de conduzir a vida, nas atitudes que tomamos, nas escolhas que fazemos. É isso, minha amiga: o céu e o inferno estão dentro de nós e não fora de nós, como nos fizeram crer um dia.

– Imagino como deve ter sido difícil para você compreender tudo isso. Tão diferente dos conceitos dentro dos quais foi criada e praticava.

– Para ser bem honesta, eu nunca estive muito convicta a respeito de tudo isso que me ensinaram. Acredito que no fundo da minha consciência, eu sabia que existia alguma coisa além. De qualquer modo, fiquei feliz ao saber que poderia continuar sendo útil. O resto é aprendizado para nossa evolução.

– Acha que posso fazer algo para ajudar? Nunca fui muito dedicada a esse tipo de trabalho. Você sempre soube da minha dificuldade em lidar com a miséria humana, seja material ou moral.

– Creia-me, querida, não será diferente com você. Você aprenderá. Além do mais, só fará aquilo que puder, sem constrangimentos e sem que se sinta violentada. Algumas pessoas relutam mais, são refratárias, mas, um dia, acabam cedendo e iniciam a caminhada. Por isso, não tenha pressa. Temos muito tempo. O trabalho é muito e são poucos os trabalhadores de boa vontade. Você será bem-vinda e, o que é mais importante, verá do que é capaz quando se propuser a fazer algo realmente útil ao próximo. Cada um de nós, minha irmã, tem uma tarefa a executar. Você encontrará a sua com a ajuda dos orientadores espirituais. Encontrará a que melhor se adapte às suas necessidades de crescimento e aos conhecimentos de que dispõe e que poderão ajudá-la. Acima de tudo, confie em Jesus e agradeça a Deus pela oportunidade que está tendo.

– Com sua ajuda, eu aprenderei, tenho certeza disso. Posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro que sim! Se puder responder...

- Quanto tempo faz que eu estou aqui?
- No hospital?
- Desde que aconteceu...
- Há bastante tempo. Mas isso não tem importância para nós já que o tempo, aqui, tem outra dimensão. Não se preocupe com isso, está bem? Você verá como tudo sempre foi relativo na vida. Nós é que sempre imaginamos ter certezas absolutas, fossem elas verdades ou mentiras, realidade ou fantasia. Não tenha pressa. Agora, fique em paz. Procure usufruir dessa calma para que se recupere rapidamente. Preciso muito de você, minha amiga. Que Jesus a ampare!

Um abraço amigo nos uniu e selou para sempre nossa amizade ou, pelo menos, confirmou-a para toda a eternidade.

Marina já havia saído e eu permanecia ali em profunda reflexão. Uma calma imensa tomou conta de mim e, pela primeira vez, sentia paz.

Enquanto o Espírito vivencia a dimensão da matéria, não temos noção do que seja o tempo. Encarnados, acreditamos, em determinada fase da existência, que temos a vida toda pela frente; depois, gostaríamos de ter mais tempo para refazer caminhos, corrigir enganos, retomar sonhos. Mas aí somos chamados ao cumprimento do tempo no corpo físico. Entretanto, quando conseguimos tornar proveitosa a existência, compreendemos depois, ao retornar à vida espiritual, quanto nos foi útil o aprendizado, mas, ao contrário, se desperdiçamos a experiência tão preciosa, a consciência nos chamará a retornarmos ao trecho do caminho onde paramos, e daí recomeçarmos, quase sempre, com maiores dificuldades.

Compreendia, finalmente, o que o doutor José me dissera. Acordara para a Verdade da Vida Eterna.

A NOVA TAREFA

Meu aprendizado não foi diferente. Porém, apoiada nos novos conhecimentos e no amor dos companheiros de tarefas, pude ir crescendo em conhecimento e experimentando a cada dia o que é sentir-se verdadeiramente livre. No mundo dos Espíritos não temos a dimensão do tempo terreno e por essa razão não me dei conta do quanto já havia vivido. Só sentia, naquele momento, uma grande necessidade de voltar a escrever.

Para quem sempre escreveu para os ditos vivos, não sabia como proceder para continuar fazendo o que mais gostava. Evidentemente, minha visão de valores havia mudado. Minhas prioridades eram outras e ficava difícil saber até como fazer e para quem fazê-lo. Orientada por Marina, busquei o instrutor encarregado desse trabalho e, para minha surpresa, disse-me para transmitir as minhas mais doces lembranças enquanto estive encarnada.

– Todos no Universo precisam saber do amor verdadeiro que une as criaturas, enquanto estão na matéria, e como esse sentimento as une ao Pai Criador. Busque esse material dentro de você. Vasculhe seu coração, sua memória afetiva e o encontrará! – disse-me com convicção.

Não tinha ideia alguma, até porque, na minha mente, eu deveria narrar coisas que aconteciam no plano espiritual e não no material. Eu só sabia que não havia chances de contar algo interessante acontecido comigo após o desencarne, primeiro porque não havia acontecido nada que merecesse registro e, segundo, porque eu ainda tateava nesse aprendizado. Daí a surpresa em relação à orientação recebida.

– Faça tudo com calma, pois o tempo é nosso aliado, lembre-se disso – completou sorrindo carinhosamente, como se

soubesse o que se passava em minha mente. Mas, o que estou dizendo?! É claro que ela sabia!

Aconteceu sem que me desse conta. Deitada, pensando na grandeza do Pai que me presenteava com tantas benesses, veio-me à mente uma imagem como se fosse um quadro. Demorei um pouco para entender o seu significado, mas, lentamente, fui percebendo o que estava sendo passado para mim. Via claramente um livro de capa verde, com detalhes dourados, contra um fundo escuro, que parecia ser um tecido, um tanto grosseiro, mas que formava com aquele livro um conjunto harmonioso. O que me chamou a atenção nesse quadro foi o título do livro. Em letras douradas, lá estava ele: *As Cinco*. Fiquei pensando no que aquilo poderia significar e não consegui atinar com nada naquele momento.

Somente alguns dias depois, dei-me conta de que se referia às minhas quatro amigas, minhas irmãs pelo coração. Eram, portanto, as quatro personagens da minha história, ou da história que pretendia contar. E a quinta, quem seria? Novamente um branco tomou o meu pensamento. Por que o livro falava em cinco se eram quatro? Parecia um enigma que não conseguia decifrar. E mais uma vez Marina veio em meu socorro.

Há alguns dias não a via, pois estava se desincumbindo de outras tarefas, em regiões onde sua presença doce e diligente se fazia necessária. Quando poderia eu, um dia, ter condição de ser tão útil como ela? Sentia-me, algumas vezes, de uma inutilidade atroz, tendo em vista a impaciência que voltava a aflorar em mim de vez em quando. Quantas lutas eu deveria ainda travar comigo própria para vencer tantas imperfeições! Nesses momentos, uma sensação de impotência tomava conta de mim e acabava por entristecer-me, pois percebia como estava sendo ingrata com aqueles amigos que, incessantemente, procuravam manter-me esperançosa e confiante na misericórdia de Deus. Sentia-me duplamente culpada pela sensação de inutilidade e por continuar dando trabalho a criaturas tão amorosas e com tantos afazeres. A

ideia do livro veio dar-me novo alento. Só não conseguia decifrar o enigma que imaginava existir.

A volta de Marina possibilitou-me o esclarecimento. Hoje, tenho condição de narrar o fato, mas, naquele dia, só não “morri de vergonha” – e creiam-me, ninguém morre verdadeiramente de nada – porque as risadas que se seguiram não permitiram que tal acontecesse. Com a calma que lhe é peculiar, Marina ouviu-me contar tudo, inclusive a visão do livro. Depois, sorrindo perguntou-me quem eram as quatro – como se ela não soubesse – e eu disse: “Você, Camille, Miriam e Amanda. As quatro”.

– E quem irá escrever sobre nós? – perguntou-me.

– Eu! Ao menos é essa a ideia – respondi.

– Bem, está me parecendo que temos quatro personagens e uma escritora. E se a matemática não mudou quatro mais um são cinco.

Impossível descrever o que senti naquele momento. Marina ria e eu, com um misto de incredulidade e vergonha, só fazia rir também. Abracei-a e agradeci-lhe mais uma vez. Permanecemos conversando sobre o ocorrido e também sobre a ideia do livro a ser escrito. Precisava agora saber como poderia fazê-lo, estando da espiritualidade. Marina lembrou-me que os estudos sobre mediunidade que eu vinha realizando me dariam a luz que precisava.

Compreendi, também, que não bastava eu querer. Precisava que o projeto tivesse um objetivo útil. Necessitava de alguém encarnada que servisse de intermediário, de ponte para que eu pudesse transmitir as minhas ideias que, diga-se de passagem, não eram poucas; como também precisava da sintonia vibratória entre mim – Espírito comunicante – e um médium evangelizado. Pensei nas minhas amigas que haviam permanecido na matéria e que, afinal de contas, seriam meus personagens. Ponderei vários dias e levei minha ideia ao nosso orientador. Gostaria que Camille fosse a medianeira, pois eu conhecia sua sensibilidade psíquica e, acima de tudo, o grande amor que nos unia.

A sugestão foi aceita, mas havia dois problemas que precisavam ser contornados. Um deles era o fato de Camille ter medo de Espíritos. Não conseguia dormir com a luz do quarto apagada, pois acreditava que assim eles não viriam. Meu bom Deus! Quantas gargalhadas eu dei, enquanto na vida planetária, zombando da minha amiga e, agora precisava que esse medo desaparecesse. Por favor, entendam minha diversão com o medo dela: uma espírita com medo de Espíritos! Quem vai acreditar? O segundo, dizia respeito ao escrúpulo que ela sentia quando se tratava de falar sobre si. Se a ideia era escrever sobre as quatro, de que modo poderia convencê-la a escrever sobre si mesma? Ainda que se tratasse dos meus sentimentos e de minhas lembranças, ela não o faria. Eu não tinha escolha. Alguém precisava escrever sobre ela.

Não foi necessário pensar muito, pois a imagem de Amanda vinha como salvadora do impasse no qual havia me colocado. Tinha experiência em psicografia, conhecimento doutrinário, a faculdade mediúnica educada e, acima de tudo uma profunda amizade por nós, além de participar de uma equipe segura e séria na casa espírita na qual trabalhava. Iria dividir os temas do livro entre as duas. Ao menos, o segundo problema estava resolvido.

A aproximação seria feita da mesma maneira em ambos os casos, só que em relação à Amanda seria mais fácil. Com Camille, todavia, era preciso calma e muita paciência, pois necessitaríamos de um longo tempo até que ela estivesse preparada para essa tarefa. Era um dos melhores instrumentos que se poderia desejar pela sua bondade, indulgência, profundo sentimento de amor ao próximo. Eu tinha um projeto, isto é, um objetivo e vontade de realizá-lo; tinha também a permissão dos Espíritos superiores; sabia da minha afinidade com ambas. Só restava Camille querer. A parte mais difícil iria começar.

A equipe formada e encarregada de cuidar da literatura espírita – à falta de termo melhor consideremos esse para designá-la – possuía toda uma estratégia para atingir a meta traçada. E foi

por meio da sutileza e de grande afinidade fraterna que unia a todos que conseguimos atingir nosso objetivo.

O primeiro passo era ir envolvendo lenta e sutilmente o pensamento de Camille, levando-a a se lembrar com carinho de mim, dos momentos alegres que havíamos passado juntas. Nessas lembranças, muitas vezes, a imagem de Marina também surgia e um doce sorriso tomava conta do seu rosto. Outras vezes, em sonhos, nos encontrávamos e o elo da amizade que sempre nos unira, enquanto eu estava na matéria, fortalecia-se, elemento do qual se aproveitavam os benfeitores para influenciar suas lembranças.

Todas as vezes que esse processo acontecia, estive presente para que nossas vibrações pudessem ir se irmanando e se equilibrando, de modo a fazê-la perceber que as lembranças que vinha à sua mente não eram desagradáveis, muito pelo contrário, eram prazerosas. Foram dois anos de trabalho para a aproximação necessária, a fim de que o livro pudesse ser escrito; e como o tempo no mundo dos Espíritos não é medido como no mundo material, não havia pressa. Era importante a segurança psíquica da nossa amiga e o seu bem-estar físico para que a tarefa se realizasse a contento. Somente quando Camille estava pronta para psicografar o livro, iniciamos também a tarefa com Amanda.

Um dia, por influência dos bons amigos espirituais, Camille desejou escrever o que estava vindo à sua mente, por meio das lembranças. Havíamos ultrapassado, nesse momento, o principal obstáculo. Ela ainda não sabia que estava escrevendo sob a influência de um Espírito, mas já era um grande começo. Ainda não era eu, mas a aceitação que houve, por parte dela, permitiria que mais breve do que eu imaginava, poderíamos iniciar o trabalho. Com bastante alegria em nossos corações, retornamos aos nossos afazeres, deixando-a descansar e usufruir da alegria íntima que tomava conta de todo o seu ser.

Depois de um pouco mais de um ano de aproximação com nossa amada amiga, decidimos que já era hora de ela escrever um texto mais longo. Já psicografava mensagens curtas, poemas, e isso era bastante animador, disse eu à Marina.

– E o que decidiram fazer? Já escolheram o tema?

– Sim. Reencarnação é um assunto que desperta muita atenção de leitores espíritas e não espíritas. Estamos pensando em algo como reminiscências reencarnatórias. Parece-nos promissor para os nossos objetivos tratar desses *flashes* que todos têm, esses *déjà-vu* que tanto intrigam e assustam quem ainda se encontra encarnado no planeta.

– É um ótimo caminho para o passo seguinte – concorda Marina. – Estarei orando para que tudo saia como o planejado.

– E nós estamos trabalhando para isso, minha irmã.

– Nossa tarefa é a de dilatar consciências para que o homem se veja como um ser cósmico, como somos todos nós. Seres cósmicos, sim, ligados a Deus e que veem e sentem todos como irmãos, filhos do mesmo Pai. Chegaremos lá, minha irmã, e deixaremos de ser esse homem preconceituoso, tacanho, limitado espiritualmente.

– Que assim seja, Clarisse!

O CONTO

RESSONÂNCIAS AFETIVAS

Eram dezenove horas e trinta minutos de uma segunda-feira. Nada, até aquele momento, fazia com que ela suspeitasse da mudança programada para sua vida. Entrava tranquila em uma sala de aula de uma casa espírita que frequentava há anos, no bairro onde morava. O curso que ia fazer já havia começado e por motivos pessoais não conseguira iniciar junto com a turma. A expectativa em qualquer início de atividade de estudo é sempre normal. Quem seria o expositor? Entrou calma. Ele estava de costas. Cumprimentou-o com um alegre "olá" e ele virou-se. Dois profundos olhos azuis a fitaram e, como se um furacão lhe varresse a mente, se perguntou: "De onde o conheço?" Tinha certeza absoluta de nunca o ter visto, pois certamente não esqueceria aqueles olhos. E ele sorriu. A fisionomia se completava e ao invés de serenar seu coração parecia, naquele momento, que o mundo parava.

O tempo se encarrega de apagar lembranças que desejamos, mas também se encarrega de nos colocar novamente na mesma ciranda para que aprendamos a rodar juntos, em uníssono com o Universo. E ali estava ele, colocado diante dela sem que um soubesse qual lembrança estava acontecendo na mente do outro. A imagem de hoje esvaneceu-se e à sua frente surgiu, como em imensa tela de cinema, o púlpito majestoso e nele a inconfundível figura de Monsenhor Renard. Parecia que todo poder e toda glória da Igreja se resumiam naquele homem. Quando falava, suas palavras percorriam a imensa nave, envolvendo cada um que ali estava.

A jovem Stella se sentia pequena, frágil e absolutamente impotente diante daquela fortaleza. Ele a dominava somente com o som da sua voz. Que poder era aquele que lhe tirava suas forças e não a deixava raciocinar, ponderar, e buscar em Deus o fortalecimento necessário para fugir daquele jugo? E que Deus era aquele que não afastava de sua vida aquele homem? Como era difícil para ela cumprir seus deveres cristãos, pois não conseguia paz para isso! Sedução era a palavra que ela não conseguia pronunciar, mas era a que traduzia, sem sombra de dúvida, o que acontecia com ela. O pregador silencia e ela se deixa ficar onde está. Estática.

A nave central se esvazia e ela nem sequer dá-se conta disso. Quando quis se levantar, uma mão estendida lhe ofereceu apoio. Era Monsenhor Renard. Olhar profundo, envolvente, cravando em seu coração. Ele vinha buscá-la a fim de, mais uma vez, tê-la sucumbida em seus braços. Dois amantes ensandecidos, vítimas de seus próprios desejos. Ela, sem poder dizer não, sem conseguir resistir; ele, não querendo abrir mão de seu poder de sedução. Conhecia seu poder sobre ela. Sabia do seu poder sobre todos.

Corações enfermos, em mentes desarvoradas, trazem sofrimento para si próprios e o espalham ao seu redor, envolvendo a todos que lhes cruzam o caminho ou que partilham com eles a jornada evolutiva. Paixões incontidas, levando a desatinos e permitindo sintonias de baixo padrão vibratório atraem, sem pudores, entidades que gravitam na mesma atmosfera fluídica. Viciações, desequilíbrios, abandono, a busca da morte como saída daquele inferno. No horror da vilania sofrida, envolta no ódio da humilhação sentida, e no abandono de quem não tem na vida a não ser o objeto amado, de quem não se vê, de quem não se ama, de quem não se sente como individualidade, precisando gravitar ao redor de outrem para ter um objetivo, Stella pôs fim a uma existência que poderia ter sido proveitosa e benéfica para si e para os outros.

Sentimento de ódio e desejo de vingança nortearam a vida desse Espírito durante dezenas de anos. Mas a bondade de Deus nos concede inúmeros recursos de reabilitação e de fortalecimento para isso. O tempo, correndo célere, é nosso aliado e a bênção do esquecimento nos alcança quando somos solicitados a retornar à experiência terrena. Encontros e reencontros se sucedem e assim vamos aprendendo a valorizar a vida e as oportunidades de trabalho para nosso crescimento.

A imagem antiga se apaga e a figura do expositor volta a ocupar a sua visão. Num átimo de segundo ela compreendeu. Mas e os sentimentos antigos, onde ficaram? O que aconteceu para que hoje, ela não os sentisse mais? Coração acelerado, a tentativa de disfarçar o que estava acontecendo, o receio de ser pega nessa inquietação, mas principalmente o temor de que ele também se lembrasse, fizeram com que lentamente retornasse à serenidade. A Natureza não dá saltos e, assim, só nos é dado conhecer o que podemos compreender.

Apresentações, votos de boas-vindas, companheiros de curso chegando, tudo isso propiciou um retorno ao equilíbrio dessa criatura verdadeiramente perplexa diante do que acabara de vivenciar. Novos conhecimentos, estudos mais profundos, vão nos dando as condições de melhor entendermos o que nos acontece e o que acontece ao nosso redor. O que parecia anormal, milagroso ou sobrenatural, nos surge agora como normal, pois que faz parte das leis naturais. E, apesar de toda lembrança experimentada, ele era, naquele momento, o único homem a quem ela confiaria seu coração.

Semanas se sucedem e a camaradagem toma conta de todos naquela sala. Tempo produtivo de aprendizagem e esclarecimentos. Oportunidades benditas de colocar em prática o que se aprende vão surgindo a cada dia na vida de todos. Uma aparente confiança entre ela e o expositor parecia prenunciar que tudo estava muito bem.

Um dia, companheiros de classe descobriram a data do aniversário dele. Natural alegria tomou conta de todos e, tal qual alunos querendo agradecer o mestre, preparam para ele festa surpresa. Alegria, risos, abraços amorosos de quem é grato a alguém que se afasta do aconchego do lar e que vem abnegadamente ajudar os que buscam aprender. Ela também se aproximou para abraçá-lo e, ao fazê-lo, viu o medo que aquela aproximação física causava a ele. O coração dele acelerou e gentilmente a afastou. Ignorava ele o porquê da sua atitude, o que lhe causara temor. Não era dado a aventuras amorosas, mas o que o levou a afastá-la de si? O gesto o agradou! O contato físico acalentou seu coração naquele momento. O que estava acontecendo com ele?

A noite, amiga silenciosa, nos surpreende muitas vezes com lembranças as quais nem nos apercebemos estarem em nossa mente. Veladas, silenciosas, vão chegando lentamente a esse coração inquieto. Armand. É esse seu nome. Antes, Renard. Um professor pacato e tímido. Uma praça e no meio dela aquela mulher brilha. Dança, canta e representa com o grupo de artistas mambembe que recolhe da caridade alheia, em cada cidade que se apresenta, o seu sustento. Naquele momento, para ele, o tempo parou. Pela primeira vez aquele pacato homem sentiu que estava vivo e a única coisa que desejava era estar para sempre ao lado de Teresa. Antes Stella.

Os companheiros partiram maldizendo a perda daquela que na verdade era a responsável pela existência do grupo. Não que fossem talentosos, muito pelo contrário, mas a beleza e a força sensual de Teresa davam-lhes sempre o que comer durante alguns dias, após cada apresentação.

Como a maioria das mulheres, a artista queria apenas ser mulher. O abandono do grupo foi inevitável. O casamento com Armand, a alegria dos primeiros tempos, a tristeza dos filhos que não vinham, os cuidados com a casa, a monotonia, as dificuldades financeiras. O viço da vida despreocupada, que antes atraía muitos

homens, começa a dar os primeiros sinais de desaparecimento. Teresa amava seu marido, mas a preocupação dele era sempre com seus alunos, como se ele precisasse conduzi-los, constantemente, ao caminho reto. Armand sentia uma espécie de remorso, de culpa, que não entendia, em relação a todos seus alunos e, por incrível que pareça, também por Teresa. Daí realizar todos os seus desejos. Mas ela queria mais.

O Espírito dela se inquieta. O desejo de novidades, de quem percorre o mundo na alegria da vida irresponsável, começa a tomar conta de sua mente. Mas ela ama seu marido e sabe que ele também a ama. Onde está a razão dessa insatisfação? Por que esse amor não a alegra mais? Por que esse desejo de ir além, mesmo sabendo que pode feri-lo moralmente, magoá-lo?

Sintonizamos sempre com o que nos afinamos. E outros homens chegaram à vida de Teresa. Presentes que ela dizia ter recebido de amigas. Joias que escondia para não serem vistas. Armand sabia, pois conhecia sua mulher, mas também a amava e sobretudo se sentia culpado por ela ter mudado assim. E essa sensação de culpa que nunca o abandonava fazia com que a perdoasse sempre. Ele tinha certeza de que um dia ela voltaria para ele e que poderiam ser felizes, um ao lado do outro.

O sobressalto, o corpo molhado, a respiração ofegante. Assim ele lembra como que saído de um turbilhão. As ideias parecem não ter lógica e ele demora longos minutos para retornar ao domínio de sua mente. Minutos demorados e benditos que permitiram àquele coração inquieto compreender a razão do seu medo. A lembrança do passado chega a ele, agora, com toda força e com todas as emoções que acompanharam os fatos. Sabia de Renard e Armand, não ignorava mais Stella e Teresa, todos personagens de vidas vividas e sofridas. Mas bendita seja essa dor que proporciona crescimento, quando podemos aceitá-la como forma do Amor de Deus às Suas criaturas.

O conhecimento que vamos adquirindo a cada experiência vivida nos faz entender que nada dá saltos. Cada etapa da evolução

espiritual que experimentamos nos conduz com segurança para a seguinte. Assim, mais preparados e mais atentos, vamos cumprindo todas elas, queiramos ou não. Como vivemos, assim morremos. O tumulto que criamos dentro de nós acaba sempre nos levando a desligamentos corporais de grande dor. Respiramos a mesma atmosfera aqui e lá. Espíritos renitentes, insistimos em continuar ignorando as leis amorosas que nos regem a conduta. Tateamos, como cegos, na busca de sentir o que nosso Espírito materializado procura por meio do corpo. E, sem condutor seguro, nos perdemos, quase sempre, em labirintos tortuosos que não nos permitem enxergar a saída.

Segunda-feira, dezenove horas e trinta minutos. Ela entra na sala. É sempre a primeira a chegar. Pela primeira vez, durante tantas semanas, ele não aparece. Um substituto é enviado para continuar os trabalhos. Nós paramos, o Plano Espiritual não.

A busca de ajuda pelo Evangelho de Jesus e o conforto da prece realizam milagres dentro de nós. Fortalecemo-nos para os embates que nos chegam a cada momento e a Misericórdia Divina se faz presente em nossas vidas pelo sono reconfortante. Espíritos libertos buscam encontrar afins. Amigos Invisíveis conduzem esses dois corações ao encontro tão necessário. Lágrimas, sorrisos e o abraço amoroso sem medo unem as duas almas. Compromissos anteriores se cumprem e o amor desvairado e egoísta, que tanto sofrimento lhes trouxe, surge transformado sob a forma de perdão e esquecimento das faltas. Todo amor sublimado resplandece no trabalho do Bem e espalha ao redor daquele que ama uma atmosfera de paz e confiança que não se consegue esconder. Sempre foi assim e para sempre será. A capacidade de perdoar de cada um é muito maior do que sua vontade de colocar em movimento essa usina de amor.

Segunda-feira, dezenove horas e trinta minutos. Ela entra na sala. É sempre a primeira a chegar. Ele lá está, de costas. Um alegre "olá" o obriga a voltar-se. Seus olhos se encontram. Nada os perturba. O tempo não parou, o coração não acelerou. Apenas paz

e entendimento habitam aqueles corações. Eles voltaram a estar juntos, caminhando a mesma estrada, buscando o mesmo fim. Um amor imenso os une agora, para sempre, verdadeiro. Ela lhe entrega um livro com delicada dedicatória: "Querido irmão, tenha certeza de que estamos juntos por uma razão muito forte: auxiliar o próximo, pelo amor de Jesus. Um abraço fraterno e muita paz".

Não havia assinatura, não havia endereçamento. Que nomes colocaria? Armand estava certo. Um dia, estariam juntos para sempre.

Durante muito tempo trabalhamos a faculdade mediúnica de nossa querida companheira de equipe, para que eu pudesse iniciar esse livro, amparada, também, pela equipe terrena que estava preparada para o trabalho de psicografia, na casa espírita na qual ela trabalhava e que trabalha até hoje. Tanto Camille quanto Amanda continuam a tarefa de levar esclarecimentos, conforto por meio do Evangelho, pelas suas faculdades benditas.

Pela amizade que nos unia e que nos une até hoje, pudemos envolver suas mentes. O circuito mediúnico foi fechado e, por intermédio delas, a história dessas quatro mulheres, personagens reais de nomes falsos e com vidas fantásticas, pôde ser contada. Pela misericórdia divina, todos saímos beneficiados dessa experiência. Crescemos, evoluímos e certamente somos melhores hoje.